



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA



LEONARDO GALLO ARAUJO LIMA

**OLIMPÍADA NACIONAL EM HISTÓRIA DO BRASIL, ENSAIO
METODOLÓGICO EM ENSINO DE HISTÓRIA:**

Uma proposta de abordagem pedagógica junto aos alunos de 1.º ano do C. E. Antônio Laércio
Alves Fernandes dos Reis, município de Boa Vista do Gurupi, Maranhão.

ANANINDEUA-PA
2022

LEONARDO GALLO ARAUJO LIMA

**OLIMPÍADA NACIONAL EM HISTÓRIA DO BRASIL, ENSAIO
METODOLÓGICO EM ENSINO DE HISTÓRIA:**

Uma proposta de abordagem pedagógica junto aos alunos de 1.º ano do C. E. Antônio Laércio
Alves Fernandes dos Reis, município de Boa Vista do Gurupi, Maranhão.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Ensino de História/Mestrado Profissional em Ensino
de História da Universidade Federal do Pará/Campus de
Ananindeua, como requisito parcial para obtenção do título
de Mestre.

Linha de pesquisa: Linguagens e narrativas históricas:
produção e difusão

Orientadora: Profa Dra. Siméia de Nazaré Lopes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

L732o Lima, Leonardo Gallo Araujo.
OLIMPIADA NACIONAL EM HISTÓRIA DO BRASIL,
ENSAIO METODOLÓGICO EM ENSINO DE HISTÓRIA: : uma
proposta de abordagem pedagógica junto aos alunos de 1o ano do
C. E. Antônio Laércio Alves Fernandes dos Reis, município de Boa
Vista do Gurupi, Maranhão. / Leonardo Gallo Araujo Lima. —
2022.

138 f. : il. color.

Orientador(a): Profª. Dra. Simeia de Nazaré Lopes
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Campus Universitário de Ananindeua, Mestrado Profissional em
Ensino de História, Ananindeua, 2022.

1. Olimpíadas, Ensino de História. I. Título.

CDD 370.158

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DO DISCENTE

LEONARDO GALLO ARAUJO LIMA

A Comissão Examinadora de Defesa de Dissertação, presidida pela orientadora Profa. Dra. Siméia de Nazaré Lopes e constituída pelas examinadoras Profa. Dra. Eliane Cristina Soares Charlet e Profa. Dra. Elane Cristina Rodrigues Gomes reuniu-se no dia 19 de maio de 2022, às 15:00 horas, através de videoconferência na Plataforma Google Meet, para avaliar a Defesa de Dissertação do mestrando **LEONARDO GALLO ARAÚJO LIMA** intitulada: "OLIMPÍADA NACIONAL EM HISTÓRIA DO BRASIL, ENSAIO METODOLÓGICO EM ENSINO DE HISTÓRIA: uma proposta de abordagem pedagógica junto aos alunos de 1º ano do C. E. Antônio Laércio Alves Fernandes dos Reis, município de Boa Vista do Gurupi, Maranhão." Após explanação do mestrando e sua arguição pela Comissão Examinadora, a dissertação foi avaliada depois que todos os presentes se retiraram. Desta apreciação, a Comissão Examinadora retirou os seguintes argumentos: 1) que a dissertação atendeu prontamente a todas as recomendações feitas à época do exame de qualificação; 2) que o mestrando respondeu com propriedade a todas as indagações e questionamentos da Banca; 3) que o mestrando construiu argumentos coerentes, dentro de uma escrita que guarda um estilo e clareza a serem exaltados; 4) e que por todos estes aspectos a dissertação foi **APROVADA**, com conceito **EXCELENTE** pela Comissão, de acordo com as normas estabelecidas pelo Regimento do Curso.

Profa. Dra. Siméia de Nazaré Lopes

Orientadora

Profa. Dra. Eliane Cristina Soares Charlet

Membro da Banca – PPGEH – UFPA

Profa. Dra. Elane Cristina Rodrigues Gomes

Membro Externo da Banca – EAUFPA – UFPA



Emitido em 19/05/2022

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO Nº 99/2022 - CANAN (11.82)

(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 01/06/2022 22:23)
ELANE CRISTINA RODRIGUES GOMES
PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO
NPI (11.26)
Matrícula: ###415#6

(Assinado digitalmente em 02/06/2022 07:48)
ELIANE CRISTINA SOARES CHARLET
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
CBRAG (11.11)
Matrícula: ###749#1

(Assinado digitalmente em 01/06/2022 18:30)
SIMEIA DE NAZARE LOPES
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
CANAN (11.82)
Matrícula: ###665#7

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sjpac.ufpa.br/documentos/> informando seu número:
99, ano: 2022, tipo: ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO, data de emissão: 01/06/2022 e o código de
verificação: eefe7d37fa

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao programa de mestrado profissional integrado Profhistória, especialmente ao campus Ananindeua da UFPA, que me acolheu bem, me deu o arcabouço teórico e todo apoio e a oportunidade de conduzir essa pesquisa registrada nessa dissertação. À minha orientadora, professora Doutora Siméia de Nazaré Lopes, por sua paciência, tranquilidade, por seus conhecimentos, suas dicas, conselhos e indicações. Também agradeço aos coordenadores do curso Adilson Júnior Ishihara Brito e Cleodir da Conceição Moraes, por lutarem em prol do programa em momento bastante complicado para a ciência e educação nacionais. Aos professores do curso de pós-graduação, bastante atenciosos, solícitos e empenhados em construir um país melhor através da qualificação dos professores de história da educação básica.

Agradeço minha mãe e à minha família, por seu incentivo, apoio, carinho, compreensão, pessoas sem as quais essa trajetória jamais teria se iniciado. E aos meus alunos pela ajuda, pelas participações nas últimas quatro edições da ONHB, pelos ensinamentos obtidos no contato diário, ainda que por meios virtuais. Também sou grato à acolhedora cidade de Boa Vista do Gurupi no Maranhão, à escola onde trabalho, C.E. Professor Antônio Laércio Alves Fernandes dos Reis.

Lista de Quadros e Tabelas

Quadro 01 - Tarefas da ONHB por fases e edições.....	19
Quadro 02 - Comparativo IDHM (2010). Destaque para Boa Vista do Gurupi.....	52
Quadro 03 - Dados populacionais de Boa Vista do Gurupi.....	54
Quadro 04 - Renda e emprego em Boa Vista do Gurupi.....	54
Quadro 05 - Dados educacionais de Boa Vista do Gurupi	56
Quadro 06 - Distorção Idade-série Boa Vista do Gurupi	64

Lista de Imagens

Imagem 01: Mural “A conquista do espaço”, de Aldo Locatelli, de 1953.	21
Imagem 02: Fotografia “Marcha para Oeste – Rondônia”, de Ricardo Leon Chaves, de 1985.	23
Imagem 03: Iustração “As Cavalhadas de Pirenópolis”, de Roger Mello, de 2018 [2002].....	24
Imagem 04: Documento da questão 10, 1ª fase, 10ª edição (2018).....	32
Imagem 05: Documento 21b, questão 21, 2ª fase 10ª edição.	33
Imagem 06: Documento 21c, questão 21, 2ª fase 10ª edição.....	34
Imagem 07: Documento 24, da questão 24, 3ª fase, 10ª edição.....	35
Imagem 08: Documento 23a, da questão 23, 3ª fase, 11ª edição.....	38
Imagem 09: Continuação do documento 23a, da questão 23, 3ª fase, 11ª edição.	39
Imagem 10: Documento 23b, da questão 23, 3ª fase, 11ª edição.....	40
Imagem 11: Documento 19, questão 19, 2ª fase, 11ª edição.	41
Imagem 12: Documento 02, da questão 02, 1ª fase, 11ª edição.....	43
Imagem 13: Documento da Atividade “Migalhas” 11ª ONHB. O mapa “Descobrimento do rio Amazonas e suas dilatadas províncias”, de 1639.	44
Imagem 14: Documento da Atividade “Migalhas”, 11ª ONHB, aquarela “Barbeiros ambulantes” de Jean Baptiste Debret, de 1826;.....	45
Imagem 15: Documento da Atividade “Migalhas”, 11ª ONHB, fotografia, “Filas em pontos de ônibus no vale do Anhangabaú” de Alice Brill, c. 1953.	46
Imagem 16: Exemplo de “migalhas”, 11ª ONHB, referente à Imagem 13.	47
Imagem 16: Localização de Boa Vista Do Gurupi.....	51
Imagem 17: Boa Vista do Gurupi, Imagem de satélite.....	53
Imagem 18: Mapa topográfico de Boa Vista do Gurupi.....	53
Imagem 19: Desempenho da equipe IDP	69
Imagem 20: Desempenho da equipe Historiadores do Gurupi (participação de uma única aluna).	70

Imagem 21: Documento da tarefa 46, fase 4 13 ^a ONHB.....	71
Imagem 22: Sumário ONHB	72
Imagem 23: Sumário ONHB com o filtro Brasil Colônia em uso.....	72

RESUMO

Esse projeto, pensado e desenvolvido ao longo do mestrado em rede do ProfHistória, campus Ananindeua, Pará, propõe incluir na discussão ensino-aprendizagem a prática da pesquisa realizada pelos discentes em sala de aula, sob orientação do professor, como estratégia permanente no ensino básico de História. Esta pesquisa se realizou no Centro de Ensino Professor Antônio Laércio Alves Fernandes dos Reis em Boa Vista do Gurupi, Maranhão, e para estimular a capacidade de pensar historicamente dos educandos, utilizou-se os materiais propostos pela Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB) – projeto de extensão, formação e divulgação científica, gestado no Museu Exploratório de Ciências do departamento de História da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), tendo como coordenadoras as professoras doutoras Cristina Meneguello e Alessandra Pedro. Para tal, utilizamos materiais da 1ª até a 12ª edições, um período que correspondeu as competições de 2009 a 2020 da referida olimpíada, percebendo como a consciência histórica, conforme define Jörn Rüsen, é estimulada através das diversas fontes utilizadas. A intervenção pedagógica desta dissertação, em meio aos problemas causados pela pandemia de coronavírus, foram oficinas de história cujos temas abordaram a objetificação das mulheres, dos povos indígenas e da população negra ao longo da história do Brasil.

Palavras-chaves: Olimpíadas em História, Ensino de História, ProfHistória, ONHB.

ABSTRACT

This project was conceived and developed during *ProfHistória's* master's degree, *Ananindeua* campus, *Pará*, proposes to include in the teaching-learning discussion the practice of research accomplished by students in the classroom, under the supervision of teacher, as a permanent strategy in basic education of history. This research was conducted at *Centro de Ensino Professor Antônio Laércio Alves Fernandes dos Reis* in *Boa Vista do Gurupi, Maranhão*, and to stimulate students' ability to think historically, materials proposed by the Brazilian National Olympics in History (ONHB) were used - an extension, training and scientific dissemination project, created at the Exploratory Science Museum of the Department of History at University of Campinas (Unicamp), having as coordinators the professors Cristina Meneguello and Alessandra Pedro. We used materials from the 1st until 12th editions, a period that corresponded from 2009 until 2020 competitions of the aforementioned Olympics, perceiving how historical awareness, as defined by Jörn Rüsen, is stimulated through the various sources. The pedagogical intervention of this dissertation, in the midst of the problems caused by the coronavirus pandemic, were history workshops whose themes addressed the objectification of women, indigenous peoples and the black population throughout the history of Brazil.

Keywords: History Olympics, History Teaching, ProfHistória, ONHB.

Sumário

Introdução.....	7
Capítulo I: A Olimpíada Nacional em História do Brasil.....	15
1.1 A Olimpíada Nacional em História do Brasil	15
1.2 A metodologia da Olimpíada Nacional em História do Brasil	24
1.3 As duas primeiras participações do C. E. Professor Antônio Laércio Alves Fernandes dos Reis na ONHB.....	30
1.4 A Olimpíada Nacional em História do Brasil e a consciência histórica	47
Capítulo II: O local da pesquisa. Boa Vista do Gurupi e a Escola do estado	50
2.1 A cidade de Boa Vista do Gurupi, Maranhão. Aqui a gente nunca tem vez.....	50
2.2 A escola.....	58
2.3 Como cheguei em Boa Vista do Gurupi	60
Capítulo III: O produto. Oficinas preparatórias para a ONHB.....	63
3.1 Escolhendo os participantes da pesquisa e a 1ª tentativa de elaboração do projeto.....	63
3.2 13ª ONHB e a 2ª proposta frustrada de projeto. Jornal ou <i>Podcast</i> ?.....	68
3.3 O sumário da ONHB.....	71
3.4 O retorno ao trabalho presencial com os estudantes em 2021	73
3.5 As oficinas aplicadas com os alunos.....	74
Considerações Finais	80
Referências Bibliográficas.....	86
Apêndices	89

Introdução

Por mais que se desenvolvam as discussões teóricas sobre o ensino de história, no sentido de torná-lo mais significativo para os alunos, permanece entre muitos de nós professores, e lamentavelmente ainda me incluo, antigos métodos narrativos e explicativos. Essas longas aulas expositivas, que privilegiam na maioria do tempo pedagógico, a memorização de fatos, personalidades e algumas datas que tem pouco significado para os alunos não contribui para o aperfeiçoamento da capacidade de pensar historicamente dos estudantes.

O resultado tem sido alunos passivos, como receptores de uma narrativa linear pronta e acabada do passado, que não supre a necessidade dos jovens de orientação no tempo e acaba sendo rapidamente esquecida ou se transforma em uma mistura aleatória de nomes, acontecimentos e datas, como é observado pela pesquisadora Flávia Eloisa Caimi (2006). Romper com essa cultura escolar, há muito tempo arraigada, não é uma tarefa simples. Passos fora dessa tradição consolidada exigem muita segurança e autoconfiança que só podem ser adquiridas por uma formação sólida, que nos permita resistir a possíveis obstáculos e pressões para manter-se arriscando em busca de novas alternativas para a inovação necessária do ensino de história.

Esse projeto, pensado e desenvolvido ao longo do mestrado em rede do ProfHistoria, campus Ananindeua, Pará, propõe incluir a pesquisa discente orientada pelo professor como prática permanente no ensino básico de história no C.E. Professor Antônio Laércio Alves Fernandes dos Reis. Adaptando métodos da historiografia em situações pedagógicas, para possibilitar a interpretação de diversos tipos de documentos, como estratégia para desenvolver a capacidade de orientação mental dos alunos do Ensino Médio do presente ao passado e de retorno ao presente, com objetivo de entenderem melhor a si mesmos e suas possibilidades de ação no momento atual, com o intuito de projetarem práticas possíveis para a construção do futuro desejado.

Essa proposta de ensino calcada na memorização, mostra-se obsoleta e é rechaçada pelas pesquisas mais recentes na área da educação e do ensino de história. No *Parâmetro Curricular Nacional Ensino Médio* (PCNEM) (BRASIL, 1999, p. 26), para as Ciências Humanas, sobretudo na seção sobre Ensino de História, reprova-se expressamente esse método antiquado, se reconhece a impossibilidade de se ensinar toda a história e é proposto o estudo de temas “que possam responder às problemáticas contundentes vividas pela nossa sociedade”. O estudo por

temas, comparando épocas distintas, pode contribuir para que os alunos desenvolvam competências e habilidades que os permitam reconhecer mudanças e permanências, semelhanças e diferenças ao longo do processo histórico. Esse importante documento, que orienta a prática pedagógica por todo país, também propõe a incorporação e reelaboração em sala de aula dos mais recentes métodos historiográficos para a análise de diversas fontes imagéticas, escritas e sonoras, possibilitando a comparação entre as diferentes temporalidades do passado e do presente, essenciais para a orientação histórica dos educandos.

Minha proposta de intervenção pedagógica se inspira em participações na Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB), um projeto de extensão, formação e divulgação científica, gestado no Museu Exploratório de Ciências do departamento de História da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), tendo como coordenadora a professora Cristina Meneguello¹, e que passou a ter edições anuais desde 2009, estando no presente ano de 2021 em sua 13ª edição. A ONHB é uma proposta de formação histórica para alunos do Ensino Médio e dos anos finais do Ensino Fundamental, organizados em trios orientados pelo professor de história. Na 12ª edição, em 2020, todas as fases passaram a acontecer, exclusivamente, por meio de plataforma digital, inclusive a fase final e a cerimônia de premiação. Nesse ano as fases se estenderam entre os meses de setembro e outubro, mudanças impostas pela pandemia de covid 19. A cada fase, que dura seis dias, os alunos precisam resolver questões em que marcam uma única alternativa entre quatro e fazem uma tarefa. Participar como orientador de uma equipe nas 10ª e 11ª edições me permitiram vivenciar ganhos significativos na aprendizagem de história pelos alunos, transformação em nossa forma de comunicação e o estreitamento das relações interpessoais entre professores e alunos.

Ainda na graduação experimentei a potencialidade de se estudar a partir de documentos e fontes de época, então, no início da carreira docente em 2012, tentei implementar essa metodologia pedagógica. Contudo, ainda não possuía experiência suficiente e enfrentei muitas dificuldades, como a inadequação das fontes escolhidas, a dificuldade em convencer colegas a escolher materiais didáticos temáticos e a incompreensão discente sobre as experiências pedagógicas que eu tentava conduzir. E diante da pressão para manter a sala mais organizada e silenciosa, exercida por uma cultura escolar mais tradicional, acabei por ceder aos métodos de ensino mais tradicionais.

¹ Docente do Departamento de História da Unicamp. Diretora Associada do Museu Exploratório de Ciências/Unicamp.

Todavia, na mesma época, conheci pela internet a Olimpíada Nacional em História do Brasil, percebi nesse evento a possibilidade de conduzir trabalhos temáticos, utilizando fontes diversas, conduzindo aprendizagens mais significativas nas brechas que me restavam, utilizando o tempo de estudo e planejamento pedagógico para orientar as pesquisas dos alunos. Entretanto, a possibilidade de participar efetivamente do evento só ocorreu em 2018, quando comecei a trabalhar em Boa Vista do Gurupi, no Maranhão e conheci uma aluna, C.F., que se dispôs a montar uma equipe com outros dois colegas para nos inscrevermos no evento.

Então, a partir dessa primeira experiência, me senti motivado a tentar experimentar em sala de aula as propostas de ensino-aprendizagem que vivenciamos através da ONHB, porque por meio dela percebi progressos significativos na aprendizagem dos alunos, mudança qualitativa no paradigma comunicacional, resultando numa “negociação da distância” (MONTEIRO; PENA, 2011), constatadas por outras pesquisas envolvendo a participação na ONHB, como a de Hérika Souza do Valle e Maria do Socorro Magalhães de Sousa (VALLE; SOUSA, 2018).

Por isso, quando, em 2019, iniciei esse mestrado profissional escolhi pesquisar a olimpíada, compreendê-la melhor, saber sua história e metodologia. Para modificar minha prática docente a partir dela, incorporando a pesquisa discente como prática permanente, reelaborando métodos historiográficos e usando fontes em sala de aula.

O produto dessa pesquisa foram oficinas utilizando questões de edições anteriores da ONHB, que foram aplicadas aos alunos do 1º ano do ensino médio de Boa Vista do Gurupi, Maranhão, durante o ensino-aprendizagem do conteúdo de história do Brasil previsto para a referida série. Com esse material que explora documentos históricos ou de época obtivemos aprendizagens de história muito mais significativas, logrando desenvolver a capacidade de “pensar historicamente” e a consciência histórica dos alunos.

As oficinas elaboradas e aplicadas aos alunos ampliaram a intenção deles em participar, nas Olimpíadas Nacionais em História do Brasil (ONHB), porque eles conheceram melhor esse evento do qual não tinham nenhuma informação e conseguiram ter uma experiência menos enfadonha de aprendizagem, em que se sentiram desafiados no que se tornou uma pequena competição entre eles. Realizando as tarefas propostas e as questões,

os participantes da Olimpíada, principalmente os estudantes, passam a ter contato com o produzir da história, o fazer historiográfico, levando a esses alunos um pouco da produção histórica científica encontrada nas

instituições de ensino superior do Brasil, e com o qual muito dificilmente teriam contato. (MENEGUELLO, s.d.)

Assim, além da função de difusão do conhecimento científico, a ONHB apresenta aos estudantes um pouco do fazer historiográfico, da operação histórica, capacitando-os a entender que toda narrativa histórica é a produção de uma pessoa, um cientista que possui um lugar social (DE CERTEAU, 1982). Portanto, todo discurso historiográfico ou que mobilize a memória e conhecimentos históricos é permeado de subjetividade e é produzido com determinado objetivo.

O ensino de história através da ONHB recoloca o ensino de história em seu lugar, conforme Erikson (2011, p. 1068):

We can put history teaching back “in it’s place” by uniting archival research, scholarship on the learning and teaching of history, and effective teaching methods within a new paradigm conscientiously constructed around the places of history practice.

Nesse trecho de seu artigo, Erikson propõe que o ensino de história seja reposicionado em seu lugar, unindo pesquisas em arquivos, estudos sobre a aprendizagem e o ensino da história e métodos de ensino eficazes dentro de um novo paradigma conscientemente construído em torno dos locais de prática histórica. E a proposta de ensino-aprendizagem que pretendo desenvolver através dessa aventura intelectual com os alunos, permite ao professor efetivamente reposicionar o ensino de história em seu lugar. Esta proposta pretende incorporar e adaptar os métodos historiográficos de pesquisa ao contexto pedagógico da educação básica, levando as fontes, o arquivo, para serem estudadas em sala. O palco, que Erikson chama de *podium*, deve ser ocupado quando esses estudantes se posicionam em relação aos documentos e alternativas, justificando seu posicionamento de acordo com os conhecimentos históricos adquiridos por meio de sua pesquisa. Assim, simulamos nas oficinas de preparação para a próxima ONHB a mesma situação de aprendizagem que ocorre nessa aventura intelectual organizada pela UNICAMP, em que os estudantes são postos para pesquisar e interpretar adequadamente os documentos. E ocupam o palco quando defendem suas interpretações sobre as questões junto aos outros participantes da equipe e quando realizam tarefas de produzir e divulgar o conhecimento construído por eles, como nas tarefas das edições anteriores, de produzir um pasquim sobre a reforma do ensino médio ou na produção de páginas de um livro didático sobre uma personalidade da história de seu estado que não aparece nos materiais didáticos.

Enfim, o estudante, experimentando e compreendendo a prática do historiador, percebe como a historiografia, apesar de subjetiva e de abarcar múltiplas possibilidades de verdades, mantém-se rigorosa na análise das fontes e documentos que subsidiam a interpretação do cientista. Além disso, conhecendo como as narrativas históricas são produzidas, tornam-se capazes de criticar os mais diversos discursos que mobilizam a historiografia ou a memória, tornando-se, dessa forma, cidadãos mais críticos.

Espero, assim, contribuir para um ensino de história mais significativo, me desvencilhando do ensino mais conteudista e mecânico, e propondo uma forma de ensino híbrido, explorando atividades de leitura e interpretação de fontes históricas diversificadas que estimulem os discentes a pensar historicamente. E que permita a continuidade da aprendizagem em ambientes além do C.E. Antônio Laércio Alves Fernandes dos Reis.

Assim, pretendo estimular a consciência histórica dos meus alunos, definida por Rüsen (2007, p. 104) como “constituição de sentido sobre a experiência do tempo, no modo de uma memória que vai além dos limites de sua própria vida prática”. Porque a partir da constante pesquisa discente orientada, posicionando os alunos como protagonistas do processo de aprendizagem, eles irão compreender de fato as experiências humanas do passado, atribuindo-las significado prático para suas vidas e retornando mentalmente ao presente com uma capacidade ampliada de compreensão de si mesmos, da posição que ocupam na sociedade e das problemáticas contemporâneas. Espero que dotados desse “espaço de experiência” (KOSELECK, 2006) alargado possam agir no presente, projetando um futuro, individual ou coletivo, melhor e mais justo.

A ONHB auxilia a praticar as operações típicas da consciência histórica, porque sua metodologia inovadora propicia a interpretação das experiências históricas do passado de diversos sujeitos históricos ao trazer para os estudantes grande variedade de documentos, ajudando a ampliar a memória histórica do aluno que se assenhorar dessas experiências. Ao privilegiar o caminho para obter as respostas, em detrimento da velocidade em se obtê-las, a ONHB favorece a pesquisa, a interpretação, o debate entre os participantes e o exercício da narrativa de sentido da experiência do tempo.

O trabalho com diversos temas e diversas fontes, dando voz a diversos agentes históricos (muitas vezes silenciados na narrativa tradicional) permite ao aluno participante ampliar seu horizonte histórico, exercitar sua capacidade de empatia, reforçar sua identidade histórica ou se

desprender dos papéis que a sociedade espera deles, permitindo que constituam mais livremente sua própria identidade e percebendo os limites que a separam da alteridade dos demais.

O trabalho pedagógico de pesquisa discente orientada e a interpretação de documentos, permite a adaptação e utilização constante e permanente de métodos historiográficos que possibilitam aprendizagens mais significativas. Como Paulo Knauss (1996, p. 42) “estou convencido de que o exercício com os documentos de época são mais complexificadores e instauradores de uma ordem de saber mais adequada.” Porque o trabalho de pesquisa a partir de diversas fontes permite que o aluno experimente e compreenda melhor as experiências de outras pessoas no passado, exercite sua capacidade de empatia, proporcionando aprendizado genuíno sobre experiências pretéritas.

O uso da ONHB como ferramenta pedagógica pode facilitar o trabalho dos professores interessados em usar documentos em sala, porque estão disponíveis na internet todas as provas e documentos das edições anteriores para livre acesso no site da ONHB e todo esse material já foi selecionado por profissionais de inegável competência. Para facilitar o manuseio desse material, organizei, com o auxílio dos olímpianos de Boa Vista do Gurupi, uma tabela no excel que descreve e localiza cada uma das questões disponibilizadas no site e no drive da ONHB.

É também minha hipótese que a variedade de tipos de documentos contribui para diminuir a dificuldade de se trabalhar com alunos com problemas de leitura e escrita, e possibilita estimular a habilidade de leitura de textos não-escritos, até porque, como aponta corretamente Knauss (1996, p. 44), “no caso de história, ler não implica apenas textos narrativos, mas igualmente outros tantos testemunhos de época, como mapas, iconografia e as expressões artísticas em geral.”. Esses alunos com dificuldade em ler textos escritos, podem ser estimulados em algum grau em sua consciência histórica por meio de fontes não escritas amplamente utilizadas pela ONHB. Inclusive, todas as edições possuem uma tarefa que auxilia muito na aprendizagem de leitura de documentos iconográficos, chamada de “migalhas”, em que se divide três fontes pictóricas em fragmentos numerados que precisam ser relacionados pelos alunos à frases que podem descrever o que é destacado naquela pequena fração destacada. Esse desafio auxilia bastante o aprendizado da análise criteriosa desse tipo de fonte.

O modelo de comunicação que se estabeleceu na cultura escolar, ao longo dos anos, induz os alunos a uma postura passiva, dificultando o desenvolvimento da consciência histórica deles. Esse paradigma da comunicação transferencial prioriza a memorização de fatos,

acontecimentos eventuais, pessoas e datas em detrimento da descoberta, construção do conhecimento e do raciocínio histórico, contribuindo muito pouco para a aprendizagem de história, posto que a maioria dos estudantes egressos do ensino básico se esquecem do que foi estudado nas aulas de história.

A adoção do modelo de ensino híbrido, explorando as TIC, e utilizando os encontros presenciais para a resolução das atividades previamente enviadas pode aproveitar melhor o tempo pedagógico para estimular a reflexão histórica dos alunos e ajudá-los a desenvolver a própria consciência histórica. É possível que os recursos digitais auxiliem na superação dos problemas estruturais da nossa unidade escolar, podendo o aprendizado continuar em outros espaços, menos precários e mais confortáveis.

Espero que a participação dos alunos na ONHB os estimule a participar das próximas edições e que eles se tornem embaixadores do evento, divulgando a experiência pedagógica que tiveram para seus irmãos, parentes e amigos. E que essa propaganda estimule mais alunos para, quem sabe, cobrar a participação de outros professores municipais e estaduais, de modo a tornar a região um polo de olimpianos no Maranhão.

A pesquisa será realizada no Centro de Educação Professor Antônio Laércio Alves Fernandes dos Reis cuja edificação foi inaugurada em setembro de 2022 e é mantida pela Secretaria de Educação do Estado do Maranhão. A escola é a única instituição escolar que atende alunos do ensino médio da educação básica na cidade de Boa Vista do Gurupi, Maranhão, e desde sua criação não possuía edificação própria. Então, esse é um período de grandes transformações, principalmente se considerarmos a implementação do “novo ensino médio”, com nova organização do currículo, introduzindo percursos formativos e novas matérias eletivas, além da redução da carga horária obrigatória de algumas disciplinas, como a história.

Nessa dissertação, abordaremos a Olimpíada Nacional em História do Brasil, descrevendo sua estrutura, bem como algumas mudanças ocorridas recentemente. Será relatada minha experiência pessoal com a competição, orientando meus alunos e alguns resultados observados com essas equipes nos anos de 2018 e 2019. O segundo capítulo trata do local dessa pesquisa, a cidade de Boa Vista do Gurupi e a escola do estado que atende os alunos da cidade. Abordo historicamente o local da pesquisa, a estrutura da escola e da cidade, bem como os índices relativo à ambas, bem como seu impacto sobre o desempenho dos estudantes a partir de

entrevistas e questionários com eles. O terceiro capítulo trata da intervenção pedagógica com os alunos e das dificuldades enfrentadas nesse processo.

1. Capítulo I: A Olimpíada Nacional em História do Brasil

Nesse capítulo estudaremos como é a Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB), como o evento competitivo ocorre, suas fases, questões e como se dispõe as alternativas e suas atividades. Estudaremos a metodologia aplicada pela ONHB e como foram as experiências de participação nessa formação de história com alunos da Escola Professor Laércio, em Boa Vista do Gurupi, Maranhão. E veremos como os alunos pensam historicamente.

A ONHB é também um projeto de formação docente, todos os anos há um curso de formação para os professores finalistas e há o curso de formação não-presencial, na modalidade EAD, em que os professores orientadores de equipes são automaticamente inscritos. As inscrições também são abertas para professores de história que não se inscreveram na ONHB. Entretanto, não abordaremos esse curso de formação nesta dissertação porque ainda não participei desse processo de formação até sua conclusão. Alguns autores desenvolveram trabalhos que abordam a metodologia desse curso, como a busca dos professores que integram a olimpíada por formação complementar, o incentivo que a competição dá aos professores que por ela se interessam e ao curso oferecido pela ONHB (CALHEIROS; BRITTO, 2018). Mais informações sobre as olimpíadas científicas no Brasil podem ser encontradas em: <http://www.cnpq.br/web/guest/saiba-mais> e <https://noic.com.br/>.²

1.1 A Olimpíada Nacional em História do Brasil.

As Olimpíadas Científicas aconteceram na Europa no século XIX com o objetivo de melhorar os níveis de aprendizagem e se popularizaram ao longo do século XX. Essas Olimpíadas estavam tradicionalmente relacionadas às ciências exatas e da “natureza”. No Brasil, nossa primeira competição científica nesses moldes foi a Olimpíada de Matemática em 1979 (CALHEIROS; BRITTO, 2018).

Existem as mais diversas competições olímpicas, sobre astronomia, ciências da terra (agronomia e ciências agrárias), biologia, química, geografia, física, língua portuguesa, matemática, economia, raciocínio lógico, robótica, interdisciplinares (como a *Sapientia* ou Olimpíada do Futuro) e claro, a Olimpíada Nacional em História do Brasil. Essas competições

² Sobre o curso de formação oferecido pela UNICAMP e pela ONHB, sugiro o artigo sobre o Curso de Formação Continuada da Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB): “A história dos índios na sala de aula”, escrito por Denise Scandarolli e Alessandra Pedro, esta última coordenadora da ONHB, disponível em: <<http://www.sied-enped2016.ead.ufscar.br/ojs/index.php/2016/article/view/1561/638>>

podem ser voltadas aos estudantes do ensino fundamental e médio, alunos dos ensinos técnicos e também universitários. Além de atender aos jovens, podem ser abertas a participantes adultos. Tem tanto o objetivo de ampliar a aprendizagem e promover o aprofundamento dos participantes em determinado assunto, como a pretensão de selecionar pessoas de destaque naquela determinada área do conhecimento.³

Há um interesse cada vez maior dos alunos nessas competições, existindo na internet vários sites⁴ que tratam apenas sobre elas, disponibilizando apostilas para preparação daqueles que pretendem se inscrever nessas competições. As olimpíadas relacionadas às ciências exatas, por terem maior tradição e contarem com maior divulgação por parte das escolas e até mesmo dos meios midiáticos, ainda apresentam maior envolvimento estudantil. Contudo, olimpíadas científicas ligadas às disciplinas das áreas das humanidades têm ganho cada vez mais espaço e relevância, como a Olimpíada Nacional em História do Brasil.

A primeira Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB) foi pensada e elaborada pelo Museu Exploratório de Ciências do departamento de História da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Entre agosto e outubro de 2009, em sua primeira edição, contou com um total de 16 mil participantes de todo país, envolvendo alunos do 9º ano do ensino fundamental, e alunos do ensino médio. No ano passado, entre maio e junho de 2019, a ONHB realizou sua décima primeira edição, com mais de 55 mil alunos participantes de todos os Estados do país e se consolida cada vez mais no cenário escolar nacional a cada edição realizada, sendo inclusive inserida pelos professores nos calendários escolares. As inscrições são feitas exclusivamente pela internet e é cobrada uma taxa de inscrição por equipe, cujo valor varia entre participantes de escolas públicas e privadas. A competição é realizada em equipes de três estudantes da mesma unidade de ensino, que podem ser de séries diferentes, e um professor orientador. O professor pode orientar várias equipes, mas os alunos só podem se inscrever em uma única equipe (OLIMPÍADA..., 2020).

Segundo a coordenadora da ONHB a proposta é “estimular o conhecimento e o estudo e envolver os participantes em atividades de desafio construtivo” com “atividades como a leitura e interpretação de documentos, análise de materiais iconográficos (mapas, gravuras, mídia em geral) e a interpretação de documentos controversos sobre o mesmo evento histórico.”

³ Mais informações sobre as olimpíadas científicas no Brasil podem ser encontradas em: <http://www.cnpq.br/web/guest/saiba-mais> e <https://noic.com.br/>

⁴ Entre esses *sites*, destaca-se o Núcleo Olímpico de Incentivo ao Conhecimento (NOIC) – (<https://noic.com.br/>) –, criado em 2013 por estudantes experientes em Olimpíadas Científicas para divulgar as olimpíadas e ajudar na preparação dos interessados nessas competições, disponibilizando apostilas e simulados.

(MENEGUELLO, 2011, p. 5-14) A prova se estende por meses, em 2019, as seis fases virtuais, feitas apenas pela internet, ocorreram entre os dias 06 de maio e 15 de julho e a fase presencial, no campus da Unicamp, ocorreu no dia 17 de agosto, e teve, no dia seguinte, uma cerimônia de premiação. Ao longo das cinco primeiras fases, os alunos recebem 10 questões, para escolher apenas uma alternativa e uma tarefa, sendo que a cada uma das fases são eliminadas as equipes que atingiram as menores pontuações.

No decorrer da competição o nível de dificuldade das questões aumenta, bem como o peso na pontuação das fases. Segundo o sistema de avaliação publicado pela comissão organizadora, o objetivo é que “cada fase tenha um peso ligeiramente maior que a soma do peso das fases anteriores” (OLIMPÍADA ..., 2020), permitindo a recuperação das equipes ao longo da competição e valorizando a pontuação obtida a cada etapa. As questões são desenvolvidas de forma invertida, geralmente há apenas uma alternativa totalmente incorreta, uma que demonstra um entendimento superficial das fontes e duas outras de maior pontuação, que contemplam respostas que exigem maior interpretação dos documentos lidos, sendo a de maior valor a que exige uma interpretação histórica mais abrangente. Os valores dessas alternativas são respectivamente (0, 1, 4 e 5). Essa forma de disposição das alternativas tem como vantagem avaliar diferentes níveis de entendimento dos alunos sobre os documentos e o assunto abordado. A pontuação das alternativas é decidida por uma equipe de três professores, com sólida formação e experiência em correção de provas de vestibular, que validam a pontuação estabelecida pela comissão elaboradora, atribuindo pontos às alternativas de forma independente. A pontuação só é considerada válida, quando dois dos três professores atribuem a mesma pontuação da comissão elaboradora.

Após receber as atividades e documentos, os alunos têm seis dias para resolvê-las e enviá-las para a comissão organizadora, além de realizar as tarefas. Essa estrutura de longa duração tem como objetivo estimular a pesquisa e, frequentemente, a equipe organizadora disponibiliza aos alunos e professores indicações, na internet, de textos acadêmicos e outras fontes consideradas confiáveis sobre os temas retratados nas questões.

A 6ª fase do formato da ONHB em 2019 não possuía questões para serem respondidas. Na última fase online os alunos recebiam a tarefa de dez outras equipes e deviam fazer uma avaliação sobre esse trabalho, além de uma auto-avaliação. Esse novo formato foi implementado na 10ª edição (2018), se repetindo na edição seguinte. Até o ano de 2017, a competição possuía apenas 5 fases virtuais.

As equipes finalistas realizavam uma última fase presencial, resolvendo uma prova dissertativa no campus da Unicamp, sem a participação dos professores orientadores, que nesse momento faziam um curso de formação presencial oferecido pela Universidade Estadual de Campinas. Infelizmente em minhas primeiras participações não alcançamos essa última fase, sendo eliminados em 2018 e 2019 nas 3ª e 4ª fases, respectivamente.

Além das questões, a ONHB pede, em todas as fases, a realização de tarefas. Em 2019, foram propostas as seguintes tarefas: 1ª fase, como em todas as outras edições, os alunos e professores-orientadores tiveram que responder a um questionário socioeconômico nos moldes dos questionários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A tarefa da 2ª fase contou com a análise de imagens, apresentadas de forma inteira e analisadas em fragmentos, chamados de “migalhas”, identificados com números que deveriam ser relacionados a frases sobre os aspectos destacados nessas imagens. Essa tarefa ocorre desde a 1ª edição da ONHB e na edição número 11 contou com as seguintes fontes iconográficas: o mural “A conquista do espaço”, de Aldo Locatelli, de 1953; a fotografia “Marcha para Oeste – Rondônia”, de Ricardo Leon Chaves, de 1985; e a ilustração “As Cavalhadas de Pirenópolis”, de Roger Mello, de 2018 [2002]⁵. A 3ª fase contou com mais uma atividade realizada em outras edições, a organização dos documentos utilizados, nesse ano, de acordo com o século em que foi produzido e em relação ao século ao qual se referem. Na 4ª fase, como na 11ª edição, em que essa tarefa apareceu pela primeira vez, os alunos tiveram que ler e transcrever um documento manuscrito do século XIX. A 5ª tarefa dessa edição foi a produção de páginas de um livro didático sobre uma personalidade da história que não aparece na narrativa da história tradicional, essa tarefa foi inspirada no samba-enredo da Mangueira daquele ano e na coletânea de onze textos da historiadora francesa Michelle Perrot, intitulada “Os Excluídos da História”. Na 6ª e última fase, os alunos receberam os materiais feitos pelos outros grupos e deveriam corrigi-los. Essas últimas duas tarefas têm a peculiaridade de colocar os alunos para produzirem conhecimento a partir de suas pesquisas na escola, convidando-os para ocupar o palco e atuarem como historiadores, que precisam localizar e pesquisar sobre essas personalidades. A comissão organizadora disponibilizou no dia 05 de agosto deste ano, em seu *site*, esse material produzido pelos alunos, ajudando a divulgar o conhecimento produzido pelos estudantes e professores da educação básica.⁶

⁵ As imagens referentes a esta tarefa estão no final desta seção.

⁶ Esse dicionário biográfico e seus verbetes podem ser acessados em: <https://www.olimpiadadehistoria.com.br/especiais/excluidos-da-historia>

As tarefas elaboradas ao longo das edições do evento seguem um padrão, conforme demonstrado no Quadro 01:

Quadro 01 - Tarefas da ONHB por fases e edições (continua)

OLIMPÍADA BRASILEIRA EM HISTÓRIA DO BRASIL - TAREFAS (continua)							
ONHB	ANO	FASE 1	FASE 2	FASE 3	FASE 4	FASE 5	FASE 6
1 ^a	2009	Questionário socioeconômico.	Organização de documentos em linha de tempo histórico.	Preenchimento de dados sobre a escola da equipe.	Produção textual e fotográfica sobre um patrimônio da cidade da equipe	Avaliação e autoavaliação da tarefa 4 de 10 equipes concorrente	x
2 ^a	2010	Questionário socioeconômico.	Duas entrevistas.	Análise de imagens (Migalhas).	Elaboração de um jornal.	Avaliação e autoavaliação da tarefa 4 de 10 equipes concorrente	x
3 ^a	2011	Questionário socioeconômico.	Organização de documentos em linha de tempo histórico.	Essa tarefa não foi localizada.	Elaboração de um jornal.	Avaliação e auto avaliação da tarefa 4 de 10 equipes concorrente	x
4 ^a	2012	Questionário socioeconômico.	Organização de documentos em linha de tempo histórico.	Análise de imagens (Migalhas).	Elaboração de um jornal.	Avaliação e auto avaliação da tarefa 4 de 10 equipes concorrente	x
5 ^a	2013	Questionário socioeconômico.	Análise de imagens (Migalhas)	Produção textual sobre dois lugares históricos do estado da equipe.	Elaboração de um panfleto “Turístico Histórico”	Avaliação e auto avaliação da tarefa 4 de 10 equipes concorrente	x
6 ^a	2014	Questionário socioeconômico.	Análise de imagens (Migalhas)	Organização de documentos em linha de tempo histórico.	Elaboração de um panfleto “Memórias da Censura”.	Avaliação e auto avaliação da tarefa 4 de 10 equipes concorrente	X

Quadro 01- Tarefas da ONHB por fases e edições (conclusão)

OLIMPÍADA BRASILEIRA EM HISTÓRIA DO BRASIL - TAREFAS (conclusão)							
ONHB	ANO	FASE 1	FASE 2	FASE 3	FASE 4	FASE 5	FASE 6
7 ^a	2015	Questionário socioeconômico.	Análise de imagens (Migalhas)	Organização de documentos em linha de tempo histórico.	Elaboração de uma reportagem de revista.	Avaliação e auto avaliação da tarefa 4 de 10 equipes concorrente	X
8 ^a	2016	Questionário socioeconômico.	Análise de imagens (Migalhas)	Organização de documentos em linha de tempo histórico.	Elaboração de um mural.	Avaliação e auto avaliação da tarefa 4 de 10 equipes concorrente	x
9 ^a	2017	Questionário socioeconômico.	Organização de documentos em linha de tempo histórico.	Análise de imagens (Migalhas)	Elaboração de um Pasquim com o tema: “O Ensino de história é um direito”	Avaliação e auto avaliação da tarefa 4 de 10 equipes concorrente	x
10 ^a	2018	Questionário socioeconômico.	Análise de imagens (Migalhas)	Organização de documentos em linha de tempo histórico.	Leitura paleográfica e transcrição de documento manuscrito	Elaboração de um jornal.	Avaliação e auto avaliação da tarefa 5 de 10 equipes concorrente
11 ^a	2019	Questionário socioeconômico.	Análise de imagens (Migalhas)	Organização de documentos em linha de tempo histórico.	Leitura paleográfica e transcrição de documento manuscrito	“Excluídos da História.”	Avaliação e auto avaliação da tarefa 5 de 10 equipes concorrente

No ano de 2020, devido à pandemia, o evento foi adiado e ocorreu apenas de forma não presencial, entre os meses de setembro e outubro, sendo excluída a última fase que tradicionalmente ocorria na Unicamp. O formato da competição sofreu mais algumas mudanças, conforme o regulamento, o evento começará na fase zero, que será uma fase

preparatória com 5 questões. As fases 1 e 2 tiveram 08 questões de múltipla escolha e uma tarefa cada. As 3ª e 4ª fases tiveram 09 questões de múltipla escolha, além de uma tarefa cada. A 5ª e a 6ª fases serão uma tarefa. A sétima fase foi uma avaliação da tarefa da fase 5, feita exclusivamente pela Equipe Elaboradora da 12ª ONHB (OLIMPÍADA..., 2020).

Enquanto ainda não estava decidida a realização do evento, foi feita, durante o início do isolamento social causado pela pandemia, a Pré - ONHB, com inscrições gratuitas e abertas para todos, contando com participação surpreendente quanto ao número de inscritos, segundo revelado pela coordenadora do evento, Cristina Meneguello em entrevista ao Laboratório de Práticas de Ensino em História (LAPEHIS) da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Muitos desses participantes foram olímpianos e professores orientadores em outras edições, e seus familiares e amigos (MENEGUELLO, 2020).

A Pré - ONHB foi uma versão reduzida do evento principal, ocorreu entre os dias 27 de abril a 22 de maio e as inscrições podiam ser feitas de 10 a 30 de abril, contando com quatro fases ao invés de sete e apenas 5 questões em cada uma delas, além das tarefas. Havia, também, uma tarefa extra, opcional, chamada de diário da pandemia, inspirada nos diários escritos pelas pessoas na Europa durante a Segunda Guerra Mundial. Nessa tarefa os participantes escreviam como estavam passando pela quarentena, cuidados com o corpo, seus sentimentos, etc. No final desse mini evento preliminar, como tarefa da última fase, fomos convidados a analisar como historiadores de 2020 uma seleção bastante variada, quanto a idade e localização dos autores, de 10 diários de outros participantes. Essa tarefa foi importante para mostrar como documentos íntimos podem se tornar objeto de estudo dos historiadores, além de propiciar certo conforto naquele momento incerto, mostrando que muitas vezes compartilhávamos as mesmas angústias. Outra diferença da Pré - ONHB em relação à ONHB foi a não eliminação das equipes que respondiam as questões e realizavam as tarefas, muito positivo por diminuir o caráter competitivo do evento e possibilitar a participação desses inscritos até a última fase, mantendo-os por mais tempo nesse processo de formação.

Imagem 01: mural “A conquista do espaço”, de Aldo Locatelli, de 1953.



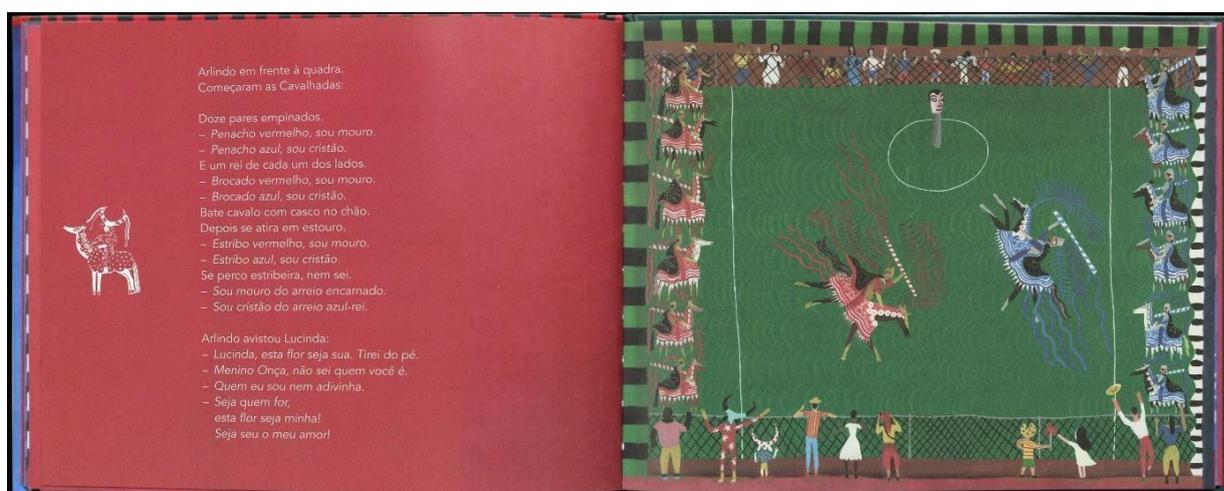
Fonte: https://prova.olimpiadadehistoria.com.br/prova/onhb11/fases/fase_2/questao/q22a

Imagem 02: fotografia “Marcha para Oeste – Rondônia”, de Ricardo Leon Chaves, de 1985.



Fonte: https://prova.olimpiadadehistoria.com.br/prova/onhb11/fases/fase_2/questao/q22b

Imagem 03: ilustração “As Cavalhadas de Pirenópolis”, de Roger Mello, de 2018 [2002]



Fonte: https://prova.olimpiadadehistoria.com.br/prova/onhb11/fases/fase_2/questao/q22c

1.2 A metodologia da Olimpíada Nacional em História do Brasil

Nesta seção vamos discutir a metodologia que a ONHB usa, como ela se aproveita da característica dos jogos com fases eliminatórias, desafios e muita competição, e os possíveis problemas que essa estratégia de “*gameificação*”⁷ da educação pode causar. Veremos como a proposta de formação do evento inclui a pesquisa discente como método do ensino de história, que explora as novas tecnologias da informação para enviar as fontes a ser interpretadas e pesquisadas, incorporando metodologias ativas, constituindo um modelo de ensino híbrido e sala de aula invertida, que aproveita melhor os encontros presenciais para a orientação das atividades e desafios.

Outras Olimpíadas de História Nacional, como as realizadas na Argentina e no México, implementam o modelo tradicional de um único dia de provas. Como vimos, no Brasil, optou-se por estender a realização das questões no tempo, priorizando a análise e interpretação dos documentos, bem como o debate, mas sobretudo a pesquisa. A opção por esse formato que se estende no tempo, com várias fases que duram seis dias cada, prioriza a interpretação, pesquisa e aprendizado, que se tornam mais importantes do que saber, pela memória, as respostas corretas. Assim, a ONHB, diferentemente das olimpíadas de história nacional realizadas no México e na Argentina, não avalia a quantidade de conhecimento de conceitos substantivos,

⁷ Gameificação, gamificação ou *gamification* é um termo dado a estratégia de incorporar características dos jogos com o objetivo de tornar o processo de aprendizagem mais lúdico e incentivar os alunos a ocupar a posição de protagonistas no processo de ensino-aprendizagem.

ainda que esses saberes e outras formas de capital cultural influenciem o desempenho dos discentes e conseqüentemente das equipes.

Respondendo ao questionamento da professora-pesquisadora da UFV-JM Marcela Albane, se a olimpíada se caracteriza como uma estratégia de *gameficação* do ensino de história, a coordenadora da ONHB, Cristina Meneguello, define o evento como um projeto de extensão de ensino e divulgação científica com traços de *gameficação*. Porque a ONHB trata-se de uma competição que elimina equipes ao longo das fases, tem desafios, tempo limite, bastante interação. Entretanto, a professora da Unicamp não a considera um *game*, mas um processo de aprendizagem que usa estratégias e linguagem de *gameficação* do ensino de história, para atingir bem o seu público, que são jovens estudantes (MENEGUELO, 2020). Ou seja, apesar de não ser apenas um jogo (*game*), a ONHB se utiliza da estratégia dos jogos para estimular esses jovens estudantes. Essa estratégia tem se mostrado exitosa com um grupo considerável de alunos e professores. Contudo, essa estratégia pode trazer algumas questões sobre as quais devemos refletir.

Sobre o uso da competição como estratégia pedagógica, as pesquisadoras Rezende e Ostermann (2012, p. 251), propõem em artigo uma reflexão contra a competitividade, característica intrínseca dos eventos olímpicos na área da educação. Analisando as competições olímpicas das áreas das ciências naturais, elas concluem, a partir das ideias dos sociólogos Bourdier e Passeron que “é muito provável que as diferenças socioculturais entre as escolas que participam das olimpíadas desempenhem papel importante na seleção dos melhores”. Ainda que as pesquisadoras tenham discutido o tema das olimpíadas com foco principalmente sobre as ciências naturais e que a ONHB já adote algumas medidas para dosar os aspectos competitivos e colaborativos, como as atividades serem realizadas em grupos de três alunos, há ponderações muito importantes para se pensar competições científicas e sua utilização como estratégia de ensino.

A análise das pesquisadoras, pelo que as evidências indicam, foi precisa. Estudando, por exemplo, a lista das equipes premiadas com medalhas na 10ª edição da ONHB (2018), percebemos que todas elas pertencem às escolas que selecionam os alunos por meio de provas ou pela condição econômica. Percebemos que a maioria das escolas são particulares que contam com alunos que possuem, por suas características socioeconômicas, maior capital cultural. E entre as escolas públicas premiadas na competição, estão aquelas que possuem grande investimento e rigoroso processo de seleção para ingresso dos estudantes, como as escolas técnicas, militares, os Institutos Federais e as escolas de aplicação ligadas a instituições de

ensino superior. Por exemplo, em 2018, último ano de participação de escolas militares, 75 equipes foram premiadas com medalhas de ouro, prata e bronze. Entre essas equipes, 42 eram de alunos de instituições privadas de ensino, e outras 33 foram instituições públicas que selecionam os discentes, no momento do ingresso, por meio de prova (COMISSÃO ORGANIZADORA ONHB10, 2018). Esses dados corroboram o argumento de que os vencedores da competição já estão pré-selecionados antes mesmo do início do evento; são alunos privilegiados seja pelo capital econômico, seja pelo capital social, seja pelo capital cultural. E esta é uma importante questão a ser problematizada pela ONHB; se o evento se propõe a ser mais que uma competição, mas um projeto de formação de alunos e professores, não seria o ideal permitir ou estimular a permanência das equipes mais “fracas”, com menor desempenho, para dessa maneira incentivar e promover maior aprendizagem desses alunos nessas instituições? Seria possível criar formas de participação no evento que não exclua os participantes entre as fases, ou que permita que o professor continue orientando a participação de seus alunos?

Se a competitividade, característica intrínseca das olimpíadas científicas, inclusive da ONHB, estimulam alguns alunos a participar desse processo de aprendizagem, também criam obstáculos à participação de outros. A competição em suposta condição de igualdade legitima o discurso da meritocracia, de que os vencedores são merecedores do prêmio por seu próprio esforço e atribui a responsabilidade do fracasso escolar aos próprios educandos. Todavia, como percebemos, as condições das quais partem os competidores são muito desiguais.

Cientes dessa desigualdade, que influencia inevitavelmente as possibilidades de sucesso ou derrota, qual seria a motivação de alunos da escola do estado, uma escola que funciona de forma precária em Boa Vista do Gurupi, de participar desse tipo de evento? No decorrer desta pesquisa tenho encontrado muita resistência de alunos que se recusaram a se inscreverem na ONHB, sem apresentar qualquer motivo que justificasse isso, dizendo apenas não querer ou não ter interesse, mesmo com a garantia do pagamento das inscrições e a inclusão, no planejamento pedagógico, da participação da turma na ONHB. Espero que, participando da competição em sala de aula, sem estarem oficialmente inscritos, esses alunos percebam que a maior premiação para nós é a própria participação, a oportunidade de se obter uma formação histórica sólida e que isso nos faça participar efetivamente do evento em sua próxima edição.

O estímulo à competição também pode orientar as práticas docentes em sentido diverso aos objetivos do ensino de história. O professor orientador, com o intuito de atingir metas colocadas pela unidade de ensino ou para obter a visibilidade e o reconhecimento do trabalho

que o bom desempenho nessas competições garante, pode se sentir compelido para a preparação dos alunos em realizar aquela prova específica. Ou pior, pode ser levado a interferir na escolha das alternativas pelos estudantes, desvirtuando totalmente os objetivos pedagógicos das olimpíadas. Ensinar técnicas e modos mais fáceis de resolução de questões, ou interferir nas escolhas das alternativas desvia-se do objetivo principal para a participação nesse tipo de evento científico, que deve ser a formação e a construção de conhecimento.

A ONHB também é criticada por não trabalhar os conteúdos que estão sendo estudados pelos alunos em seus respectivos anos escolares. Letícia Martins Calheiros e Ludson Batista de Britto, que eram ambos graduandos em história pela UFES e participantes do PIBID na época em que relataram em seu artigo sobre o acompanhamento que fizeram de alunos que participaram da 9ª ONHB, que “foi possível observar algumas disparidades em relação ao conteúdo que é abordado em sala de aula pelo professor e que se encontra no programa, e os assuntos que foram contemplados e a forma que foram utilizados” (CALHEIROS; BRITTO, 2018, p. 48). Eles têm razão em sua observação, realmente a ONHB não se preocupa em “cobrar” conteúdos que os alunos estejam estudando em suas respectivas séries. O que também não quer dizer que ela não corresponda às diretrizes curriculares estabelecidas por lei no país, os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que pautam essas diretrizes do ensino de história, não priorizam o ensino do conteúdo, mas o consideram o meio para desenvolver as competências e habilidades relativas às áreas das ciências humanas. De fato, nem mesmo os professores orientadores dominam todo o conteúdo trabalhado pela competição, que envolve as mais diferentes histórias regionais e sujeitos históricos que não são priorizados pelo ensino dito tradicional. Todavia, é uma crítica injusta, porque A ONHB, seguindo os propósitos para a formação em história dispostos no PCN, se organiza com o propósito de incentivar os discentes a pesquisar os temas abordados, a trabalhar com a leitura de diversas fontes, interpretar o documento histórico de acordo com seu contexto.

Ao propor o envio de questões e material de apoio pela internet, a ONHB se caracteriza como um modelo de ensino híbrido, combinando “estudos no espaço escolar e fora dele, utilizando a tecnologia como uma ferramenta essencial nesse processo” (RODRIGUES, 2016, p. 21) A metodologia do ensino híbrido, dessa forma, flexibiliza o espaço e tempo escolar e facilita a adoção de diferentes métodos de ensino-aprendizagem como a sala de aula invertida, que segundo Rodrigues (2016, p. 32):

[...] estabelece que o espaço de sala de aula deve ser, prioritariamente, utilizado para a realização de atividades em que os alunos possam pôr

em prática determinados conhecimentos e conceitos e que a parte expositiva e de primeiro contato com determinado conteúdo deve ser realizada previamente, em momento anterior à aula. Seria uma inversão do método expositivo tradicional em que o professor se posiciona como fonte de conhecimento e as tarefas são enviadas para um momento após a aula, permitindo que o docente assuma a posição de mediador e orientador.

De fato, priorizar o período escolar em sala de aula para realizar atividades e desafios que ajudam a construir o conhecimento histórico são mais produtivos do que continuar a utilizá-lo para realizar longas exposições de conteúdo substantivo, que como observa Flávia Caimi (2006), são pouco produtivas, restando para a maioria dos estudantes que terminam a educação básica não mais do que uma mistura aleatória de nomes, datas e eventos descontextualizados, que a autora chama de “samba do crioulo doido”, fazendo referência ao samba de mesmo nome composto por Sérgio Porto.

Certamente, a proposta de sala de aula invertida, como toda metodologia ativa, pressupõe maior engajamento dos alunos, que deverão assumir maior controle e autonomia sobre seu processo de aprendizagem. Este aparente problema, contudo, é condição necessária para se aprender história. Porque, conforme Rüsen (2007, p. 118), o saber histórico “apropriado de modo apenas passivo, mais impediria do que fomentaria a capacidade de interpretação das experiências históricas e sua utilização como capacidade de orientar”. Ou seja, sem a participação ativa dos alunos não há desenvolvimento dessa capacidade de orientação temporal que é a consciência histórica, e insistir com práticas que permitem a exposição de grande quantidade de conteúdo, mas mantém os alunos como receptores passivos, em nada contribui para aprimorar essa habilidade de orientação temporal.

Para colocar os alunos com postura mais ativa diante do processo de aprendizagem, a ONHB incorpora a pesquisa discente orientada pelo professor, usando documentos para introduzir um tema de estudo. Essa é uma forma de usar os documentos como provocadores da pesquisa, que Circe Bittencourt (2018, p. 267) define como “situação-problema”, e não apenas como exemplo da explicação. Mas nada impede que os professores, após a olimpíada e munidos do material selecionado pela equipe organizadora da ONHB, os utilize simplesmente como ilustração ou como fonte de informação, explicitando uma situação histórica, reforçando a ação de determinados sujeitos. Entretanto, essa forma mais tradicional de utilizar o documento em sala de aula não reposiciona efetivamente o ensino de história porque o documento não é usado para estimular a pesquisa.

Proposta a situação-problema, pelo documento, o professor e os alunos pesquisam o período histórico relacionado ao tema da questão para construir quadros conceituais do passado. Peter Lee (2016, p. 125) propõe que seja

uma estrutura aberta de mudança, não uma narrativa em si, mas que pode apoiar uma série de narrativas que respondem a diferentes questões e adapte-se a novos pressupostos. Como tal, ele (quadro do passado) exclui algumas narrativas e faz umas serem um pouco mais defensáveis do que outras. A abertura não significa que “vale-tudo”.

Para permitir uma adequada orientação no tempo, esses quadros devem identificar, como observa Peter Lee, mudanças na vida material, organização social e política e uma variedade de outros temas. A construção desses quadros conceituais é essencial para quem trabalha com documentos como “situação-problema”, porque é justamente nesse quadro conceitual que ocorrerá a contextualização, pela pesquisa historiográfica sobre o tema e o conteúdo estudados, do passado trazido pelo documento, testando os limites da interpretação sobre a fonte e o quadro conceitual construído e permitindo a leitura mais adequada possível da experiência do passado expressa pelo documento.

A partir dessa metodologia, procura-se trabalhar os conteúdos curriculares de história nacional propostos pelo MEC para os alunos do ensino fundamental e médio, bem como a aquisição de competências cognitivas e sócio-afetivas relativas ao ensino de história. A proposta é fazer a articulação entre o contexto histórico construído no quadro do passado e o episódio, o encontro do presente com o passado possível que surge a partir do documento utilizado. Essa é a operação histórica, o exercício de ir e vir do presente ao passado e ao presente novamente.

Outra vantagem obtida por meio da participação dos alunos orientados pelo professor de história é a “negociação da distância” (MONTEIRO; PENNA, 2011, p.193) entre professores e alunos, de extrema importância para a aprendizagem dos discentes como já constatado em pesquisas como a realizada por Monteiro e Penna em que “os alunos indicaram como características de seus professores marcantes tanto a habilidade de explicar bem, quanto o estabelecimento de uma relação pessoal com os alunos”(p. 199). A participação de professores e alunos pesquisando juntos as situações-problema propostas por meio dos documentos das questões contribui, sem dúvida, para a melhora da relação interpessoal entre eles, como constatado em outras pesquisas envolvendo a ONHB, como a de Hérika Souza do Valle e Maria do Socorro Magalhães de Sousa (VALLE; SOUSA, 2018). E que também constatei

ao longo de minhas duas experiências orientando uma equipe de Boa Vista do Gurupi, que veremos na seção seguinte.

1.3 As duas primeiras participações do C. E. Professor Antônio Laércio Alves Fernandes dos Reis na ONHB

Em Boa Vista do Gurupi, participamos, eu e alunos do C. E. Professor Antônio Laércio Alves Fernandes dos Reis, em duas edições, 10^a e 11^a ONHB, que ocorreram respectivamente nos anos de 2018 e 2019. Nessa seção falaremos das mudanças na forma de ensino de história que experimentamos e analisaremos algumas questões e os relatos de uma aluna participante sobre a ONHB e como esse processo de formação histórica mudou sua forma de pensar.

Na 10^a edição a equipe era J.C. do 1^o B, C. F. do 2^o B e D.J. do 3^o C. O aluno D.J., por já estar trabalhando na época, participou de poucos encontros preparatórios e precisou se ausentar de alguns encontros para discutirmos as questões. Antes dessa primeira participação eu conhecia muito pouco sobre a ONHB e para nos preparar, eu, J.C. e C.F., antes do início daquela edição, nos encontrávamos pela manhã para estudar períodos da história do Brasil e tentar resolver questões de edições anteriores, relativas àquele período estudado, para conhecer como era a prova e como eram cobrados os conteúdos.

Não sei medir o quanto essa preparação prévia nos ajudou durante a competição, no entanto hoje eu não me preocuparia em trabalhar com os alunos seguindo a cronologia da história nacional, mas faria um estudo resolvendo diversas questões das edições anteriores organizadas por temas, como discussão de gênero, étnico-raciais, formação territorial do Brasil, etc. Esses encontros, todavia, foram importantes para entrosar a equipe, para haver maior aproximação entre eu e eles, e dos alunos entre si. Aliás, a preparação e principalmente a participação na ONHB estabeleceram uma melhor “negociação da distância” entre nós, como observou Hérica Valle ao participar.

Essa diminuição da distância foi proporcionada principalmente durante a competição porque naquele momento se estabeleceu um outro paradigma da comunicação, muito diferente da comunicação transferencial, mais comum em uma cultura escolar tradicional. Entre nós, durante a participação na competição, ocorria uma comunicação dialógica-dialética. Nós tínhamos objetos comuns de estudo e dialogávamos sobre eles, não se tratava mais de uma única pessoa, o professor, transmitindo seu conhecimento aos alunos.

Estava também estabelecido um sistema de sala de aula invertida. Os alunos recebiam o material que seria discutido por nós antes de nos encontrarmos e faziam pelo menos uma primeira apreciação dele. Então, no momento em que nos reuníamos, todos já tinham suas impressões e pesquisas sobre as fontes e os temas discutidos, sendo possível, pelo engajamento dos alunos, diálogos muito produtivos sobre as questões. Nessa primeira participação em que conhecemos a ONHB alcançamos a 3ª fase. Dentre as questões e tarefas que fizemos se destacaram a questão 10 da 1ª fase, em que se abordou o assunto bem atual da Reforma da Previdência; 21 da 2ª fase, que trata sobre os geoglifos no Acre; a questão 24 da 3ª fase sobre a psiquiatra Nise da Silveira. Vejamos essas questões.

As questões 10, 21 e 24 de 2018 me surpreenderam pelo conteúdo trabalhado. Como já dito anteriormente, a ONHB não se preocupa em cobrar conteúdos abordados em sala, o objetivo é fazer alunos e professores pesquisarem sobre os assuntos para debater e aprendê-los. Eu só conhecia sobre geoglifos por documentário e a história da Nise da Silveira através de um filme. A questão sobre os geoglifos me mostrou o quanto é antiga a ocupação da floresta amazônica e como essas sociedades podiam ser complexas, depois de resolver essa questão fiquei mais atento a publicações sobre a ocupação mais antiga da Amazônia. Conhecer sobre a história da Nise da Silveira me fez pensar, além da questão de gênero expressa pela fotografia da formatura da turma de Nise, sobre a luta antimanicomial e sua importância para humanizar o tratamento de doenças mentais. A questão 10 surpreendeu-me pela atualidade do tema, a reforma da previdência. Abordando como documento uma peça de propaganda online, promovendo a análise da publicidade do governo. Essa questão foi importante para refletir com os alunos sobre nosso próprio pertencimento à história e como nossas ações hoje influenciam a construção do futuro, além de proporcionar a leitura e análise da linguagem publicitária. Vejamos essas questões:

A questão 10 da 1ª fase da 10ª edição (2018) trazia como documento uma propaganda do governo Temer sobre a Reforma da Previdência publicada nas redes sociais oficiais do Planalto, em janeiro daquele mesmo ano, com os seguintes dizeres: “Escolha como você vai entrar pra história. Apoie a Nova Previdência e garanta a aposentadoria para todos. Reforma Já!”. O enunciado da questão era: “Sobre a propaganda oficial do governo do Brasil, é possível afirmar?”. Havia um link para a imagem original utilizada para fazer a propaganda oficial do governo e as alternativas foram:

(A) Refere-se à proposta de Reforma da Previdência, que traz graves impactos para as condições de trabalho e aposentadoria de milhões de brasileiros e que o governo de Michel Temer tinha como meta aprovar naquele momento.

(B) Remete-se a um hipotético julgamento futuro realizado pela história para afirmar a necessidade de a população apoiar a proposta governamental, atribuindo aos dissidentes a responsabilidade por “quebrar o país”.

(C) Utiliza-se de apelo emocional maniqueísta, dividindo a população brasileira em dois grupos opostos e contrapondo as cores verde e amarela às cores vermelha e azul.

(D) Utiliza de uma imagem gratuita de internet, de artista célebre, encontrada em sites como Shutterstock e a altera graficamente para adequá-la ao próprio argumento.⁸

Imagem 04: Documento da questão 10, 1ª fase, 10ª edição (2018)

10

Apoie a Nova Previdência e garanta a aposentadoria para todos. Reforma Já!

Propaganda



Sobre este documento

Título

Tipo de documento

Origem

Facebook oficial do Palácio do Planalto e Presidência da República

Créditos

Presidência da República

Fonte: https://prova.olimpiadadehistoria.com.br/prova/onhb10/fases/fase_1/questao/q10

⁸ Questão 10, 1ª fase, 10ª ONHB, 2018. O gabarito dessa questão foi a1 b5 c4 d0. Disponível em: <
https://prova.olimpiadadehistoria.com.br/prova/onhb10/fases/fase_1/questao/q10 >

Nessa questão pudemos debater o período político pelo qual o país passava e discutir as estratégias utilizadas pela publicidade governamental, explorando uma possível visão do nosso presente no futuro e dividindo a população entre aqueles que teriam contribuído para salvar o futuro do país e aqueles que o quebraram utilizando as cores que dividiam os grupos políticos no país naquele momento, favoráveis ao *impeachment* e às reformas e contrários ao *impeachment* e às reformas.

A questão 21 trouxe um assunto sobre o qual tínhamos pouco conhecimento, os geoglifos descobertos no Acre. Os documentos utilizados foram um artigo científico sobre os geoglifos e três fotografias aéreas mostrando essas estruturas em baixo relevo. Para nos informar melhor sobre essas estruturas, pesquisamos na internet documentários e encontramos muitos vídeos sobre o tema. Estudar essas estruturas nos fez perceber que sabemos muito pouco sobre a ocupação humana da Amazônia e nos permitiu imaginar quão rica e complexa eram essas sociedades. Nas imagens seguintes, as fotografias dos geoglifos:

Imagem 05: Documento 21b, questão 21, 2ª fase 10ª edição.

21b

Desenho geométrico em Plácido de Castro, no Acre: palco de cerimônias

Fotografia



Sobre este documento

Título

Tipo de documento

Origem

Edison Caetano. in: Marcos Pivetta. "A cultura dos geoglifos". Pesquisa FAPESP, n.186, ago. 2011, pp.80-83.

Disponível em:

<http://revistapesquisa.fapesp.br/2011/08/04/a-cultura-dos-geoglifos/>

Créditos

Edison Caetano

Técnica

Fotografia

Fonte: https://prova.olimpiadadehistoria.com.br/prova/onhb10/fases/fase_2/questao/q21

Imagem 06: Documento 21c, questão 21, 2ª fase 10ª edição

21c
Diversidade de formas: geoglifos com linhas arredondadas e retas
Fotografia



Sobre este documento
Título
Tipo de documento
Origem
Edison Caetano. in: Marcos Pivetta. "A cultura dos geoglifos". Pesquisa FAPESP, n.186, ago. 2011, pp.80-83. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2011/08/04/a-cultura-dos-geoglifos/>

Créditos
Edison Caetano
Técnica
Fotografia

Fonte: https://prova.olimpiadadehistoria.com.br/prova/onhb10/fases/fase_2/questao/q21

O comando da questão pedia aos alunos para analisar os documentos, o texto acadêmico sobre os geoglifos e as fotografias aéreas, e escolher uma entre as seguintes alternativas:

- (A) As recentes imagens fotográficas tomadas a partir do alto indicam a coexistência de diferentes temporalidades marcadas no solo acreano.
- (B) Geoglifos são grandes figuras geometrizadas esculpidas em baixo-relevo no solo, que são melhor visualizadas do alto.
- (C) A comparação dos geoglifos encontrados no Acre com os de Nazca demonstra a maior complexidade das sociedades pré-colombianas que habitavam a região hoje conhecida como o Peru.
- (D) Mesmo sem a exata precisão de sua função, os espaços demarcados pelos geoglifos indicam como as sociedades adequavam seu entorno às suas necessidades práticas ou simbólicas.⁹

A questão 24, 3ª fase, trouxe como documento a fotografia dos formandos da Faculdade de Medicina na Bahia de 1926, destacando a única mulher formada naquela turma que era a psiquiatra Nise da Silveira. O comando da questão orientava para a partir da fotografia e dos nossos conhecimentos sobre o assunto escolher uma entre as alternativas:

- (A) Na segunda vez em que foi presa, Nise da Silveira permaneceu no Presídio Frei Caneca, no Rio de Janeiro, entre 1936 a 1944, tendo ali falecido.

⁹ Questão 21, 2ª fase, 10ª ONHB, 2018. O gabarito dessa questão foi: a4 b1 c0 d5. Disponível em: <https://prova.olimpiadadehistoria.com.br/prova/onhb10/fases/fase_2/questao/q21>

(B) Nise, presa por suas filiações comunistas durante a Era Vargas, viu semelhanças entre a experiência do cárcere e a do hospício, o que impactou sua forma de encarar e cuidar dos pacientes.

(C) Nise da Silveira é a única mulher na foto de formandos da Faculdade de Medicina da Bahia em 1926.

(D) Nise da Silveira foi uma psiquiatra alagoana conhecida por se manifestar contra práticas compulsórias utilizadas em pacientes diagnosticados com doenças mentais ou distúrbios psíquicos.¹⁰

Para resolver a questão, pesquisamos sobre a biografia de Nise da Silveira e assistimos ao filme sobre sua vida, que estava disponível numa plataforma de *streaming*. A vida de Nise e suas contribuições para o tratamento de pacientes psiquiátricos me trouxe à memória a luta antimanicomial, a desumanização dos pacientes psiquiátricos, bem como dos presos em nosso país. Nos parecia meio óbvio que, pela fotografia, a questão chamava atenção para a discussão de gênero, porém, os conteúdos adicionais disponibilizados pela ONHB, entrevista com a Nise da Silveira, um artigo no *site* do Ministério da Saúde sobre a contribuição da médica para a área da psiquiatria e um link para o já referido filme “Nise, O Coração da Loucura”, indicaram como alternativa com maior valor aquela que abordou a vida política e profissional da psiquiatria brasileira.

Imagem 07: Documento 24, da questão 24, 3ª fase, 10ª edição

¹⁰ Questão 24, 3ª fase, 10ª ONHB, 2018. O gabarito dessa questão foi a0 b5 c1 d4. Disponível em: <https://prova.olimpiadadehistoria.com.br/prova/onhb10/fases/fase_3/questao/q24>

**Sobre este documento**

Título

Tipo de documento

Origem

Centro Cultural Ministério da Saúde

Créditos

Centro Cultural Ministério da Saúde

Técnica

Fotografia

Fonte: https://prova.olimpiadadehistoria.com.br/prova/onhb10/fases/fase_3/questao/q24

Em nossa primeira participação, fomos eliminados nessa 3ª fase, contudo não nos desanimamos. Nossa primeira experiência me deixou bastante animado, sabia que seria muito difícil alcançarmos as fases finais e estava satisfeito com nosso desempenho. Os alunos ficaram um pouco chateados com a eliminação, mas gostaram de ter participado e combinamos de nos inscrever novamente na 11ª edição.

No início do ano de 2019, eu, C.F. (3ºB) e J.C. (2ºA), mais o aluno C. (3º B), substituindo o aluno D.J. que se formara no final de 2018, nos inscrevemos na 11ª edição da ONHB. Naquele ano, eu estava iniciando o mestrado em Ananindeua, PA, viajando semanalmente, então, não tivemos a mesma oportunidade de nos preparar para a prova. Além disso, as aulas em Boa Vista do Gurupi foram suspensas de março ao início de maio por conta da enchente do rio Gurupi, que deixou habitantes da cidade desabrigados, as escolas foram usadas para abrigar essa população e as aulas foram suspensas.

As aulas recomeçaram semanas antes do início da ONHB, e de maio a junho de 2019 nos reuníamos 2 vezes por semana para discutir as questões e os documentos. Neste ano, com

menos encontros semanais e sem nos preparar para a prova, mas com a experiência da participação anterior, alcançamos a 4ª fase da competição. Nesta edição, a questão que mais se destacou para mim foi a questão 23. Essa questão trazia como fontes duas fotografias do massacre do Carandiru, uma mostrando os presos rendidos no pátio pela polícia e outra, muito sangrenta, com detentos mortos pela polícia no interior de algum pavilhão. Essa questão mais uma vez possibilitou trabalhar temas muito importantes e que nem sempre aparecem em sala de aula, como o racismo, a desumanização das pessoas, a indiferença da sociedade e a violência do Estado.

A música dos Racionais MC's era conhecida do aluno Cleisson, mas ele nunca havia percebido o que era narrado pela letra, que foi inspirada pelo poema de um detento que sobreviveu ao massacre, Jocenir Prado, e narra a perspectiva dos presos sobre o massacre. A partir dessa questão, discutimos a desumanização das pessoas no Brasil, lembrando eventos mais recentes, como as execuções que ocorreram no presídio de Manaus em 2017, em circunstâncias diferentes, mas que teve a mesma indiferença da sociedade e do Estado brasileiros como resposta. Na foto aérea dos presos de Carandiru rendidos no pátio percebemos que eram quase todos negros e pardos, mostrando o sentido racista da desumanização que causa a indiferença e a política violenta do Estado. Por isso, e por mostrar como consumir e analisar uma música e seu contexto são muito diferentes, essa foi uma questão especial.

A questão tinha como comando ler a letra do rap “Diário de um detento”, observar as duas fotografias sobre o massacre do Carandiru e escolher a mais adequada entre as seguintes alternativas:

- (A) Os documentos levam a refletir sobre uma lógica de violência que justifica a brutalidade da ação policial pela ideia de desumanização dos indivíduos considerados criminosos.
- (B) As fotografias apresentam cenas das vítimas, que somaram cerca 110 feridos e 111 mortos; segundo relatos, muitos mortos foram encontrados com as mãos na cabeça ou algemados, o que pode indicar que haviam se rendido.
- (C) A repercussão internacional do Massacre do Carandiru levou o TJSP a condenar e encarcerar, em veredictos inéditos, o ex-governador Fleury, o comandante da operação, coronel Ubiratan, e 74 policiais militares.
- (D) Em 1993, duas chacinas na cidade do Rio de Janeiro trouxeram novamente o Massacre do Carandiru à memória por sua semelhança no que se refere à violência policial em ações de extermínio de grupos considerados “descartáveis”.¹¹

Na Imagem 08, a letra do *Rap* e as fotografias do massacre do Carandiru.

¹¹ Questão 23, 3ª fase, 11ª ONHB, 2019. O gabarito dessa questão foi: a5 b1 c0 d4. Disponível em: < https://prova.olimpiadadehistoria.com.br/prova/onhb11/fases/fase_3/questao/q23 >

Imagem 08: Documento 23a, da questão 23, 3ª fase, 11ª edição

23a

Diário de um detento

Letra de música

"São Paulo, dia primeiro outubro
De mil novecentos e noventa e dois
Oito horas da manhã

Aqui estou, mais um dia
Sob o olhar sanguinário do vigia
Você não sabe como é caminhar
Com a cabeça na mira de uma HK
Metralhadora alemã ou de Israel
Estrçalha ladrão que nem papel

Na muralha, em pé, mais um
cidadão José
Servindo o Estado, um PM bom
Passa fome, metido a **Charles
Bronson**
Ele sabe o que eu desejo
Sabe o que eu penso
O dia tá chuvoso, o clima tá tenso
Vários tentaram fugir, eu também
quero
Mas de um a cem, a minha chance é
zero

Será que Deus ouviu minha oração?
Será que o juiz aceitou a apelação?
Mando um recado lá pro meu
irmão:

Se tiver usando droga, tá ruim na
minha mão
Ele ainda tá com aquela mina
Pode crê, moleque é gente fina

Tirei um dia a menos, ou um dia a
mais, sei lá
Tanto faz, os dias são iguais
Acendo um cigarro e vejo o dia
passar
Mato o tempo pra ele não me matar

Homem é homem, mulher é
mulher
Estuprador é diferente, né?
Toma soco toda hora, ajoelha e
beija os pés
E sangra até morrer na **rua 10**

Cada detento, uma mãe, uma
crença
Cada crime, uma sentença
Cada sentença, um motivo, uma
história
De lágrima, sangue, vidas e glórias
Abandono, miséria, ódio,
sofrimento
Desprezo, desilusão, ação do
tempo
Misture bem essa química
Pronto: eis um novo detento

Lamentos no corredor, na cela, no
pátio
Ao redor do campo, em todos os
cantos

Mas eu conheço o sistema, meu
irmão
Aqui não tem santo
Ratatatá, preciso evitar
Que um safado faça minha mãe
chorar
Minha palavra de honra me protege
Pra viver no país das calças bege

Tic, tac, ainda é nove e quarenta
O relógio da cadeia anda em
câmera lenta

(groove)

MANO BROWN
Ratatatá, mais um metrô vai passar
Com gente de bem, apressada,
católica
Lendo jornal, satisfeita, hipócrita
Com raiva por dentro, a caminho
do centro
Olhando pra cá, curiosos, é lógico
Não, não é, não, não é o zoológico
Minha vida não tem tanto valor
Quanto seu celular, seu
computador

Hoje, tá difícil, não saiu o sol
Hoje não tem visita, não tem
futebol
Alguns companheiros têm a mente

Sobre este documento

Título

Tipo de documento

Glossário

Charles Bronson (1921–2003):
ator norte americano que
alcançou grande sucesso na
década de 1970 com filmes de
ação, protagonizou um justiceiro
em seu maior sucesso: "Desejo
de Matar".

Rua 10: Corredor onde os
detentos realizavam "acertos de
contas".

Quiaca: briga, confusão.

Pinho Sol: marca de desinfetante.

Osasco, Mogi [Mogi das Cruzes],
Itapevi: Cidades da Grande São
Paulo.

Jardim D'Abril: Bairro de Osasco.

Bela Vista, Parelheiros, Jardim
Angela: Distritos de São Paulo.

Jardim Brasil, Paraisópolis,
Heliópolis: Bairros da Zona Norte
de São Paulo.

Marlboro, Free: Marcas de
cigarros.

Kadett: Modelo de automóvel da
Chevrolet.

Fonte: https://prova.olimpiadadehistoria.com.br/prova/onhb11/fases/fase_3/questao/q23

Imagem 09: continuação do documento 23a, da questão 23, 3ª fase, 11ª edição

mais fraca
Não suportam o tédio, arruma
quiaca

Graças a Deus e à Virgem Maria
Faltam só um ano, três meses e uns
dias
Tem uma cela lá em cima fechada
Desde terça-feira ninguém abre
pra nada

Só o cheiro de morte e **Pinho Sol**
Um preso se enforcou com o lençol
Qual que foi? Quem sabe não conta
Ia tirar mais uns seis de ponta a
ponta
Nada deixa um homem mais
doente
Que o abandono dos parentes

Aí, moleque, me diz, então: cê quer
o quê?
A vaga tá lá esperando você
Pega todos seus artigo importado
Seu currículo no crime e limpa o
rabo
A vida bandida é sem futuro
Sua cara fica branca desse lado do
muro
Já ouviu falar de Lúcifer?
Que veio do Inferno com moral?
Um dia no Carandiru, não ele é só
mais um
Comendo rango azedo com
pneumonia

Aqui tem mano de Osasco, do
Jardim D'Abril
Parelheiros, Mogi, Jardim Brasil

Bela Vista, Jardim Angela,
Heliópolis
Itapevi, Paraisópolis
Ladrão sangue bom tem moral na
quebrada
Mas pro Estado é só um número,
mais nada
Nove pavilhões, sete mil homens
Que custam trezentos reais por
mês cada

Na última visita, o neguinho veio aí
Trouxe umas fruta, **Marlboro, Free**
Ligou que um pilantra lá da área
voltou
Com **Kadett** vermelho, placa de
Salvador
Pagando de gatão, ele xinga, ele
abusa
Com uma nove milímetro embaixo
da blusa
Aí neguinho, vem cá, e os manos
onde é que tá?
Lembra desse **cururu** que tentou
me matar?

ICE BLUE
Aquele puta ganso, pilantra, corno
manso
Ficava muito doído e deixava a
mina só
A mina era virgem e ainda era
menor
Agora faz chupeta em troca de pó!

MANO BROWN
Esses papo me incomoda
Se eu tô na rua é foda

ICE BLUE
É, o mundo roda, ele pode vir pra cá

MANO BROWN
Não, já, já meu processo tá aí
Eu quero mudar, eu quero sair
Se eu trombo esse fulano, não tem
pã, não tem pum
E eu vou ter que assinar um cento e
vinte e um

Amanheceu com sol, dois de
outubro
Tudo funcionando, limpeza, jumbo
De madrugada eu senti um calafrio
Não era do vento, não era do frio
Acerto de conta tem quase todo dia
Ia ter outro logo mais, hã, eu sabia
Lealdade é o que todo preso tenta
Conseguir a paz de forma violenta
Se um salafário sacanear alguém
Leva ponto na cara igual
Frankenstein

Fumaça na janela, tem fogo na cela
Fudeu, foi além, se pã, tem refém
Na maioria se deixou envolver
Por uns cinco ou seis que não têm
nada a perder
Dois ladrões considerados
passaram a discutir
Mas não imaginavam o que estaria
por vir
Traficantes, homicidas,
estelionatários
Uma maioria de moleque primário

Cururu: gíria para se referir a
indivíduos como bobo, trouxa,
pouco esperto, vagaroso.

Assinar cento e vinte um:
Assassinar alguém, refere-se ao
artigo 121 do Código Penal: Matar
alguém: Pena - reclusão, de seis
a vinte anos.

Fleury: Ex-Governador de São
Paulo, ordenou a entrada da
polícia na Casa de detenção.

Modess: marca de absorvente
higiênico.

Salmo 23: "O SENHOR é o meu
pastor, nada me falará. Deitar-
me faz em verdes pastos, guia-
me mansamente a águas
tranquilas. Refrigera a minha
alma; guia-me pelas veredas da
justiça, por amor do seu
nome. Ainda que eu andasse pelo
vale da sombra da morte, não
temeria mal algum, porque tu
estás comigo; a tua vara e o teu
cajado me consolam. Preparas
uma mesa perante mim na
presença dos meus inimigos,
unges a minha cabeça com óleo,
o meu cálice
transborda. Certamente que a
bondade e a misericórdia me
seguirão todos os dias da minha
vida; e habitarei na casa do
Senhor por longos dias."

Fonte: https://prova.olimpiadadehistoria.com.br/prova/onhb11/fases/fase_3/questao/q23

Imagem 10: Documento 23b, da questão 23, 3ª fase, 11ª edição

23b
Carandiru I
Fotografia



Sobre este documento
Título
Tipo de documento
Origem

"Relembre em imagens o Massacre do Carandiru". O Globo, 08/04/2013. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/relembre-em-imagens-massacre-do-carandiru-8056011>

Créditos
O Globo

Fonte: https://prova.olimpiadadehistoria.com.br/prova/onhb11/fases/fase_3/questao/q23

A questão nº 19 chamou atenção do aluno J.C., que posteriormente a utilizou num trabalho sobre feminismo e violência contra a mulher. Essa questão trazia como documento a música “Camila, Camila” da banda Nenhum de Nós e como conteúdos adicionais links para ouvir a música e reportagens sobre a violência contra a mulher e a legislação brasileira sobre o tema. Ouvir a música Camila, Camila com atenção me fez entendê-la de forma totalmente diferente. Antes, sem prestar atenção na letra eu percebia a música como uma baladinha romântica para alguma garota chamada Camila. Contudo, a música é uma denúncia de violência contra uma garota. Também é possível perceber uma mentalidade em mudança com relação a violência contra a mulher, porque na canção o eu-lírico lamenta ter presenciado o sofrimento da garota e não ter feito nada, por achar, quando mais jovem, que a violência contra a garota não lhe dizia respeito.

Imagem 11: Documento 19, questão 19, 2ª fase, 11ª edição

19

Camila, Camila

Letra de música

"Depois da última noite de festa Chorando e esperando amanhecer, amanhecer As coisas aconteciam com alguma explicação Com alguma explicação Depois da última noite de chuva Chorando e esperando amanhecer, amanhecer Às vezes peço a ele que vá embora Que vá embora oh Camila, Camila Eu que tenho medo até de suas mãos Mas o ódio cega e você não percebe	Mas o ódio cega E eu que tenho medo até do seu olhar Mas o ódio cega e você não percebe Mas o ódio cega A lembrança do silêncio daquelas tardes Daquelas tardes A vergonha do espelho naquelas marcas Naquelas marcas Havia algo de insano naqueles olhos, Olhos insanos Os olhos que passavam o dia a me	vigiar, a me vigiar oh Camila, Camila, Camila Camila, Camila, Camila E eu que tinha apenas 17 anos Baixava a minha cabeça pra tudo Era assim que as coisas aconteciam Era assim que eu via tudo acontecer E eu que tinha apenas 17 anos Baixava minha cabeça pra tudo Era assim que as coisas aconteciam Era assim que eu via tudo acontecer Camila, Camila, Camila Camila, Camila, Camila"	Sobre este documento Título Tipo de documento Origem NENHUM DE NÓS Gravadora: BMG - Ariola Ano: 1987 Compositores: Carlos Eduardo Filippon Stein / Sady Jr. Homrich / Thedy Rodrigues Correa Filho Créditos Carlos Eduardo Filippon Stein / Sady Jr. Homrich / Thedy Rodrigues Correa Filho
---	---	---	---

Fonte: https://prova.olimpiadadehistoria.com.br/prova/onhb11/fases/fase_2/questao/q19

A questão tinha como comando para os alunos escutarem a música e marcarem a alternativa que estava de acordo com o tema tratado por ela. As alternativas eram:

- (A) O Fórum Brasileiro de Segurança Pública indicou que no Brasil, em 2017, a maior parte dos 135 estupros e 12 assassinatos de mulheres por dia ocorreu na esfera doméstica e/ou por familiares/conhecidos.
- (B) Iniciativas como a Lei Maria da Penha de 2006 e o estabelecimento do crime de feminicídio acabam por reforçar a desigualdade jurídica entre homens e mulheres.
- (C) A letra descreve, de forma velada, o relacionamento abusivo e violento a que a personagem Camila está submetida: medo das mãos, marcas no corpo, olhos insanos que a vigiam.
- (D) A Constituição de 1988 estabeleceu a igualdade entre homens e mulheres na vida pública e privada, inclusive na relação conjugal, o que eliminou o “crime de legítima defesa da honra”.¹²

Após a ONHB, o aluno J.C. 2ºA, aproveitou os estudos sobre violência contra a mulher e a importância do movimento feminista na defesa da igualdade entre homens e mulheres em nossa sociedade. O material foi elaborado, mas, infelizmente, a apresentação não ocorreu devido a mudança da família do aluno para outra cidade. Apesar da frustração do trabalho não ter sido apresentado, orientar trabalhos em sala de aula sobre memes e o trabalho desse estudante, e o estudo das atividades realizadas nas últimas fases ao longo das edições da ONHB,

¹² Questão 19, 2ª fase, 11ª ONHB, 2019. Os valores das alternativas, conforme gabarito, foram: a4 b0 c1 d4. Disponível em: < https://prova.olimpiadadehistoria.com.br/prova/onhb11/fases/fase_2/questao/q19 >

me inspiraram a propor que os alunos olímpianos dessa edição escolhessem um tema trabalhado na prova desse ano para produzir um jornal ou reportagem de revista eletrônica sobre o tema, um programa de *podcast* ou outro meio eletrônico de divulgação do conhecimento produzido.

A outra questão que impactou nossa equipe, mais especificamente à aluna C.F., foi a questão nº 02, 1ª fase. Essa questão trazia como documento a pintura “Um canto no meu ateliê”, 1884, de Abigail de Andrade. Em entrevista a aluna contou que teve uma experiência transformadora ao analisar o quadro de Abigail de Andrade para resolver a questão. Além da pintura, trazia como conteúdo adicional um artigo sobre a Abigail de Andrade e os artistas dos anos 80 do século XIX. O comando da questão pedia para os alunos com base no quadro e na trajetória artística da pintora para marcar uma das seguintes afirmativas:

- (A) Abigail de Andrade recebeu a medalha de ouro na Exposição Geral de Belas Artes de 1884, no Rio de Janeiro.
- (B) A ideia de “musa” é rompida ao reforçar o domínio técnico e a ação da artista em seu ambiente de trabalho.
- (C) O quadro retrata uma pintora que trabalha de costas para quem vê o quadro e conversa com uma mulher que está na janela, foco de luz da imagem.
- (D) A pintora na obra busca exemplificar como a natureza morta era um tema fundamentalmente feminino na pintura.¹³

A pintura segue na Imagem 12:

¹³ Questão 02, 1ª fase, 11ª ONHB, 2019. O gabarito dessa questão foi: a4 b5 c1 d0. Disponível em: < https://prova.olimpiadadehistoria.com.br/prova/onhb11/fases/fase_1/questao/q02 >

Imagem 12: Documento 02, da questão 02, 1ª fase, 11ª edição

02

Um canto no meu ateliê, 1884

Quadro



Sobre este documento

Título

Tipo de documento

Origem

Abigail de Andrade. Um canto no meu ateliê, 1884. In. Ana Paula Cavalcanti Símioni. Profissão Artista. Pintoras e escultoras acadêmicas brasileiras. São Paulo: Edusp/FAPESP, 2008, p. 209.

Créditos

Abigail de Andrade

Técnica

Óleo sobre tela

Fonte: https://prova.olimpiadadehistoria.com.br/prova/onhb11/fases/fase_1/questao/q02

Segundo a aluna relatou em entrevista, por aplicativo, após aplicação de questionário, enquanto ela resolvia essa questão as “concepções [dela] entraram em choque”. Ver a autora se representar fazendo sua própria obra, e não como a musa de alguém, fortaleceu nela esse pensamento de que pode ser “dona de si”, não precisa se moldar ao gosto dos outros e pode “construir o próprio conceito de felicidade”. A experiência que ela teve com essa questão foi o que Peter Lee chama de “função transformativa da história” (LEE, 2016, p. 128). C.F., a partir da análise do quadro, transformou sua forma de ver o mundo, de ver a si mesma, abrindo novas perspectivas de futuro, para além da vivência que é comum as jovens de Boa Vista do Gurupi.

Imagem 13: Documento da Atividade “Migalhas” 11ª ONHB. O mapa “Descobrimento do rio Amazonas e suas dilatadas províncias”, de 1639

Descobrimento do rio Amazonas e suas dilatadas províncias

Martín de Saavedra y Guzmán. Descubrimiento del río de las Amazonas y sus dilatadas provincias por D. Martín de Saavedra y Guzmán, 1639.

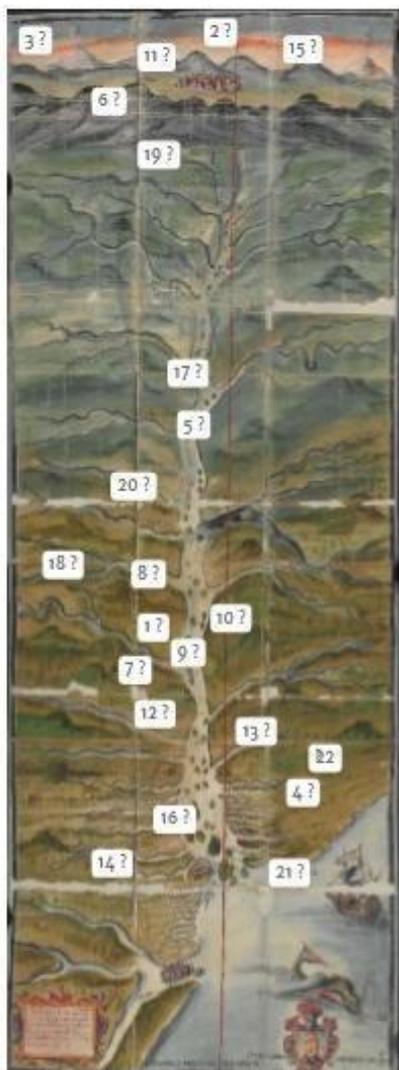


Imagem 14: Documento da Atividade “Migalhas” 11ª ONHB, aquarela “Barbeiros ambulantes” de Jean Baptiste Debret, de 1826

Barbeiros ambulantes

Jean Baptiste Debret. *Les Barbiers ambulants (Barbeiros ambulantes)*. Aquarela sobre papel, 18,7x23cm.

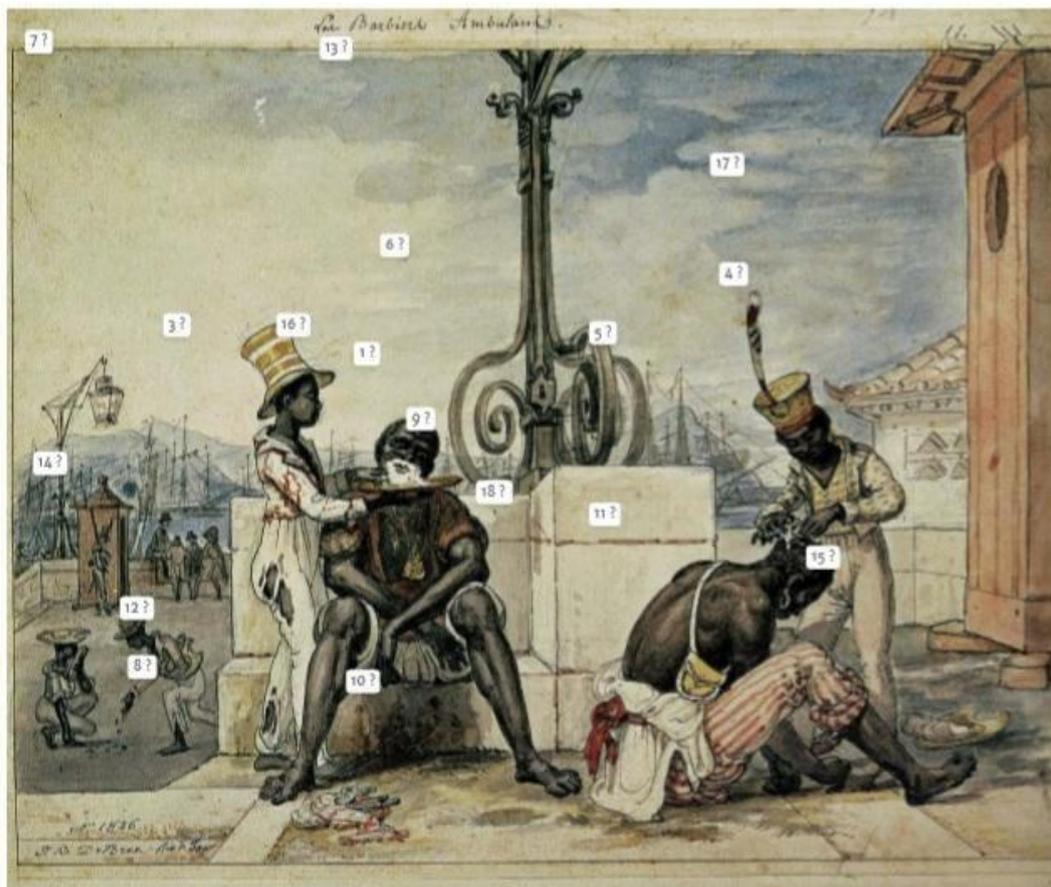


Imagem 15: Documento da Atividade “Migalhas” 11ª ONHB, fotografia, “Filas em pontos de ônibus no vale do Anhangabaú” de Alice Brill, c. 1953

Filas em pontos de ônibus no vale do Anhangabaú

Alice Brill, *Filas em pontos de ônibus no vale do Anhangabaú*, c. 1953. Instituto Moreira Salles

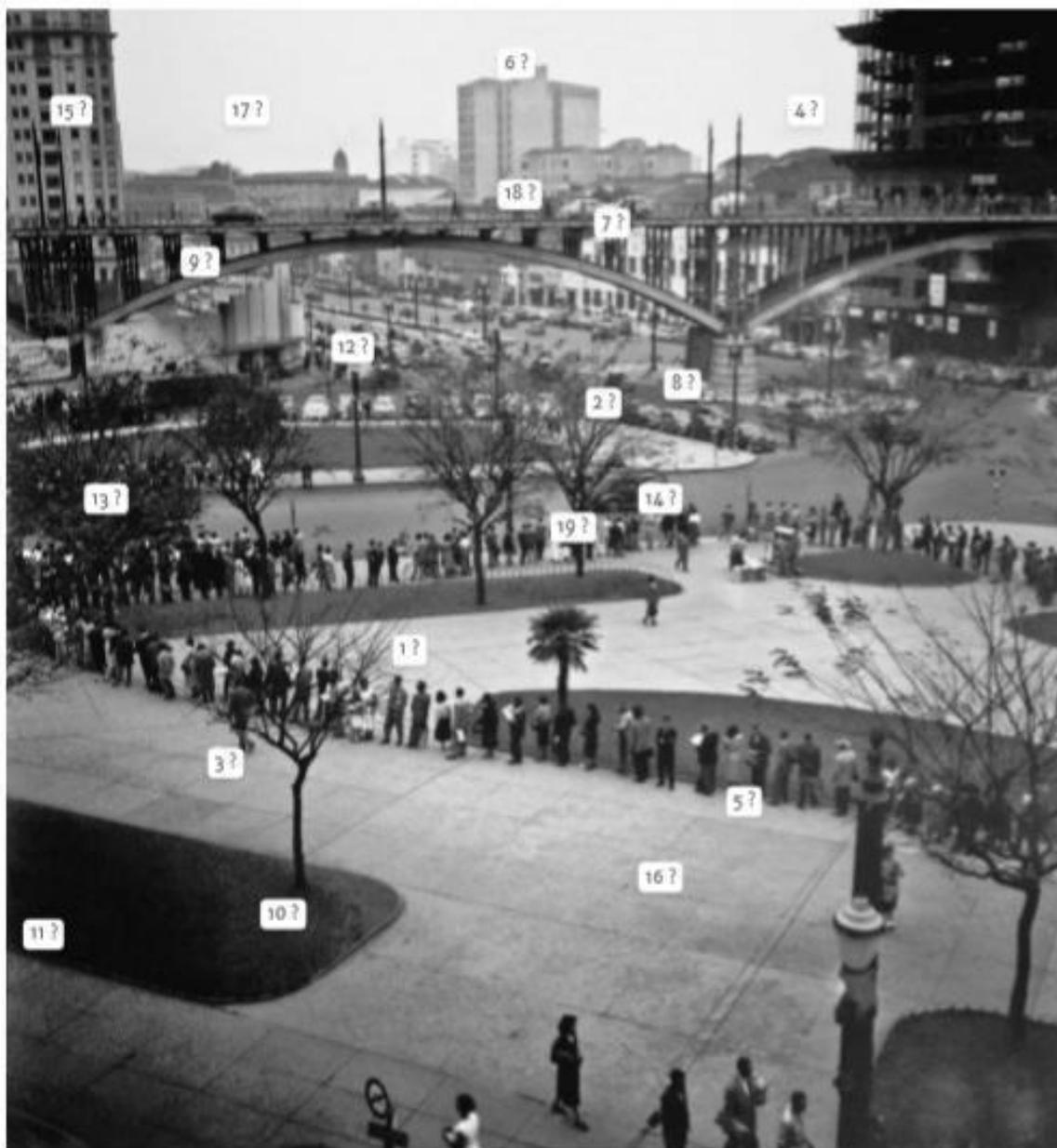
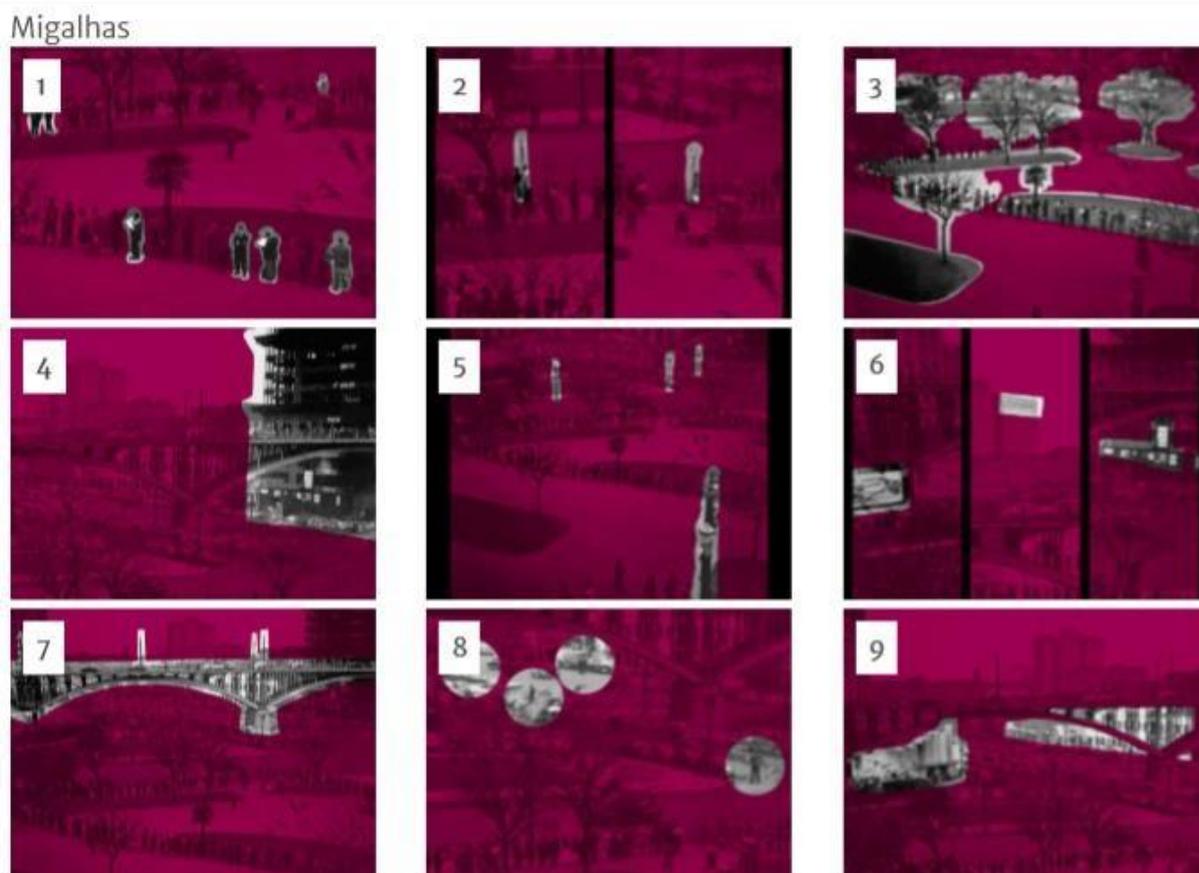


Imagem 16: exemplo de “migalhas”, 11ª ONHB, referente à Imagem 13



1.4 A Olimpíada Nacional em História do Brasil e a consciência histórica

Nesta dissertação não estou pensando o conceito de consciência histórica como uma capacidade ou estágio de consciência restrita a um tipo de sociedade ou a determinados grupos sociais, conforme entende Hans-Georg Gadamer (2003). Nem como uma habilidade que se pode ter ou não, como propõe Phillippe Ariès (1989). Se a consciência histórica é a capacidade de orientação no tempo, precisamos entender do que se trata o tempo. Eu o compreendo como um objeto abstrato, concebido por toda espécie humana, que se tornou, da mesma forma que a linguagem, uma segunda natureza, tão própria da nossa espécie que a tratamos como algo ou uma percepção que sempre existiu.

Segundo Norbert Elias (1984, p. 33), esse objeto abstrato, tantas vezes reificado, foi produto de muitos anos de observação e síntese e

constitui uma especificidade da espécie humana: para se orientar, os homens servem-se menos do que qualquer outra espécie de reações inatas e, mais do que qualquer outra, utilizam percepções marcadas pela

aprendizagem e pela experiência prévia, tanto a dos indivíduos quanto a acumulada pelo longo suceder das gerações. É nessa capacidade de aprender com experiências transmitidas de uma geração para outra que repousam o aprimoramento e a ampliação progressivos dos meios humanos de orientação, no correr dos séculos.

Nessa citação, percebemos que para o autor Elias, o tempo é necessário para a sobrevivência, desenvolvimento e orientação das sociedades humanas, que dependem, mais do que qualquer outra espécie, do aprendizado entre as gerações. A partir dessa compreensão sobre o tempo, como abstração necessária à espécie humana, entendo, como Jorn Rüsen (2001, p. 78), que

consciência histórica não é algo que os homens podem ter ou não – ela é algo universalmente humano, dada necessariamente junto com a intencionalidade da vida prática dos homens. A consciência histórica enraíza-se, pois, na historicidade intrínseca à própria vida humana prática. Essa historicidade consiste no fato de que os homens, no diálogo com a natureza, com os demais homens e consigo mesmos, acerca do que sejam eles próprios e seu mundo, têm metas que vão além do que é o caso.

A consciência histórica é, portanto, uma habilidade desenvolvida por todos os homens, ela é imprescindível para a vida humana e não é necessariamente apreendida no contexto escolar, mas no contato com a natureza e com outros seres humanos. Da mesma forma que a linguagem, a consciência histórica é aprendida a partir do momento em que a criança começa a ser socializada, mas é inegável que essas habilidades são sistematicamente trabalhadas no espaço escolar.

EREKSON (2011), refletindo sobre a pedagogia específica das profissões, observa que estudantes de direito praticam casos reais, estudantes de medicina estudam casos clínicos e seminaristas acompanham a rotina de pregadores. Por isso, propõe uma pedagogia específica de história embasada na teoria e na prática dos historiadores, para que os alunos desenvolvam essa perspectiva histórica, ou seja, a capacidade de “pensar historicamente”.

A ONHB proporciona aos alunos, pela adoção de metodologias ativas e a proposta do documento como situação-problema ter a experiência de trabalho do historiador, a pesquisa, interpretação e orientação. Através de sua metodologia, traz aos estudantes o arquivo, propicia a interpretação das experiências históricas do passado de diversos sujeitos históricos e amplia a memória histórica do aluno que se assenhora dessas experiências. Ao privilegiar o caminho para obter as respostas, em detrimento da velocidade em se obtê-las, a ONHB favorece o debate entre os participantes e o exercício da narrativa de sentido da experiência do tempo.

O trabalho com diversos temas e diversas fontes, dando voz a diferentes agentes históricos (muitas vezes silenciados na narrativa tradicional) permite ao aluno participante ampliar seu horizonte histórico, exercitar sua capacidade de empatia e reforçar sua identidade histórica (ou se desvencilhar dos papéis sociais esperados deles), percebendo os limites que separam sua própria identidade da alteridade dos demais. Um exemplo da forma incrível como a ONHB faz esse trabalho é o material que recentemente disponibilizaram pela internet das quatro páginas de um livro didático imaginário elaborado por cada uma das equipes participantes da 5ª fase de sua 11ª edição, apresentando um personagem que avaliaram como relevante, apesar de não terem datas comemorativas, monumentos ou destaque dentro dos livros didáticos. Esse trabalho foi inspirado tanto no samba-enredo da escola de samba Mangueira, como na obra intitulada no Brasil de “Os Excluídos da História”, da historiadora francesa Michelle Perrot, publicado no Brasil em 1988.

No próximo capítulo descrevo o local onde se realizou a pesquisa, faço um breve histórico da cidade e da escola e procuro explorar seus dados socioeconômicos e educacionais, relacionando com o pouco desenvolvimento da cidade e a estrutura precária em que funcionou nossa unidade de ensino e como isso pode ter afetado o desempenho escolar dos jovens de Boa Vista do Gurupi.

2 Capítulo II: O local da pesquisa. Boa Vista do Gurupi e a Escola do estado

Nesse capítulo há uma breve descrição do local dessa pesquisa: a cidade de Boa Vista do Gurupi e a escola estadual Centro de Ensino José Alencar anexo IV, que hoje se chama Centro de Ensino Professor Antônio Laércio dos Reis, à qual irei me referir apenas como escola professor Laércio, ou escola do estado. Os dados sobre a cidade e a unidade escolar foram obtidos por meio de pesquisa em órgãos federais, mais precisamente o Instituto brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), bem como através de entrevistas com habitantes locais. As entrevistas foram realizadas, em um primeiro momento, de modo não-estruturado, procurando obter dados relativos à história da cidade e da escola e as impressões da comunidade escolar, tanto da cidade quanto da escola. Essas conversas com alunos e moradores de Boa Vista do Gurupi possibilitaram melhor delimitação dos temas para entrevistas semi-estruturadas, consideradas mais adequadas para uma pesquisa qualitativa, porque segundo Manzinni (1990/1991, p.154), “esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas”. À medida que o objeto de pesquisa era conhecido, foram aplicados questionários aos discentes para coletar informações adicionais e dirimir algumas dúvidas. Os questionários elaborados e aplicados aos estudantes de Boa Vista do Gurupi foram anexados à dissertação na seção Apêndices.

2.1 A cidade de Boa Vista do Gurupi, Maranhão. Aqui a gente nunca tem vez

Boa Vista do Gurupi é um pequeno e pobre município do oeste do estado do Maranhão, não há cinemas, boates, shopping centers, nem mesmo livrarias, bancas de jornal, ou bibliotecas. Para alguns, esses bens culturais podem parecer supérfluos, todavia, é inegável que o acesso ou não a eles interfere na constituição da identidade juvenil, bem como podem ser importantes para a aquisição de capital cultural que auxilia no bom desempenho escolar. Localizado às margens da BR 316, que liga a capital maranhense, São Luís, à capital paraense, Belém, essa pequena cidade está exatamente na fronteira entre esses dois estados.

Imagem 16: Localização de Boa Vista Do Gurupi (WIKIPEDIA, 2021)



Quando digo que o município é pequeno, não me refiro somente a sua exígua população, mas principalmente ao baixo desenvolvimento econômico da cidade, que tem o PIB per capita de R\$6849,22, um dos piores índices do país. A economia pouco dinâmica, como é de se esperar, vem acompanhada de serviços de saúde e educação precários, que combinados

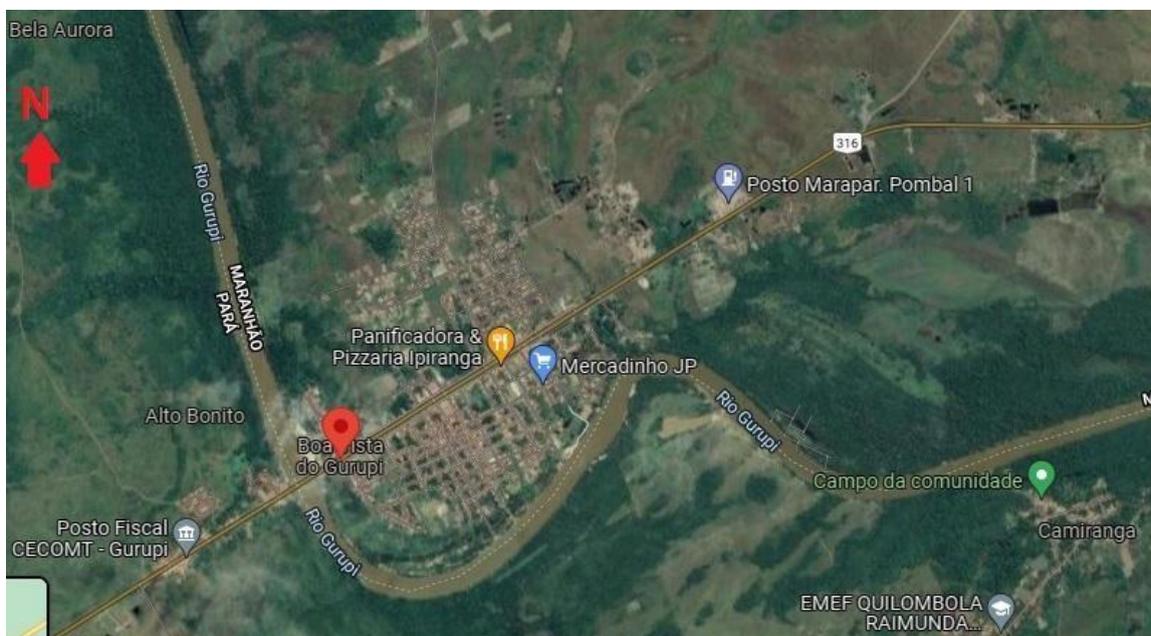
compõem o baixo IDHM de Boa Vista do Gurupi, um dos mais baixos entre os 5568 municípios brasileiros.

Quadro 02 - Comparativo IDHM (2010). Destaque para Boa Vista do Gurupi (PNUD, 2010)					
Posição	Cidade (UF)	IDHM	Renda	Longevidade	Educação
5253 °	São José da Vitória (BA)	0,546	0,553	0,686	0,429
5268 °	Nova Canaã (BA)	0,545	0,554	0,789	0,370
5268 °	Boa Vista do Gurupi (MA)	0,545	0,515	0,681	0,461
5268 °	Lagoa Real (BA)	0,545	0,535	0,764	0,395
5268 °	Mirador (MA)	0,545	0,485	0,740	0,451
5268 °	Luzilândia (PI)	0,545	0,550	0,700	0,420
5268 °	Terezinha (PE)	0,545	0,536	0,711	0,425
5268 °	Dona Inês (PB)	0,545	0,524	0,690	0,447
5268 °	Batalha (PI)	0,545	0,540	0,755	0,398
5268 °	Santa Luzia do Itanhy (SE)	0,545	0,513	0,764	0,414
5277 °	Wall Ferraz (PI)	0,544	0,513	0,708	0,443

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013

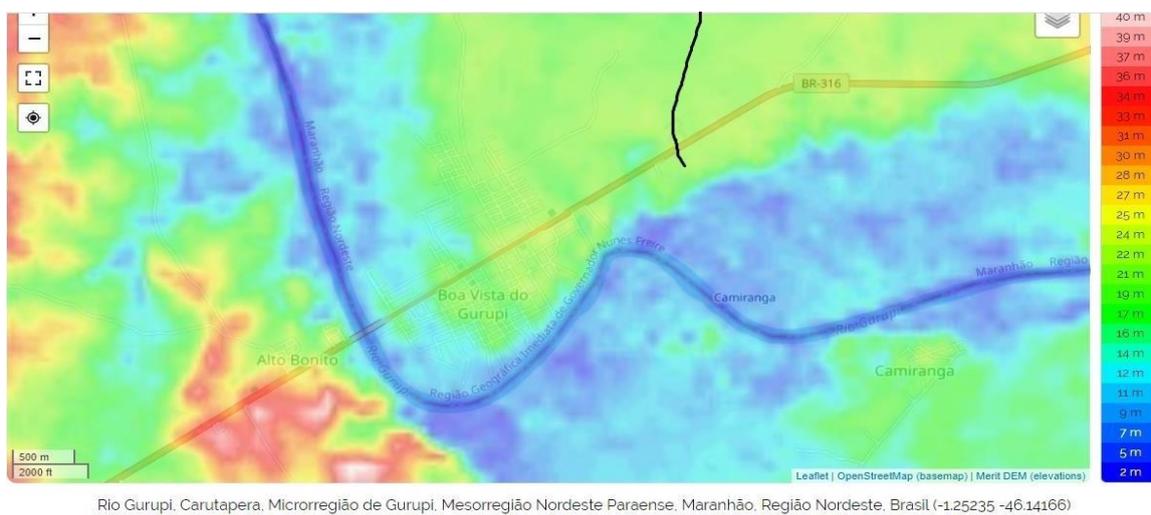
A cidade não está localizada na região costeira ou litorânea maranhense, mas é quase toda rodeada pelo rio Gurupi, pois está localizada em um dos meandros do médio curso dele. A localização na planície de várzea do rio eventualmente causa algumas inundações, quando o índice pluviométrico é muito elevado, desabrigando parte dos moradores e interferindo em nosso calendário escolar, como ocorreu nos anos de 2019 e 2020. No ano em que começou a pandemia pelo mundo, as aulas em Boa Vista do Gurupi já estavam suspensas desde o dia 13 de março para que as edificações das unidades municipais de educação fossem utilizadas como abrigo pela população desalojada com a elevação do nível das águas.

Imagem 17: Boa Vista do Gurupi, Imagem de satélite (GOOGLE MAPS).



Fonte: Googlemaps

Imagem 18: Mapa topográfico de Boa Vista do Gurupi.



Fonte: Googlemaps

Nessa área convidativa, de clima amazônico, com abundância de água, pesca e caça, certamente havia ocupação humana há muitos anos, tanto que já havia casas e habitantes no território ao qual teriam chegado, nos anos sessenta do século passado, Manuel de Paiva e o Padre Luciano, tidos como fundadores da vila que deu origem à Boa Vista do Gurupi. Com o

passar dos anos essa vila cresceu e se tornou município em 1997, quando foi desmembrada de Luís Domingues e Carutapera, ambas no Maranhão.

O município, que tem sua divisão territorial datada de 1999, possui uma área de pouco mais de 400 mil Km² e, segundo o último censo de 2010, uma população de 7949 pessoas, dando pouco menos de 20 habitantes por Km².

Quadro 03 - Dados populacionais de Boa Vista do Gurupi	
População no último censo [2010]	7.949 pessoas (IBGE, 2010)
População estimada [2020]	8.382 pessoas (IBGE, 2020)
Densidade demográfica [2010]	19,70 hab/km ² (IBGE, 2011)
População no último censo [2010]	7.949 pessoas

A ocupação do território municipal ocorre principalmente em uma área mais central, margeando a BR 316, se estendendo do rio Gurupi até o posto fiscal. Além desse centro expandido, que contém sete bairros, há treze povoados chamados pela população local de interiores, quais sejam, Água Branca, Cereja, Colônia Militar, Conceição do Panema, Fé em Deus, Glória, Japariquara, Santa Angélica, Santa Rita, Timbotiua, Treze de Maio, Vila São Luís (mais conhecido como Carvoeira) e Vista Alegre. Essas localidades são um pouco mais isoladas, não possuem conexão com a internet, nem por banda larga, nem por telefonia móvel. As vias de acesso a essas localidades não são pavimentadas, ficando o trânsito por elas praticamente impedido durante a estação chuvosa.

Boa Vista do Gurupi apresenta poucas oportunidades de emprego para sua população, sendo a maioria das ocupações mal remuneradas. Ainda de acordo com os dados do IBGE o salário médio mensal dos trabalhadores é de 1,7 salários mínimos, sendo que apenas 5% de sua população está formalmente ocupada e quase a metade de seus habitantes possui o rendimento nominal mensal per capita de até meio salário mínimo. Como podemos observar no Quadro 04.

Quadro 04 - Renda e emprego em Boa Vista do Gurupi	
Salário médio mensal dos trabalhadores formais [2019]	1,7 salários mínimos
Pessoal ocupado [2019]	462 pessoas
População ocupada [2019]	5 %

Percentual da população com rendimento nominal mensal per capita de até 1/2 salário mínimo [2010]	49.5 %
---	--------

Dessa forma, a cidade não possui muitas oportunidades de emprego, sendo a maioria de trabalhos manuais, que não exigem muita qualificação e são mal remunerados. A falta de oportunidades profissionais e a baixa perspectiva dos jovens em continuar os estudos limitam seus projetos de futuro e é uma das reclamações mais frequentes entre os ex-alunos ouvidos que permanecem vivendo e trabalhando em Boa Vista do Gurupi.

R.S, 19 anos, formado no ensino médio em Boa Vista do Gurupi e trabalhador na instalação de fibra ótica para uma empresa local, quando questionado sobre os motivos dos jovens da cidade não continuarem a estudar disse que “a cidade não oferece pra eles. Aí, muitos vão atrás do seu sonho pra fora, muitos não tem essa coragem que muitos tem de sair pelo mundão atrás de serviço para poder bancar uma faculdade. Então é isso.”¹⁴ A fala do jovem R.S. expressa, além da falta de oportunidades na cidade, a centralidade do trabalho no planejamento do futuro de muitos deles, cujas famílias não podem investir em suas formações. Outra ex-aluna ouvida, A.C, 19 anos, que se formou em 2019, é mãe e dona-de-casa respondeu a mesma pergunta com uma afirmação muito parecida com a de R.S.. Segundo ela “aqui a gente nunca tem vez, a gente tem sempre que se deslocar (sic) daqui pra outro canto.”¹⁵ Podemos notar pelos depoimentos dos jovens que a falta de oportunidades é um fator que ajuda a esvaziar de sentido o sacrifício do presente por um projeto de futuro, porque faltam para a maioria deles elementos materiais para a realização desses sonhos pra fora, tendo que ter coragem de sair pelo mundão, como nos informou R.S.

Apesar de possuir a maioria da população de 6 a 14 anos matriculadas no ensino fundamental, totalizando 1597 matrículas no ano de 2020, a qualidade do desempenho das unidades de ensino é baixa. A média do IDEB dos 12 estabelecimentos de ensino fundamental é de 4,0 para os anos iniciais do ensino fundamental e 3,6 para os anos finais desse nível de ensino. A única instituição de ensino de nível médio, o atual C.E. Antônio Laércio Alves Fernandes dos Reis, possui 291 alunos matriculados e uma média do IDEB igualmente baixa de 3,2.

¹⁴ Arquivo pessoal do pesquisador, entrevista realizada em setembro de 2021

¹⁵ Arquivo pessoal do pesquisador, entrevista realizada em setembro de 2021

Quadro 05 - Dados educacionais de Boa Vista do Gurupi (IBGE, 2011)

Taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade [2010]	97,7 %
IDEB – Anos iniciais do ensino fundamental (Rede pública) [2019]	4,0
IDEB – Anos finais do ensino fundamental (Rede pública) [2019]	3,6
Matrículas no ensino fundamental [2020]	1.597 matrículas
Matrículas no ensino médio [2020]	291 matrículas
Docentes no ensino fundamental [2020]	129 docentes
Docentes no ensino médio [2020]	16 docentes
Número de estabelecimentos de ensino fundamental [2020]	12 escolas
Número de estabelecimentos de ensino médio [2020]	1 escolas

Percebemos pelo desempenho médio do IDEB que os jovens da cidade de Boa Vista do Gurupi apresentam dificuldades de aprendizado e que a educação no município não é boa, ou, pelo menos não está adequada às necessidades das crianças e adolescentes. Essa situação presente na rede municipal de ensino se agrava no ensino médio em que O índice nacional é ainda menor.

Realizando algumas entrevistas não-estruturadas com ex-alunos da escola, eu confirmei algumas das queixas desses jovens. Todos os cinco ex-alunos ouvidos reclamaram da falta de oportunidades para continuidade nos estudos e que para prosseguirem estudando é necessário mudarem-se de cidade. A respeito disso, durante uma entrevista sobre a história de Boa Vista do Gurupi, o filho da informante, que é também ex-aluno da escola, fez observação muito parecida com a dos meus ex-alunos. As informações colhidas foram de que, além da falta de oportunidades nas proximidades de Boa Vista do Gurupi, os custos para se mudar e para morar em cidades onde há essas oportunidades de estudar são muito elevados para a maioria dos jovens locais.

Contudo, os entrevistados não se queixaram apenas do pouco desenvolvimento socioeconômico da região. Em nossas conversas também mencionaram a estrutura da escola que segundo Abramovay e Castro (2003, p. 288-289).

a existência de um espaço físico bem estruturado, adequado às necessidades tanto dos alunos quanto dos professores, mostra-se de fundamental importância para o bom desenrolar das atividades escolares e até mesmo para que as pessoas desenvolvam um sentimento de pertencimento àquela comunidade.

Se o espaço físico bem estruturado, com biblioteca, laboratórios, auditório, salas adequadas, banheiros limpos, etc. é de fundamental importância para o adequado desenvolvimento das atividades, a ausência dessas condições tem certamente impacto negativo. Mais adiante faremos considerações sobre as condições do espaço físico e de funcionamento da escola estadual em Boa Vista do Gurupi.

Além da estrutura precária, fator realmente desestimulante para alunos e professores, a ex-aluna A.C, 19 anos, queixa-se que “falta muito interesse dos professores, de querer inventar algo novo, algo atrativo, que chame a atenção dos alunos” e complementa “porque tem que ter alguma coisa diferenciada pra chamar a atenção.”¹⁶ E a ex-aluna A.S, 20 anos, formada em 2018 e que dá aula de Zumba, vê a questão de outra perspectiva, mas que apresenta uma importante interseção com a fala anterior. Ela reconhece que faltam oportunidades na cidade, mas acredita que “quem faz o futuro da gente somos nós mesmos”¹⁷ e que a escola deveria ajudar o jovem no seu autodescobrimento “eu acredito muito nos professores, assim, ajudar um aluno verdadeiramente, conseguir correr atrás e descobrir o que ele tem uma vocação para o futuro.”¹⁸ E nos informa que esse não foi o caso dela porque “tive poucos professores com uma influência pro que eu faço hoje”¹⁹. O ponto de interseção dos depoimentos dos alunos não é estranho ao que encontramos em outras pesquisas. De acordo com as pesquisadoras Reitz e Peters (2008, p. 414),

a escola é o lugar onde os sujeitos passam grande parte de suas vidas e, no entanto, se apresenta, como destaca a maioria dos jovens pesquisados, como um lugar que não se interessa pelos problemas dos jovens estudantes que a frequentam e têm suas razões de aspirações futuras: conquistas e desenvolvimento no campo pessoal e profissional.

¹⁶ Arquivo pessoal, , entrevista realizada em setembro de 2021

¹⁷ Arquivo pessoal, entrevista realizada em setembro de 2021

¹⁸ Arquivo pessoal, entrevista realizada em setembro de 2021

¹⁹ Arquivo pessoal, entrevista realizada em setembro de 2021

Essa é justamente a percepção dos ex-alunos ouvidos. A.C. nos revela que os professores precisam descobrir algo novo, que desperte o desejo de aprender dos jovens, “mas que falta muito interesse dos professores”²⁰ e A.S, acha que a escola não se interessa pelo aluno ao ponto de não influenciá-la na escolha da profissão, e “que tendo um professor, que tem a profissão que ele ama, e te ajuda a descobrir o que tu ama, tanto dentro quanto fora da escola, isso pra mim já é demais.”²¹ Mas ela percebe que “aqui a gente tem poucos, pouquíssimos, assim, não sei se eu dou 25% de um professor ajudar realmente um aluno a descobrir uma verdadeira vocação para o futuro.”²²

Apesar das queixas em relação à escola e aos professores, os jovens de Boa Vista do Gurupi, tal qual outros jovens de periferias pelo Brasil, tendem a depositar “na educação suas esperanças de inserção no mercado de trabalho e realização de seus projetos de vida” (REITZ; PETERS, 2008, p. 415). O ex-aluno R.S., por exemplo, deixou clara a estratégia de vários jovens do Gurupi de “sair pelo mundão atrás de serviço para poder bancar uma faculdade”²³. Ao responderem questionário²⁴ em sala no ano de 2021, apenas dois alunos responderam que suas vidas mudariam nada ou pouco com a conclusão do ensino médio e a maioria, 89 entre 140, manifestou vontade de continuar a estudar, seja em uma universidade, seja em algum curso de qualificação profissional; outros 45 pretendem conseguir um emprego melhor em uma cidade maior e 6 pretendem conseguir um trabalho com salário melhor na cidade ou na região²⁵. Essas aspirações dos jovens de Boa Vista do Gurupi condizem com os resultados de outras pesquisas, resultado da identidade do ensino médio consolidada ao longo dos anos de preparação para o estudo universitário ou de capacitação para o mercado de trabalho.

2.2 A escola

A escola C.E. Professor Antônio Laércio Alves Fernandes dos Reis não surgiu com esse nome. A escola matriz, fundada em Luís Domingues, chamava-se CEM Maria do Socorro Almeida Ribeiro como homenagem à esposa do então prefeito de Luís Domingues, município ao qual pertencia a cidade de Junco do Maranhão, onde se situava e ainda se situa a antiga unidade de ensino matriz. Essa escola-mãe foi obrigada a mudar de nome em 2016, quando o

²⁰ Arquivo pessoal, entrevista realizada em setembro de 2021

²¹ Arquivo pessoal, entrevista realizada em setembro de 2021

²² Arquivo pessoal, entrevista realizada em setembro de 2021

²³ Arquivo pessoal

²⁴ Questionário disponível na seção apêndice, páginas 95 e 96

²⁵ Acervo pessoal, entrevista realizada em setembro de 2021

governador Flávio Dino assinou decreto 31904 de 28 de junho daquele ano, proibindo a homenagem a pessoas vivas em escolas ou outros prédios públicos. O novo nome escolhido foi uma justa homenagem um professor muito conhecido da região de Junco do Maranhão, João Teixeira Sousa.

O anexo IV desta escola foi aberto em Boa Vista do Gurupi no ano de 2002 sob a gestão da professora S.M., que esteve à frente da gestão da escola até 2012. Nesses anos iniciais, o anexo do estado não possuía sequer professores efetivos em seu quadro funcional, fazendo-o funcionar muito precariamente. Essa situação impossibilitou até mesmo a existência do caixa escolar, então, nesse período a merenda escolar era adquirida pela “escola-mãe” em Junco do Maranhão e encaminhada ao seu anexo em Boa Vista do Gurupi. Nesses primeiros anos também não havia caixa escolar ou prédio próprio para seu funcionamento educativo, que se realizava em prédios cedidos pelo município. E ao longo do tempo, a escola do estado, nome tradicionalmente usado pela comunidade escolar, mudou-se algumas vezes de endereço, até mesmo funcionou em mais de um prédio de unidades municipais de ensino ao mesmo tempo. Atualmente a unidade estadual de ensino foi inaugurada em setembro de 2021, ganhando edificação própria e deixando de ser anexo de outra unidade de ensino.

Entre os anos de 2002 e 2004 a escola do estado atendia no prédio onde funcionava também a Escola Municipal Maria José. Contudo, o aumento do número de alunos no nível médio, forçou a escola do estado a conseguir nova casa, passando, entre os anos de 2004 a 2011, a funcionar em dois prédios distintos das escolas Raimundo Matos Torres e Izabela Cunha da Gama. A partir de 2012 as turmas da escola do estado foram reunidas novamente em um único estabelecimento de ensino, quando foi vencida a resistência aos “alunos do estado”, que, então, passaram a poder frequentar a recém-inaugurada escola municipal José Alencar. O novo prédio era maior, por isso tinha capacidade de comportar todas as turmas de alunos do ensino médio matriculados no município, acabando com o inconveniente de funcionar simultaneamente em dois lugares distantes. De 2012 até setembro de 2021, a escola municipal José Alencar, no Bairro Novo, foi o local onde ocorriam as aulas para alunos do ensino médio de Boa Vista do Gurupi.

Ao longo de todos esses anos as condições de funcionamento encontradas pelos professores e alunos foi a mesma: salas de aula muito quentes e sem ventilação adequada, ausência de bibliotecas ou espaços de estudo apropriados para os alunos, laboratórios, salas multimídia. Também convivíamos com eventuais maus cheiros provenientes da fossa séptica. Esses problemas comumente encontrados ao longo dos anos também foram percebidos pelos

alunos como fatores que dificultavam a aprendizagem. De 140 questionários sobre esse tema em que os alunos podiam marcar mais de uma opção, apenas 23 (em torno de 16%) não marcaram a má ventilação e o calor das salas de aula como fatores do prédio da escola que atrapalhavam os estudos. Outro problema comumente apontado pelos alunos era a inadequação dos banheiros, mencionado por 39 dos 140 questionários respondidos. O questionário não mencionava a inexistência de laboratórios ou mesmo a ausência de biblioteca, porém, uma das alternativas possibilitava que os alunos acrescentassem quaisquer outros problemas estruturais identificados por eles e nenhum dos informantes apontou a inexistência de laboratórios e da biblioteca, situação bastante compreensível se considerarmos que a maioria dos alunos jamais estiveram em unidades de ensino dotadas desses equipamentos.

Com a inauguração do prédio próprio da escola, que também ganhou novo nome C.E. Professor Antônio Laércio Alves Fernandes dos Reis, esperamos superar esses problemas estruturais. Expectativa que também é compartilhada com alguns discentes, como o informante do questionário número 109, que ao responder sobre os problemas estruturais da antiga escola, preferiu marcar a opção “outros” e escreveu “agora não tem mais problemas”²⁶.

Esperamos que o retorno às aulas presenciais facilite a continuidade da execução dos projetos escolares, uma característica da escola que percebi desde que comecei a lecionar nessa instituição em 2017. Nosso novo local de trabalho possui, além de salas equipadas com ar condicionado, biblioteca (embora não haja profissional responsável por seu funcionamento), nos faltando laboratórios, auditório, quadra poliesportiva com vestiários, etc., que precisaremos de muita luta, trabalho e mobilização para conquistar. Contudo o novo espaço físico já representa um importante avanço.

2.3 Como cheguei em Boa Vista do Gurupi

Minha jornada a Boa Vista do Gurupi começa com a aprovação no concurso para professores de história para nível médio realizado em 2015. Aprovado nesse concurso, mas com pontuação baixa, principalmente considerando as provas de títulos e certificados, escolhi as cidades maranhenses mais próximas do litoral e que tinham IDH (índice de desenvolvimento humano) não muito baixo. Seguindo esses critérios, obviamente Boa Vista do Gurupi não se

²⁶ Acervo pessoal, entrevista realizada em setembro de 2021

encaixava, por isso, tomei posse para a cidade de Cândido Mendes em abril de 2016 e fui trabalhar na escola C.E. Djalma Cruz.

Lá a adaptação ao Maranhão foi facilitada pelo apoio e recepção calorosa de alguns colegas de profissão, mas sobretudo pela fartura de peixes, camarões, caranguejos e açai. Durante esse período precisei muitas vezes de viajar para a capital do Pará, passando pela singela e organizada Boa Vista do Gurupi. Em todas idas e vindas me admirava por essa parte da cidade, suas ruas calçadas, escolas e prédios públicos novos e bem cuidados. O aparente asseio e a necessidade cada vez mais frequente de me deslocar para Belém, tornaram essa pequena cidade bastante atraente, motivando meu pedido de transferência.

No final de 2017, mais precisamente em novembro, após a prova do ENEM (exame nacional do ensino médio), comecei a lecionar no, então, C. E. João Teixeira Sousa anexo IV, onde conheci alguns alunos muito interessados em estudar e que gostavam muito de história. Entre conversas sobre o ENEM, faculdades e cursos universitários, contei para uma aluna sobre a ONHB (Olimpíada Nacional em História do Brasil) e meu desejo de participação. Nesse momento, após 5 anos lecionando em escolas públicas, foi estabelecida a primeira parceria que realizou meu desejo de participar das olimpíadas em história do Brasil.

O início de 2018 foi animado pela inscrição, formação e escolha do nome da equipe, pela expectativa quanto ao evento e nossa participação nele. A aluna que conversara comigo no final de 2017 sobre ENEM e ONHB estava muito animada em participar dessa competição, da qual até então nunca ouvira falar. Confesso que naquele momento também conhecia muito pouco sobre as olimpíadas organizadas pela Unicamp, sabia do seu vínculo com a prestigiada universidade, e de sua proposta de trabalhar o ensino de história por meio da leitura, pesquisa e interpretação de documentos. Então, eu e os dois alunos mais interessados em participar, nos dedicamos a estudar as provas anteriores.

Essa nossa preparação para as provas foi um importante momento de conhecer os desafios que iríamos enfrentar. Baixamos as edições anteriores e as imprimimos. Me dediquei a estudar com os alunos, a partir das questões de edições passadas, a história do Brasil, mas seguindo de alguma forma uma ordem cronológica, resolvendo primeiro questões relativas ao período colonial e aos povos originários, em seguida questões relativas ao Império para, por último, nos dedicarmos às questões mais atuais sobre o período republicano.

Abordar períodos divididos cronologicamente segundo essa forma consagrada pela perspectiva política era uma maneira de tentar descrever um “quadro do passado”(LEE, 2016,

p. 125) no qual tentaríamos encaixar vários vestígios de passados possíveis, testando os limites e a validade desses quadros para auxiliar a compreensão histórica. Posteriormente, essa abordagem me pareceu equivocada, mas possivelmente ajudou aos alunos a organizar os fatos e acontecimentos de nossa história numa linha do tempo. Nesse mesmo ano me inscrevi no curso oferecido pela Unicamp para os professores, participantes ou não da edição anterior da ONHB. Entretanto, a falta de tempo e meu equívoco imaginando que seria um curso que me ajudaria a orientar minha equipe, me motivaram a não o fazer até o fim.

Tentar estudar para a prova da ONHB respeitando os períodos históricos foi um equívoco, considerando o objetivo de alcançar o melhor desempenho. Porque, como vimos no capítulo anterior, não há uma preocupação da comissão organizadora em obedecer a nenhuma ordem cronológica, em cada fase as questões nos apresentam vários fragmentos do passado trazidos pelos documentos. Também percebemos que a lógica das questões é um pouco diferente do que costuma ser cobrado nos vários exames aos quais somos submetidos ao longo de nossas vidas estudantis. As questões da ONHB não apresentavam uma única alternativa correta, mas várias alternativas corretas, valorizadas conforme diferentes níveis de acerto, e essa compreensão, desenvolvida melhor ao longo das participações nas edições seguintes, poderia nos ter ampliado a pontuação naquela primeira participação na décima edição da ONHB.

Contudo, na elaboração das atividades para fazer em sala com os alunos, resolvi respeitar a cronologia, trabalhando o conteúdo conforme a sugestão curricular da rede estadual de ensino e que está presente na maioria dos livros didáticos.

Capítulo III: O produto. Oficinas preparatórias para a ONHB

Esse capítulo da dissertação será dedicado à culminância desse projeto, apresentando o percurso que me levou a elaborá-lo dessa forma e demonstrando como foi realizado. O propósito dessa descrição é auxiliar colegas professores da educação básica que queiram utilizar documentos e questões aplicadas na ONHB para estimular o desenvolvimento da consciência histórica dos alunos.

O projeto elaborado ao fim da dissertação foram oficinas com os alunos do primeiro ano do ensino médio com o duplo intuito de apresentar a ONHB aos discentes e de prepará-los para participar do evento organizado pela Unicamp no ano letivo seguinte. Para fazer essa simulação foram aproveitadas ações realizadas com as equipes que participaram das edições de anos anteriores. Entretanto a Gincana em História do Brasil, nome pelo qual me refiro ao projeto com os alunos, não foi a primeira opção de produto. Vejamos, pois, como foi esse processo de decisão e desenvolvimento das oficinas.

3.1 Escolhendo os participantes da pesquisa e a 1ª tentativa de elaboração do projeto

A proposta de trabalho para o início do ano de 2020 era inscrever, preparar toda uma turma para a 12ª ONHB, orientá-los e observar como ao resolver as questões os estudantes realizavam operações históricas, comparando temporalidades, percebendo mudanças e continuidades ao longo dos processos históricos. Toda a turma participaria da competição até a eliminação de todos os inscritos daquela sala, depois de participarmos, cada equipe escolheria uma questão da qual mais gostou, para realizar um trabalho sobre o tema ou período histórico abordado.

Para escolher a turma que participaria da ONHB e do projeto considerei alguns pontos. Foram critérios, o período de tempo para trabalharmos e, por isso, me decidi trabalhar pelos alunos do 1º ano vespertino, com os quais tinha uma aula a mais por semana. Além da quantidade maior de encontros semanais, com o ano inicial do ensino médio há uma maior expectativa de continuidade das participações, caso os alunos gostassem da experiência, porque eles possivelmente estudariam na escola pelos próximos dois anos.

As turmas do turno vespertino de forma geral também apresentam outras vantagens, os alunos tendem a ser mais jovens, seus pais costumam ter maior escolaridade, e a maioria deles vivem em bairros mais próximos à escola. Entre as duas turmas do turno vespertino optei pelo 1º ano A, que confirmaram essas informações respondendo o questionário²⁷ da primeira fase da olimpíada, acrescido de algumas questões, que lhes entreguei em sala. Esse material está identificado como Apêndice A, podendo ser localizado na página 88 desta dissertação.

A idade pode ser um indicativo de melhor desempenho e menos reprovações. E a cidade de Boa Vista do Gurupi apresenta altos índices de “distorção idade-série, como podemos observar no Quadro 06:

Quadro 06 - Distorção Idade-série Boa Vista do Gurupi (INEP, 2021)

Municípios	Fundamental - anos iniciais	Fundamental - anos finais
Boa Vista do Gurupi	18,4%	36,6%
de todo o Brasil	10,9%	29,95%
da região Nordeste	16,9%	35,56%
do estado (MA)	14,71%	33,18%
do mesmo porte populacional (até 50 mil habitantes)	10,79%	30,22%

Além disso, quanto menor a idade, maior possibilidade de os estudantes não trabalharem dispondo, assim, de mais períodos do dia para dedicar às leituras e pesquisas que são exigidas pelas questões da ONHB. O 1º ano A apresentava em 2020 11 alunos nascidos em 2005, 8 alunos nascidos em 2004, 6 alunos nascidos em 2003 e 1 aluno nascido em 2001. Embora a maioria dos alunos estivesse na “idade certa”, 19 (em torno de 70%) deles tinham 14

²⁷ Questionário disponível na seção apêndice, páginas 88 a 94

e 15 anos, 8 entre os 27 alunos responderam que trabalhavam no contra turno escolar, sendo a metade deles, 4 alunos, jovens que tinham entre 14 e 15 anos.

O local de moradia dos alunos, se mais próximo ao centro ou nos interiores, interferiu no trabalho devido à conexão com a internet precária ou inexistente em algumas localidades mais distantes. Entre os jovens da turma 1º A do turno vespertino 13 responderam morar no centro/sede e 10 responderam morar no interior

A escolaridade dos pais, segundo Abramovay e Castro (2003), tende a influenciar no desempenho e na continuidade dos estudos pelos jovens. E a turma selecionada possuía 16% dos estudantes, 4 entre os 27 que responderam ao questionário, com mães que completaram o ensino superior; 18% dos pesquisados tem mãe com ensino médio completo. Em tese, portanto, essa seria a turma com maior empenho e dedicação aos estudos. Porém, não houve o envolvimento esperado naquela oportunidade. Alguns fatores podem ter contribuído para a apatia e indiferença em relação à ONHB, aquele ano foi marcado, primeiramente, pela segunda enchente seguida na cidade, que suspendeu, no dia 13 de março, as aulas em todo município para abrigar a população atingida pelo alagamento das casas e ruas mais próximas ao rio. Ainda durante a suspensão das atividades escolares devido a cheia do rio, fomos informados por meio da Unidade Regional de Educação de Zé-Doca (URE), à qual está submetida institucionalmente a unidade de ensino de Boa Vista do Gurupi, que devido à chegada da pandemia de coronavírus as aulas estariam suspensas até novo comunicado, permanecendo na modalidade não presencial até o fim do mês de junho de 2021.

Através de reuniões pelos meios digitais entre docentes, direção e funcionários da URE ficou decidido que as aulas seriam ministradas de forma não presencial, utilizando grupos em aplicativo de troca de mensagens. No início daquele ano, enquanto ainda havia aulas presenciais, conversei sobre a ONHB com os estudantes e iniciamos as inscrições das equipes. Todavia, não houve tempo hábil para resolver alguns problemas relacionados ao cadastro dos alunos no *site* da ONHB, para efetivar o registro dos alunos era necessário um endereço eletrônico pessoal para a confirmação da inscrição, sendo esse mais um obstáculo inesperado, porque considerei que pessoas de uma geração mais nova, “nativos da era digital” não teriam problemas para fazer um e-mail válido. Então, para cadastrar os alunos no site da competição foi preciso criar e-mails para a maioria dos jovens que participariam e responder por eles o e-mail de confirmação, enfim, foi preciso fazer todos os passos por eles.

Inicialmente, de forma ingênua, considerei que teria pelo menos dez equipes participando, contudo, mesmo com muito esforço e fazendo todos os passos da inscrição dos alunos, foram cadastradas 6 equipes da turma de 1º ano selecionada e 1 equipe de alunas do 2º ano. Apesar de insistir com os jovens, por meio da comunicação eletrônica, para cadastrar mais equipes, não foi possível inscrever mais alunos e mais equipes. Sendo 7 o total de grupos com os quais trabalharia em 2020, conseguindo inscrever 18 alunos do 1º ano e 3 alunas do 2º ano. A baixa adesão poderia ser explicada por eu não ter desde o início garantido aos estudantes o pagamento das taxas de inscrição para todas as equipes, mas, mesmo aqueles que tiveram a inscrição subsidiada não participaram do evento.

Não sendo possível formar e cadastrar a quantidade de equipes pretendidas inicialmente, comecei a trabalhar, com todos alunos matriculados das turmas do 1º ano vespertino, as questões da ONHB que tratavam do tema que havíamos estudado antes da interrupção das aulas. Para isso, selecionei com o auxílio de um arquivo desenvolvido com os alunos C.F. e J. C., participantes das edições anteriores, 10ª ONHB em 2018 e 11ª ONHB em 2019, em que todas as questões da 1ª à 11ª edição do evento foram classificadas de acordo com o período histórico e o tema abordados, com os tipos de fontes utilizadas, além de identificar os anos e edições e de informar o gabarito das questões de acordo com o que foi fornecido pela comissão organizadora. Com esse arquivo organizado no programa excel, uma espécie de GPS da ONHB, não foi difícil selecionar as questões porque o programa permite a configuração da tabela para o uso de filtros que facilitaram a seleção das atividades de acordo com os temas ou assuntos, pelo período histórico ou o tipo de documento utilizado pelas questões.

Então, com a proposta de mostrar aos discentes como era a competição, suas questões e como resolvê-las, selecionei algumas dessas atividades cujo tema era a pré-história no território nacional. Infelizmente, a maioria dos alunos da turma selecionada nem ao menos tentaram resolver as questões. Os poucos estudantes que participaram dessa primeira oficina expressaram como entendiam o período da pré-história, demonstrando como a falta de bens culturais que abordam esse período histórico da humanidade, tematizando os animais, transformações climáticas e as populações humanas que habitavam o hemisfério sul do planeta, induz as pessoas a imaginar que as condições de vida na Terra eram as mesmas. Logo, influenciada principalmente pelos filmes “A era do Gelo”, a aluna reproduzia e questionava pelos animais e transformações climáticas que ela havia visto nesses filmes, estranhando os animais que habitavam o hemisfério sul no mesmo período e não compreendendo como as transformações

climáticas no território do atual Brasil levaram à extinção dos grandes mamíferos que habitaram esse território.

Insatisfeito com a baixa participação da turma, além de ter ocorrido poucas inscrições, relembrei aos alunos o planejamento e que mesmo quem não se inscrevera na ONHB, assim que iniciasse o evento, faria -cada uma das fases em que ainda houvesse alunos matriculados na escola e que todos resolveríamos as questões até a eliminação de todos os inscritos pela escola. E que a resolução das questões seria necessária para a aprovação para o ano seguinte, porque meu planejamento era que as equipes selecionassem um entre os temas abordados para que fosse feito um trabalho a ser apresentado ao restante da escola e à comunidade escolar. No entanto, a ameaça de reprovação não surtiu nenhum efeito, nem mesmo com os alunos das equipes que eu conseguira inscrever, ficando a participação delas restrita a apenas duas entre as sete participantes, sendo um trio da turma de 1º ano selecionada e outro formado por alunas da turma do 2º ano. Porém a participação das duas equipes, que em tese contaria com a participação de 6 estudantes, foi efetivamente a atuação de apenas três jovens. A desistência de três alunas foi justificada apenas por uma delas que alegou não ter tido tempo porque estava trabalhando.

Nossa participação nessa 12ª edição da ONHB foi um alívio nesse primeiro ano da pandemia de covid-19. As aulas não presenciais eram bastante estressantes para professores, mas principalmente para os estudantes que se propuseram a efetivamente fazer as atividades enviadas pela escola. Alguns colegas professores sentiam-se pressionados a mostrar trabalho e enviar semanalmente materiais para leitura e atividades para os alunos, causando uma sobrecarga sobre eles. O excesso de leituras e atividades sobre os estudantes motivou reclamações diretamente aos professores e até mesmo à direção da escola. Então, para garantir que fizéssemos as atividades da melhor maneira possível, isentei a olimpiana do 2º ano da realização das atividades de história enviada por meio dos grupos de mensagem.²⁸ (explicar por meio de nota que os olímpianos do 1º ano não precisaram dessa isenção porque eu insistia com as turmas de 1º ano para realizar as atividades da ONHB que eu os enviava todo início de semana.). Terminamos nossa participação em 2020 com as duas equipes chegando até a fase 4 da competição, alcançando o melhor resultado que obtivemos de 2019 até o presente.

²⁸ Como o planejamento para as turmas do 1º ano envolviam a participação naquela edição da ONHB, não foi necessário dispensá-los de fazer atividades da matéria de história.

3.2 13ª ONHB e a 2ª proposta frustrada de projeto. Jornal ou *Podcast*?

O ano de 2021 começou ainda sob a ameaça da pandemia, porém a escola alterou sua forma de atendimento aos discentes que moram nos interiores. Durante o ano de 2020 os materiais produzidos pelos docentes eram levados aos alunos por meio de mutirões de funcionários da escola organizados pela direção escolar, porém em 2021, a nova direção decidiu realizar monitorias na escola para que os alunos ou seus responsáveis fossem à unidade de ensino para buscar os materiais elaborados e dirimir possíveis dúvidas sobre a matéria com os professores.

No início desse ano, me reuni com 4 dos meus olímpianos dos anos anteriores com a proposta de fazermos um jornal ou arquivos de áudio, emulando os conhecidos *podcasts* que se popularizaram recentemente pela internet, para informar à comunidade escolar sobre nossa participação nas últimas três edições da ONHB. O jornal ou *podcast* contaria com a participação da ex-aluna C. F., já formada no ensino médio, que participou da 10ª e 11ª edição do evento e dos três inscritos na 12ª ONHB e que já estavam dispostos a fazer parte de nossa 4ª participação na 13ª edição. Entretanto, a timidez dos jovens os levaram a rejeitar participarem dessa gravação de áudios sobre a ONHB e o jornal, que causou menos rejeição aos jovens, acabou sendo abandonado ao longo do ano.

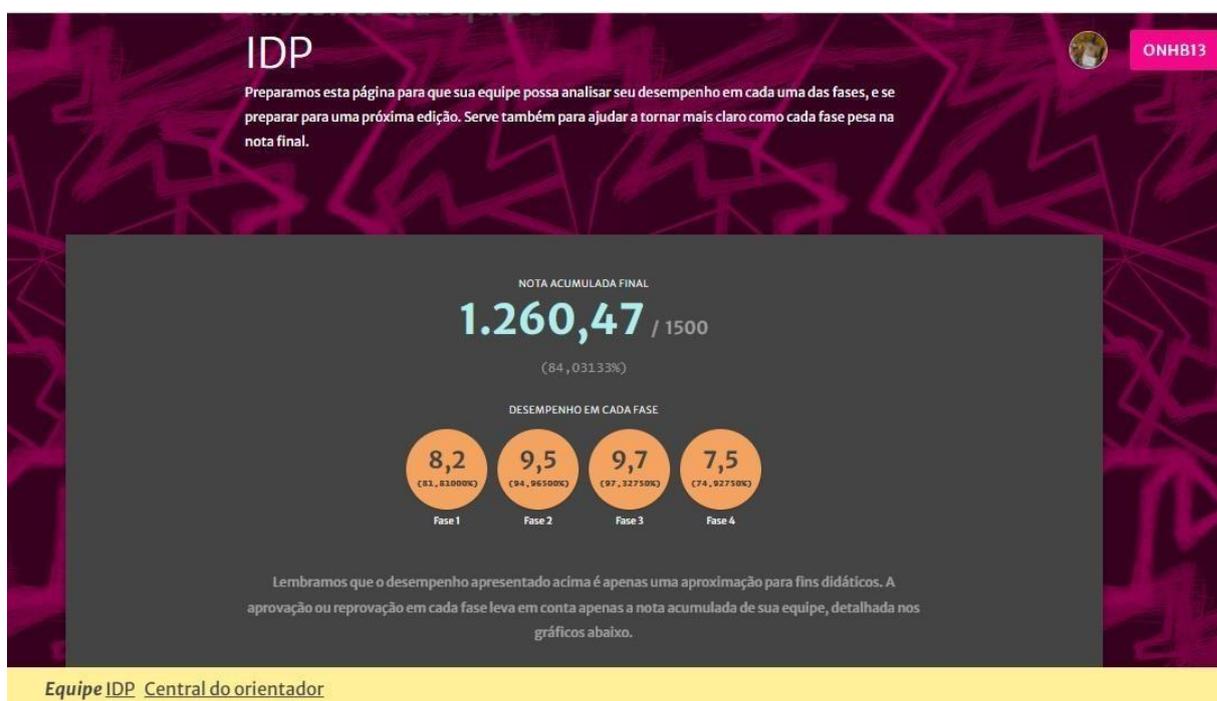
Na tentativa de ampliar o contingente de inscritos nas olimpíadas, fiz propagandas na escola e por meio dos grupos de trocas de mensagem usados para lecionar, distribuindo cartazes institucionais da 13ª ONHB pelo prédio escolar e divulgando o arquivo eletrônico desse cartaz nos referidos grupos. Além disso, em reunião com pais e alunos, falei sobre o trabalho que vinha realizando com estudantes da escola do estado desde 2018 e convidando-os a participar do trabalho nesse ano, mas não conseguindo ser exitoso em conquistar novos participantes.

O ano letivo de 2021, como já mencionado, recomeçou com as restrições impostas pela pandemia e era notório o desgaste físico e psicológico pelo qual passávamos, fazendo com que a mãe de um dos jovens olímpianos me confidenciou que seu filho estava notoriamente abatido e desanimado. Mesmo com esse recomeço de ano pouco esperançoso, os discentes estavam interessados em participar de mais essa edição.

Apesar da iniciativa dos discentes, que começavam agora o 2º ano do ensino médio, de convidar a colega, que também participou da edição anterior, para formarem uma só equipe que contaria com o efetivo envolvimento de todos os participantes, a aluna que havia feito parte da

competição abandonada por suas amigas preferiu convidar outros colegas para formar a própria equipe. Estar na ONHB novamente com dois grupos de alunos atendia minha expectativa de pelo menos manter a quantidade de trios inscritos sob minha orientação, porém, mais uma vez, os alunos engajados na competição até a eliminação das duas equipes se restringiu aos mesmos três jovens da edição anterior. Nesse ano de 2021 nosso desempenho foi parecido com o obtido no ano anterior, com exceção da eliminação na terceira fase da equipe que contava apenas com uma aluna.

Imagem 19: desempenho da equipe IDP²⁹



²⁹ Arquivo pessoal do pesquisador.

Imagem 20: desempenho da equipe Historiadores do Gurupi (participação de uma única aluna).³⁰

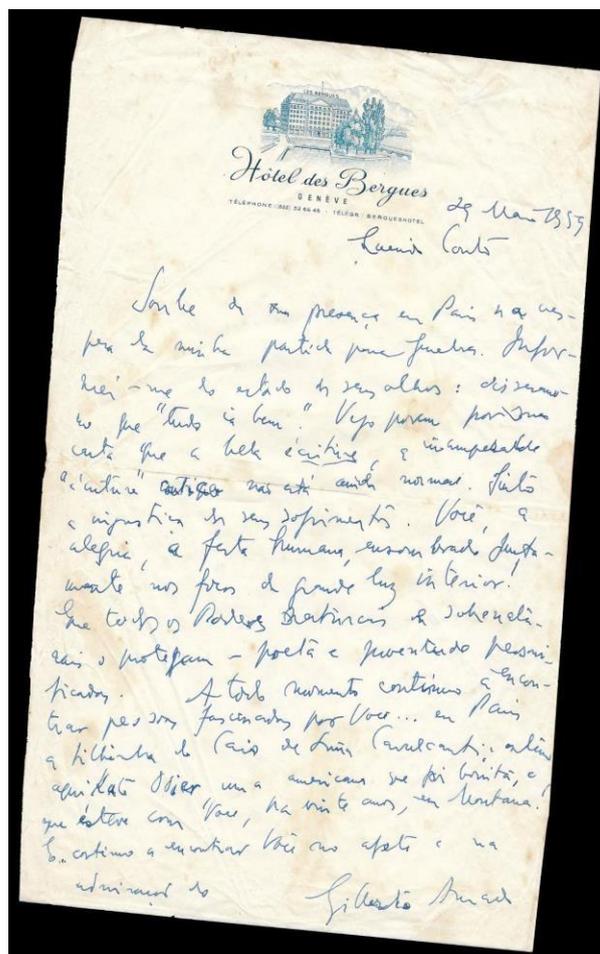


A resolução das questões seguiu o padrão das edições anteriores em que a escolha das alternativas e realização das tarefas era responsabilidade dos estudantes, cabendo a mim como orientador apenas responder dúvidas pontuais, contextualizar o documento falando sobre o período histórico em que foi produzido ou ao qual se refere e evitar a escolha de alternativas que não somavam pontos para eles. A única diferença da orientação dada no ano anterior foi a tarefa que envolve leitura paleográfica que nessa oportunidade foi feita integralmente por mim, dado a elevada dificuldade do manuscrito utilizado na tarefa da 4ª fase, mas que não foi suficiente para garantir a aprovação da equipe para a fase seguinte. Nesse ano de 2021 também houve, ao final do ano, a primeira Olimpíada aberta para todos (ONHB-A1), da qual não organizadora contempla demanda expressa pelos participantes e ex-participantes, segundo informa o site da ONHB³¹.

³⁰ Arquivo pessoal do pesquisador.

³¹ https://www.olimpiadadehistoria.com.br/paginas/onhb_a_1/hom

Imagem 21: Documento da tarefa 46, fase 4 13ª ONHB.³²



3.3 O sumário da ONHB.

Logo após a participação na 11ª ONHB, no ano de 1959, com a colaboração dos dedicados olímpicos JC e CF elaboramos um arquivo que tem sido essencial para a análise das edições dessa aventura intelectual e para a seleção e uso do material produzido pela comissão organizadora da Unicamp. Para isso, utilizamos o programa Excel da empresa Microsoft para elaborar uma tabela que permite buscar as questões de acordo com o tema abordado na questão, o tipo de documento (imagens, músicas ou textos), o período histórico em que foi produzido tal documento e o período histórico ao qual o documento se refere. A elaboração desse arquivo permite que o docente, interessado em aproveitar todo esse material produzido ao longo das edições na ONHB, possa se orientar ao longo de todas essas edições da

³² O manuscrito é uma correspondência de Gilberto Amado, escritor e diplomata sergipano, ao também escritor Ribeiro Couto, autor de *Cabocla*, ao qual sucedeu na Academia Brasileira de Letras. Provavelmente o autor da carta já estava bastante idoso e a tenha escrito apressadamente ou sem apoio adequado para o papel, o que tornou a transcrição do documento uma tarefa bastante trabalhosa.

competição, contando com uma espécie de sumário que facilita a seleção e organização das fontes históricas e ou questões que se pretende usar em sala de aula com os discentes. Na Imagem 22 veremos algumas imagens que mostram esse arquivo, que longe de estar perfeito ao menos tem sido bastante útil.

Imagem 22: Sumário ONHB

A	B	C	D	E	F	G
Ano da Prova	Nº	Tema	Tipo de documento	Período Histórico	Período do document	Gabarito
2009/ 1ª fase	1ª	Relevância do computador. História do presente século XX	Propaganda	Brasil República	Século XX	a1 b4 c0 d5
2009/ 1ª fase	2ª	Historiografia nacional: colonização portuguesa	Carta	Brasil Colônia	Século XVI	a1 b4 c5 d0
2009/ 1ª fase	3ª	Historiografia nacional: colonização portuguesa	Carta	Brasil Colônia	Século XVI	a5 b0 c0 d1
2009/ 1ª fase	4ª	História social: Urbanização/Construção de Brasília	Fotografia	Brasil República	Século XX	a1 b0 c5 d4
2009/ 1ª fase	5ª	Mineração/Cultura material	Fotografia/Imagem	Brasil Colônia	Século XVIII	a1 b4 c0 d5
2009/ 2ª fase	6ª	Configuração geográfica do Brasil	Mapas	Império - I Reinado	Séculos XIX e XXI	a5 b4 c1 d0
2009/ 1ª fase	7ª	História social: Urbanização/subúrbios do RJ	Texto literário/Livro	Brasil República	Século XX	a1 b4 c5 d0
2009/ 1ª fase	8ª	Étnico racial: Escravidão africana	Documento legal de posse	Brasil Império	Século XIX	a1 b5 c0 d4
2009/ 1ª fase	9ª	Ditadura Militar	Charge/Imprensa	Brasil República	Século XX	a5 b0 c1 d4
2009/ 1ª fase	10ª	Tarefa	Questionário socioeconômico.			
2009/ 2ª fase	11ª	Movimentos sociais: Cangaço/Era Vargas	Fotografia/Imagem	Brasil República	Século XX	a4 b0 c5 d1
2009/ 2ª fase	12ª	História social: usos e costumes de época	Relato de época/Literatura	Brasil Colônia	Século XIX	a1 b4 c5 d0
2009/ 2ª fase	13ª	História Política: a Guerra do Paraguai	Gravura/Imagem	Império - II Reinado	Século XIX	a1 b0 c4 d5
2009/ 2ª fase	14ª	História Econômica: Invasão holandesa	Documento legal/Relatório	Brasil Colônia	Século XVII	a4 b1 c0 d5
2009/ 2ª fase	15ª	História Social: Urbanização/indústria automobilística	Crônica e Propaganda/Imagem	Brasil República	Século XX	a4 b5 c4 d0
2009/ 2ª fase	16ª	Movimento social: Revolta da chibata	Texto literário/Livro	Brasil República	Século XIX	a4 b0 c1 d5
2009/ 2ª fase	17ª	Formação do território nacional/colonização	Relatório e Mapa	Brasil Colônia	Século XVII	a0 b5 c1 d4
2009/ 2ª fase	18ª	Movimentos sociais: Movimento operário	Artigo de Jornal/Imprensa	Brasil República	Século XX	a1 b0 c4 d5
2009/ 2ª fase	19ª	Movimentos sociais: Movimento feminista	Artigo de Jornal/Imprensa	Brasil República	Século XX	a1 b1 c5 d0
2009/ 2ª fase	20ª	Tarefa				
2009/ 3ª fase	21ª	Étnico racial: Colonização/Trabalho indígena	Relato de época/Literatura	Brasil Colônia	Século XVI	a1 b5 c4 d0
2009/ 3ª fase	22ª	Imigração	Documento legal: Lista de colonos	Império - I Reinado	Século XIX	a1 b0 c5 d4
2009/ 3ª fase	23ª	Movimentos sociais: Conjuração baiana	Artigo de Revista/Imprensa	Brasil Colônia	Século XVIII	a5 b1 c0 d3

Imagem 23: Sumário ONHB com o filtro Brasil Colônia em uso

Ano da Prova	Nº	Tema	Tipo de documento	Período Histórico	Período do document	Gabarito
2009/ 1ª fase	2ª	Historiografia nacional: colonização portuguesa	Carta	Brasil Colônia	Século XVI	a1 b4 c5 d0
2009/ 1ª fase	3ª	Historiografia nacional: colonização portuguesa	Carta	Brasil Colônia	Século XVI	a5 b0 c0 d1
2009/ 1ª fase	5ª	Mineração/Cultura material	Fotografia/Imagem	Brasil Colônia	Século XVIII	a1 b4 c0 d5
2009/ 2ª fase	12ª	História social: usos e costumes de época	Relato de época/Literatura	Brasil Colônia	Século XIX	a1 b4 c5 d0
2009/ 2ª fase	14ª	História Econômica: Invasão holandesa	Documento legal/Relatório	Brasil Colônia	Século XVII	a4 b1 c0 d5
2009/ 2ª fase	17ª	Formação do território nacional/colonização	Relatório e Mapa	Brasil Colônia	Século XVII	a0 b5 c1 d4
2009/ 3ª fase	21ª	Étnico racial: Colonização/Trabalho indígena	Relato de época/Literatura	Brasil Colônia	Século XVI	a1 b5 c4 d0
2009/ 3ª fase	23ª	Movimentos sociais: Conjuração baiana	Artigo de Revista/Imprensa	Brasil Colônia	Século XVIII	a5 b1 c0 d3
2009/ 3ª fase	25ª	História Econômica: Mineração/exploração	Texto literário/Livro	Brasil Colônia	Século XVIII	a4 b1 c0 d5
2009/ 3ª fase	33ª	*Não consegui definir o tema	Carta	Brasil Colônia	Século XVI	a0 b5 c4 d1
2009/ 3ª fase	34ª	Formação do território nacional	Artigo de Revista/Imprensa	Brasil Colônia	Século XXI	a5 b4 c0 d1
2009/ 3ª fase	35ª	*Não consegui definir o tema	Documento legal: Representação legal	Brasil Colônia	Século XVIII	a0 b1 c4 d5
2009/ 3ª fase	38ª	Étnico racial: Escravidão indígena	Relatos de época	Brasil Colônia	Século XVII	a4 b1 c5 d0
2009/ 4ª fase	50ª	Atividades econômicas	Documento legal	Brasil Colônia	Século XVIII	a4 b5 c1 d0
2009/ 4ª fase	51ª	História Social: Urbanização e atividades econômicas	Documento legal	Brasil Colônia	Século XVIII	a5 b1 c0 d4
2009/ 4ª fase	53ª	Historiografia: o ensino de história	Texto acadêmico	Brasil Colônia	Século XXI	a1 b4 c0 d5
2009/ 4ª fase	54ª	Historiografia: o ensino de história	Texto acadêmico	Brasil Colônia	Século XXI	a4 b1 c5 d0
2009/ 4ª fase	55ª	Movimentos Sociais: Motins e Rebeliões	Cronologia	Brasil Colônia	Século XXI	a0 b1 c4 d5
2009/ 4ª fase	57ª	História Política: holandeses no Brasil	Texto literário/Livro	Brasil Colônia	Século XXI	a4 b5 c1 d0
2010/ 1ª fase	2ª	Cartografia: Formação do território nacional	Mapa	Brasil Colônia	Século XVI	a0 b1 c5 d4
2010/ 1ª fase	3ª	História Política: privilégios sociais	Artigo de Revista/Imprensa	Brasil Colônia	Século XXI	a1 b4 c0 d5
2010/ 2ª fase	11ª	Representação eurocêntrica dos indígenas	Pinturas/Imagem	Brasil Colônia	Século XVI	a0 b5 c4 d1

Como é possível notar pelas imagens acima, na primeira linha da tabela foi configurado por nós, botões que permitem a pesquisa entre as questões catalogadas utilizando filtros que facilitam a localização dos arquivos da ONHB. Na primeira imagem a tabela não possui nenhum filtro selecionado para pesquisa e na segunda imagem percebemos que foi selecionado na 5ª coluna apenas questões que tratam do período colonial da história do Brasil. A combinação dos filtros configurados na 3ª, 4ª e 5ª colunas da tabela possibilitam a localização, inclusive, de questões específicas. A combinação dos filtros com a memória de participação em 4 edições, além do estudo sobre a ONHB, possibilitou a seleção de questões pontuais para utilizar em sala

de aula com os três anos do ensino médio e posteriormente a organização do material em forma de apostilas contemplando os conteúdos estudados com os discentes ao longo do ano letivo das respectivas séries.

3.4 O retorno ao trabalho presencial com os estudantes em 2021

O atual ano letivo, que se iniciou de forma não-presencial, retornou à modalidade presencial em agosto, permanecendo até setembro com a alternância dos alunos, estudando metade da turma de forma presencial e a outra de forma não-presencial, mas que, no início de dezembro, infelizmente retornou à modalidade à distância com o aumento de casos de covid-19 em Boa Vista do Gurupi. O ano letivo se encerrou com mais uma semana de aulas presenciais, após a suspensão das aulas por duas semanas.

A proximidade das provas do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) estimulou o uso de questões desse exame para que os estudantes, principalmente do 2º e 3º ano, se familiarizassem um pouco mais com a forma como os conteúdos aparecem nos exames nacionais e, dessa forma, estivessem um pouco mais preparados para realizar essas provas. Essa também foi a forma encontrada para avaliar os alunos, valorizando o esforço deles em fazer essas tarefas e auxiliando-os na leitura e interpretação dos textos e imagens nas questões selecionadas.

Ao longo do ano letivo, após o retorno das aulas presenciais em agosto, o comportamento dos discentes, sobretudo os jovens do 3º ano vespertino, estava longe do ideal, causando vários conflitos com os docentes, principalmente aqueles preocupados com a utilização correta das máscaras, que era obedecido por poucos estudantes. Além de não estarem dispostos a vestir as máscaras durante as aulas, principalmente os jovens, conversavam muito entre si, ignorando os professores e as aulas, atitude que compreendo por entender que a escola não é apenas espaço de ensino aprendizagem, mas principalmente espaço de socialização Segundo Juarez Dayrell (2007, p.1120-1121),

a escola aparece como um espaço aberto a uma vida não-escolar, numa comunidade juvenil de reconhecimento interpessoal. É em torno dessa sociabilidade que muitas vezes a escola e seu espaço físico são apropriados pelos jovens alunos e reelaborados, ganhando novos sentidos.

E no ano de 2020 e 2021 a escola esteve fechada “como um espaço também para os amores, as amizades, gostos e distinções de todo tipo” (DAYREL, 2007, p. 2120) funciona

apenas como um espaço virtual para receber materiais dos professores, porque em alguns grupos criados pela escola apenas professores e a direção podiam enviar mensagens. Então, considero o comportamento deles bastante compreensível, principalmente se considerarmos, como Sposito, que o ensino médio podendo ser o fim do tempo escolar pode ser o fim do tempo de ser jovem, então os três anos do ensino médio

são tempos urgentes, porque são, para muitos jovens, os últimos momentos que possibilitam experimentar a condição juvenil conforme a definiu a modernidade: a vida entre os pares, a troca de afetos, a intensa sociabilidade, os espaços importantes para o exercício do lúdico e o lazer. (SPOSITO, 2008, p. 87)

Para conseguir o maior envolvimento possível desses alunos e evitar conflitos desnecessários em sala de aula, decidi por adotar a metodologia comportamentalista, distribuindo balas de sabores sortidos na medida em que os estudantes participavam da aula, principalmente quando respondiam corretamente meus questionamentos. O estímulo positivo de comportamento propiciou às minhas aulas naquele momento o máximo de concentração possível dos jovens alunos.

Apesar de não a considerar uma metodologia adequada para o ensino, aplicando-a notei que o reforço positivo proporcionado pela distribuição desses doces poderia estimular a competitividade entre os alunos. Portanto, quando comecei as oficinas utilizando questões da ONHB, incorporei essa singela premiação a cada questão que trabalhávamos juntos. Embora a oficina tenha sido aplicada apenas aos jovens do 1º ano, também incluí a resolução de atividades das olimpíadas para as demais turmas na medida em que trabalhávamos matérias relativas à história nacional.

3.5 As oficinas aplicadas com os alunos

Com os alunos do 2º e 3º ano utilizei questões que trabalhavam o conteúdo substantivo para as respectivas séries. Para os estudantes do 2º trabalhei com questões relativas à independência do Brasil, como a questão 38 da 3ª ONHB (2011), 4ª fase, cujo documento é um trecho de artigo acadêmico sobre o massacre do Brigue Palhaço, ocorrido em Belém do Pará no ano de 1823, após a adesão do Grão-Pará à independência. Para auxiliar os estudantes, postei uma vídeo-aula disponível na internet sobre o referido massacre. Também trabalhamos em sala com a atividade 42 da 1ª ONHB (2009), 4ª fase, que trabalha a análise dos quadros “Independência ou Morte” de Pedro Américo e “Dom Pedro aclamado pelas ruas após a proclamação da Independência” do pintor francês François-René Moreaux, e permitiu a

variação das fontes escritas para a análise de imagens. A questão 18 da 5ª ONHB (2013), 2ª fase, cujo tema é a Batalha do Jenipapo, na luta contra tropas leais à coroa portuguesa em 1823 no atual estado do Piauí, e como documento uma charge. Utilizar essas questões e seus documentos em sala me permitiram discutir com as turmas da 2ª série como foi realizada a independência do nosso país, desfazendo a ideia equivocada de que não houve luta pela emancipação política do país, ou ainda outro engano comum de que havia no atual território nacional a identificação com um mesmo projeto de nação.

Com os alunos do 3º ano, trabalhei a história mais recente do país, mais precisamente a hiperinflação durante o período da redemocratização, dialogando com a atualidade do descontrole do preço das mercadorias mais básicas no Brasil. Para isso, recorri a questão 19, fase 2, 13ª ONHB (2021), que tem como documento uma matéria do jornal Estado de S. Paulo de 29 de dezembro de 1989, cuja manchete foi “Inflação do ano chega a 1.764,86%”, que nos permitiu discutir a crise econômica e descontrole inflacionário, desde meados dos anos 70, ainda na ditadura militar, causada pela crise do Petróleo. Na semana seguinte, trabalhamos a questão 38, 4ª fase da 6ª ONHB (2014), que usava como documento uma fotografia no avião presidencial, postada nas redes sociais pelo ex-presidente Collor, na qual estavam os ex-presidentes do período pós-ditadura militar, José Sarney, Fernando Collor de Melo, Fernando Henrique Cardoso e Luís Inácio Lula da Silva, que acompanhavam a então presidenta Dilma Rousseff em uma viagem para a África do Sul, no avião presidencial, para o enterro do líder político Nelson Mandela. Para auxiliá-los na interpretação da imagem, já que nos encontrávamos novamente na modalidade não-presencial desde o dia 02 de dezembro, postei um vídeo com o historiador Boris Fausto falando sobre a redemocratização do Brasil.

Para os jovens do 1º ano organizei materiais mais elaborados³³, no formato de duas apostilas, procurando selecionar documentos e atividades que guiassem a aprendizagem conduzindo-os para além de discutir o processo de dominação e extermínio dos povos nativos do território brasileiro. Esse sentido sofreu influência de acontecimentos políticos recentes de desrespeito aos direitos dos povos indígenas brasileiros, especialmente tribos Ianomamis que tiveram suas reservas demarcadas invadidas por garimpeiros, causando a morte de duas crianças; e o infeliz episódio em que deputados federais desferiram agressões preconceituosas contra os manifestantes indígenas em Brasília.

³³ Esses materiais podem ser vistos na seção Apêndice: páginas, 97 a 111, Apêndice C; e páginas 112 a 125, Apêndice D.

As apostilas feitas para os jovens do 1º ano procuravam contemplar desde o primeiro encontro entre indígenas e portugueses até demandas contemporâneas daquele grupo étnico no Brasil. A primeira apostila, identificada como Apêndice D, disponível nas páginas 98 a 112, concentrou as atividades cujos temas eram relacionados à colonização do Brasil, dando grande destaque para as relações entre os povos originários e os europeus, mas sem se restringir à essas relações, abordando também as relações de poder que se estabelecem na colônia até os hábitos e hierarquia de trabalho que se estabeleceram no Rio de Janeiro do século XIX, e os valores relacionados ao trabalho manual.

Para esse primeiro material³⁴ foram selecionadas 10 atividades da 1ª e da 2ª edição da ONHB, entre elas a 02 e 03, da 1ª ONHB (2009), que usam trecho da carta de Pero Vaz de Caminha, essas duas questões nos mostram a visão dos portugueses desse primeiro contato, evidenciando como projetaram sobre o território e seus habitantes sua visão de mundo e interesses. A questão 17, 1ª ONHB (2009) cujos documentos são relatório do Conselho da Fazenda, 1657, que trata da situação do Império Ultramarino português que perdera várias colônias durante a União Ibérica e três mapas, sendo um mapa da divisão territorial da América portuguesa no século XVII, um mapa mundi apresentando as colônias portuguesas no período das Grandes Navegações e a rota das viagens portuguesas e o outro mapa mundi indicando o local contemporâneo dessas antigas colônias e posses dos portugueses. Essa questão possibilitou situar a metrópole na hierarquia de poder europeia, num momento de declínio do poder dos portugueses e ressalta a importância do Brasil colonial dentro do Império português.

Com a questão 21, 1ª ONHB (2009) que usa trecho da obra "Viagem à terra do Brasil" (1578), do calvinista Jean de Lèry, em que é relatado um diálogo entre o pastor huguenote e um indígena Tupinambá da costa, em que o representante indígena aparece numa posição diferente do usual, negociando com os europeus e questionando seu interlocutor francês, momento em que percebemos concepções muito diferentes em relação a riqueza, herança e ao comércio; questão 33, também da edição de 2009, 3ª fase, cujo documento usado é trecho da Carta do Brasil, escrito por Padre Manoel da Nóbrega em 1549, solicitando o envio de mulheres brancas para evitar a miscigenação entre brancos e mulheres indígenas; atividade 02, 2ª ONHB (2010), 1ª fase, usando o mapa Brasilia et Peruvia 1593, que retrata a colônia com riqueza de detalhes, demonstrando grande conhecimento dos europeus sobre o território da América do Sul, mesclados com elementos do seu imaginário como monstros marinhos.

³⁴ Apêndice D, páginas 98 a 112

Quatro questões finalizavam essa primeira apostila. A questão 03 da 2ª ONHB (2010), trazendo como documento trecho do artigo “Uma cama para o ouvidor” retirado da Revista de História da Biblioteca Nacional. Essa questão trabalha com uma disputa judicial por causa de uma cama, ocorrida na Vila de São Paulo em 1620, em que aparece uma amostra dos jogos de poder e hierarquia social nas cidades do Brasil colonial. A questão 08 também da 2ª ONHB, tendo como documento um relato de viajante, em que uma pessoa francesa expressa seu estranhamento perante o desdém público das senhoras brasileiras em relação ao trabalho manual, que coordenavam e executavam no âmbito privado. Além do imaginário da elite colonial sobre o trabalho manual, essa fonte nos relata a organização de uma rede de relações de trabalho no Brasil colonial do princípio do século XIX. A questão 11, 2ª ONHB, explorou pinturas do século XVI que expressavam o imaginário europeu sobre os povos nativos da América, estabelecendo um interessante diálogo com uma atividade do livro didático que havíamos feito. A pintura Adoração dos Magos representa um indígena como um dos Reis Magos, inserindo os povos indígenas de forma positiva dentro da compreensão de mundo cristã, já na pintura O Inferno, o diabo está utilizando um cocar indígena, relacionando os ameríndios ao Mal.

A última questão dessa primeira apostila, 14 da 2ª ONHB tem como documento trecho do artigo de revista “Índio sabe a receita”, através do qual percebemos que a maniçoba, prato de origem indígena, típico do estado do Pará, tem na transformação de sua receita ao longo dos anos o testemunho de marcos históricos de exploração e expansão do território brasileiro, em especial da região amazônica.

A segunda apostila³⁵ elaborada focalizou mais nas questões indígenas atuais, aproveitando para privilegiar os discursos produzidos pelos próprios indígenas. Com exceção da primeira atividade, a questão 01 da 13ª ONHB (2021), cujo documento é uma fotografia de um grafite da cidade de Barra Funda, São Paulo. O grafite nessa questão opunha um homem e uma mulher vestidos como profissionais de saúde, disputando um cabo de guerra contra personagens que representam o presidente do Brasil e a pandemia. Uma mulher andando pela rua, à frente do grafite, aparece no meio dessa corda do cabo de guerra indo em direção aos profissionais de saúde e, acima, na arte urbana grafada no muro a pergunta: De que lado você está? Foi uma questão que me pareceu bastante pertinente para dialogar com os alunos sobre o período em que vivemos, as ações políticas no mínimo desastrosas em relação à saúde pública

³⁵ Apêndice E, páginas 113 a 126

e a importância de trabalhadoras e trabalhadores da área da saúde. Também abre o material com o recado de que a história, além de ser feita no presente, trata dos temas atuais.

As demais questões tratavam mais especificamente dos povos indígenas. A questão 31, 2ª ONHB (2010) tem como documentos o relato do viajante Fernão Cardim e uma pequena biografia dele. Em seu texto Fernão Cardim descreve diferentes práticas culturais dos indígenas da região da Bahia do séc. XVI, tais como os costumes de recepção do "estrangeiro" e os rituais funerários. Essa foi a última atividade selecionada para os alunos sobre o passado indígena, nas questões a seguir trabalharemos com fontes mais atuais, sobre identidades indígenas, suas reivindicações. A 10ª questão, 11ª ONHB (2019), tem como documento o texto “Uma década de presença indígena na UFSCar” da antropóloga e professora da Universidade Federal de São Carlos (SP) Clarice Cohn, que esteve à frente de muitas políticas de ação afirmativa implementadas pela instituição na última década. Em seu texto a antropóloga e professora faz um balanço dessa experiência, em que percebemos o choque com estereótipos e preconceitos, e inadequação de um modelo de ensino pautado em valores estranhos e alheios a essas comunidades. A atividade seguinte desse material foi a questão 32, 11ª ONHB (2019), que tem como documento a palestra do premiado escritor de livros infantis, o filósofo, historiador, mestre em antropologia e doutor em educação Daniel Mundurucus. Nessa fala descontraída com o público, ele questiona estereótipos e preconceitos relacionados ao termo homogeneizante “índio” e, em diálogo com o texto da antropóloga Clarice Cohn usado na atividade anterior, ressalta a importância da chegada dos indígenas às universidades no processo vivo de renovação da cultura indígena, adequando os novos conhecimentos e técnicas às suas tradições. A questão 16 da 13ª edição da ONHB fez bastante sucesso pelo tipo de documento utilizado. O rap “Retorno” da artista Souto MC, sintetiza em letra contundente o confronto aos estereótipos e preconceitos aos povos indígenas e reafirma a capacidade de transformação da cultura indígena, sem perder o contato com a tradição e o legado indígenas. Aliás, esse é o sentido que atribuo ao título Retorno.

Finalizando esse material foi usada a questão 32, 3ª ONHB (2011). Essa atividade traz trechos do documento “Conferência Mundial dos Povos Indígenas sobre Território, Meio Ambiente e Desenvolvimento”, que delimitam algumas reivindicações desse grupo na ECO-92. O trecho de carta contém 8 artigos que transparecem a preocupação dos povos indígenas em garantir seu papel político e defender seu modo de vida que tem a natureza como fundamento. Nessa fonte eles aparecem com grande nível de organização, rompendo com certa

imagem de ingênuos projetada sobre os indígenas, defendendo seus interesses e necessidades no fórum mundial de nações.

A aplicação da oficina de forma presencial, contudo, foi interrompida, no dia 02 de dezembro pela suspensão das aulas no município de Boa Vista do Gurupi devido ao aumento de casos de covid-19. Enquanto fazíamos as questões, tentei mais uma vez aproveitar a metodologia de sala de aula invertida, enviando os materiais antecipadamente, para que os alunos lessem e interpretassem os documentos antes do nosso encontro pedagógico, trazendo dúvidas, informações adicionais. Contudo, essa metodologia mostrou-se pouco adequada para a realidade dos estudantes e da cultura escolar estabelecida de leitura e resolução de atividades dentro da sala de aula.

Durante as aulas presenciais, para garantir o máximo envolvimento nas atividades, o prêmio era dado a cada questão resolvida de acordo com o valor das alternativas, o que aumentou a competitividade entre os alunos em sala, com as balas sendo utilizadas como placar pelos alunos para medir o desempenho entre si. Então, devido ao retorno à modalidade não presencial prometi uma premiação aos alunos que obtivessem maior pontuação, mas essa promessa não foi suficiente para manter o mesmo nível de participação que os alunos apresentavam presencialmente em sala. Além da resolução presencial, tornar o resultado da disputa mais visível e, por isso, aumentar a competição entre os estudantes; naquele momento era importante o contato entre professor e alunos para auxiliar a maioria deles na leitura dos documentos, incluindo as imagens e músicas.

A falta de contato com os alunos para fazer a correção das apostilas e durante a resolução da segunda seleção de questões, restringiu o diálogo com eles a encontros pelos corredores na semana de encerramento presencial. Ainda assim foi possível perceber como alguns jovens estavam executando operações históricas, como foi expressado pela aluna A. K, 15 anos, moradora do quilombo Tamorari, próximo à cidade. Ela se dizia admirada com a postura de alguns membros do quilombo favorável à mineração e indiferentes em relação às violências contra os povos indígenas. A estudante comparava mentalmente a situação de exploração e assédio em suas terras sofrida pelos Ianomamis hoje, com outras situações de assédio sofridas pelo quilombo onde vive, se identificando com as situações sofridas pelos indígenas, ou seja, desenvolvendo capacidade de empatia.

Considerações Finais

Essa pesquisa foi idealizada em um contexto muito diferente da realidade atual que se impôs. Nos anos de 2020 e 2021 a humanidade foi surpreendida pela pandemia da covid-19 e seu agravamento, com mutações e novas variantes. Todos fomos submetidos ao distanciamento social, com suspensão das aulas presenciais e adaptação emergencial para auxiliar minimamente os jovens a estudar os conteúdos em casa.

Como muitos professores, presenciei alunos passarem pelas aulas de história sem aprender nem mesmo os conteúdos substantivos, que em poucos instantes após as provas já começavam a virar uma mistura confusa de datas, nomes de personalidades históricas, lugares e eventos, um verdadeiro “samba do crioulo doido”, segundo Flavia Caimi (2006). A bibliografia estudada durante o curso de mestrado e desenvolvimento dessa dissertação apontaram os problemas desse modelo tradicional. Para Paulo Freire, a comunicação que se estabelece entre estudantes e professor na escola bancária é uma forma de dominação de um indivíduo, o professor, sobre os demais, os alunos. Esse modelo de comunicação, em que há apenas a transmissão de comunicados e não há um diálogo sobre os objetos estudados, contribui para manter os alunos numa posição passiva, dificulta a aprendizagem e valoriza a memorização e reprodução das mensagens transmitidas. E como vimos com o historiador Rüsen (2007), a postura passiva diante do conhecimento sobre o passado mais atrapalha do que contribui para o desenvolvimento da consciência histórica.

Ao longo dessa pesquisa, compreendemos que a consciência histórica não é um objeto, material ou imaterial, mas trata-se de uma capacidade humana que se torna mais eficiente e útil à medida em que trabalhamos com ela, algo muito parecido com nossa capacidade de criar e utilizar linguagens, com a qual a maioria dos seres humanos nascem, mas que apresenta diferentes níveis de desenvolvimento conforme a prática e o hábito de uso de cada pessoa humana. Por isso, entendo que, embora a história e a escola não monopolizem os discursos que nos instigam a pensar nas relações temporais, concordo com Peter Lee que “a história faz isso de uma maneira particular, um modo que, para a maioria dos estudantes, é improvável que seja oferecido a eles fora da escola ou fora do contexto da educação formal” (LEE, 2016, p. 146).

E isso implica uma grande responsabilidade no contexto atual. Hoje, a internet possibilita uma grande e perigosa liberdade de expressão e, portanto, permite a disseminação

de discursos de extrema direita e de negação da ciência, que mobilizam de forma irresponsável, ou mesmo mal-intencionada, as mais diversas narrativas sobre o passado. Se essa nova mídia distribui e impulsiona esses conteúdos extremistas, que atinge os jovens inclusive em *chats* de jogos *online*, esses grupos e suas falas só prosperam devido à má preparação da maioria da população. Essa situação torna urgente estratégias de ensino e aprendizagem de história que desenvolvam um tipo de consciência histórica específica que Peter Lee denomina de literacia histórica, que além de permitir que os alunos se orientem no tempo “inclui a aquisição das disposições que derivam e impulsionam essa compreensão histórica” (LEE, 2016, p. 107), os chamados conceitos de segunda ordem, essenciais “para que a noção do todo seja compreendida como fundamentada e sujeita a critérios” (LEE, 2016, p. 126), diminuindo os efeitos dessas outras narrativas sobre o passado que desrespeitem as regras do fazer historiográfico.

Apesar de urgente, transformar a dinâmica de funcionamento apenas de uma matéria dentro de uma estrutura escolar que permanece sendo a mesma, é um enorme desafio. E para me auxiliar nessa tarefa, aproveitei os materiais das edições anteriores da Olimpíada Nacional em História do Brasil, disponíveis na internet. Para me orientar na vastidão de questões das 13 edições dessa aventura intelectual, fiz com o auxílio dos olímpicos J.C. e C.F. um arquivo que facilita a pesquisa das questões por temas, períodos históricos, tipos de documentos, etc.

Modificar uma forma de trabalho e cultura escolar há muito tempo consolidada, embora seja pouco eficiente, não é uma tarefa fácil, porque, ainda que não atinja os objetivos pretendidos, os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem estabelecido já o conhecem e estão habituados a essa proposta. Então, utilizar a ONHB reduziu minha insegurança pessoal perante colegas e alunos na realização de um trabalho diferente, por estar usando fontes documentais e alternativas selecionadas e formuladas por profissionais de notória competência que trabalham na prestigiada Unicamp, assim, os materiais utilizados tinham a garantia de uma instituição respeitada na área da história em nosso país, dando respaldo ao trabalho. A ONHB também nos garante fontes seguras de pesquisa na internet, apresentando, através dos conteúdos adicionais, espaços confiáveis de pesquisa nesse ambiente virtual intensamente povoado por informações falsas, fazendo um trabalho de curadoria aos discentes e docentes.

Como vimos no primeiro capítulo, as questões propostas pela ONHB introduzem um tema de estudo utilizando os documentos históricos como situação-problema. A partir do problema histórico proposto, os alunos são induzidos a pesquisar o período histórico ao qual se refere o documento e a interpretá-lo utilizando métodos típicos do historiador. Por meio dessa

pesquisa orientada pelo professor, os alunos constroem quadros do passado, que não são uma imagem fixa, mas uma estrutura aberta, embora limite as narrativas possíveis sobre os eventos ou períodos históricos abordados, porque uma análise científica não pode ser um liberou geral ou vale-tudo. Esses quadros conceituais propostos por Peter Lee (2016) são muito importantes na realização desse trabalho, porque é a partir deles que são testados os limites da interpretação sobre a fonte e o quadro conceitual construído, permitindo o entendimento mais adequado possível sobre a experiência do passado expressa pela fonte.

Essa proposta de metodologia simula, segundo a própria Cristina Meneguello (2011), algumas práticas típicas do historiador, o que é muito positivo para o ensino de história. O historiador Paulo Knauss (1996) atesta que o contato dos estudantes com as fontes de época são mais complexificadores e permitem uma ordem de saber mais adequado. Erikson (2011), inspirado na pedagogia da experiência de Lee Shulman, reflete em seu artigo “*Putting History teaching in the place*” que as diferentes profissões preparam os iniciados com simulações das futuras práticas que realizarão ao longo de sua vida profissional. A partir dessa reflexão, propõe que o ensino de história precisa envolver mais do que leituras teóricas, é necessário levar os alunos ao lugar em que se faz história, o arquivo e o pódio. Ou seja, é proposto por Erikson o contato com as fontes históricas, pesquisa, seleção de informações e o debate, situações vivenciadas com os alunos ao longo da competição e que tentei reproduzir com eles nas oficinas em sala, porém, infelizmente, a realização desse trabalho foi comprometida pela interrupção das aulas e mudanças entre as modalidades presencial e não presencial.

Outra proposta pretendida por meio dessa pesquisa era a ampliar o aproveitamento do momento de ensino-aprendizagem em sala através do modelo de ensino híbrido, combinado com a metodologia da sala de aula invertida, em que os materiais eram entregues aos estudantes anteriormente às aulas em que seriam utilizados, para que eles estudassem sozinhos esses materiais, privilegiando o debate, a contextualização dos documentos e para resolução de possíveis dúvidas durante o encontro presencial. Todavia, adotar essas duas metodologias com os jovens do C.E. Professor Laércio esbarrou no costume da maioria de nossos alunos em realizar as atividades no espaço escolar. Penso que essa característica é fruto do peso das carências do nosso município na dialética vivida pelos jovens entre o sacrifício no presente em nome de um projeto futuro, ou aproveitar o presente para desfrutar da condição de jovem. E me parece bastante racional que muitos desses jovens optem mais por usufruir da condição juvenil em festas, esportes e outras atividades de lazer, diante das poucas oportunidades para realizarem seus projetos de futuro que são abertas para a maioria deles.

Mesmo não contando com ampla participação dos alunos foi possível observar os jovens, que fizeram as atividades propostas, praticando operações mentais relacionadas ao tempo, percebendo rupturas e continuidades dos processos históricos, comparando processos históricos vividos por grupos sociais diferente, reafirmando ou recusando seus valores e identidade, e desenvolvendo sua capacidade de empatia em relação a outras sociedades do passado. A aluna C.F., por exemplo, encontrou na questão 02 da 11ª ONHB elementos para reafirmar a identidade que vinha construindo para si, reforçando seu projeto de futuro de ser uma mulher independente, se desvincilhando das expectativas de seu grupo social. No início deste ano, foi com muita felicidade que recebi a notícia de sua aprovação para o curso de direito na Universidade Federal do Piauí (UFPI). O estudante J.C., colega de equipe da aluna C.F., pôde sentir empatia pelas mulheres vítimas de relações abusivas e violentas enquanto resolvíamos a questão 11 dessa mesma edição. Infelizmente, no início de 2020, o contato com esse discente foi perdido quando ele e sua família se mudaram para outra cidade e estado.

Entre os alunos que participaram no ano de 2021 das oficinas em sala de aula foi mais difícil captar o uso de sua capacidade de pensamento temporal. Mesmo com a interrupção das aulas presenciais, foi possível, dialogando com alguns alunos foi possível notar que estavam desenvolvendo suas respectivas consciências históricas. Fazendo as atividades e em encontros pela cidade e nos corredores da escola ouvi relatos interessantes desses alunos. A aluna A.K. 15 anos, ao longo da resolução das apostilas sobre a “descoberta” e colonização do Brasil, com destaque para a relação entre os europeus e os povos indígenas, e a apostila com questões sobre os desafios contemporâneos enfrentados por eles, ela comparou a história de sua comunidade quilombola com a história vivida pelos indígenas, também percebeu as semelhanças entre ambos em relação aos preconceitos sofridos e ameaças aos seus territórios demarcados. A partir dessa sua reflexão, ela ampliou sua capacidade de empatia, criticando ideias expressas por alguns membros de sua comunidade que concordavam com o atual assédio de mineradoras, garimpeiros e madeireiros sobre os territórios demarcados para os indígenas brasileiros.

Lamentavelmente, nessa pesquisa, não foi possível transformar nossa comunicação em sala de aula. Assim como nas participações nas olimpíadas em história foi possível experimentar comunicação mais dialógica e menos transmissiva apenas com número reduzido de alunos. Apesar de haver informado a eles que as atividades poderiam ser feitas em trio, a ampla maioria preferiu fazer sozinhos. O mesmo ocorreu com as orientações, nenhum aluno solicitou ajuda para resolver as questões. Aplicar essas oficinas em sala de aula me fez perceber a importância de as características dos jogos serem incorporadas em nossas estratégias de

ensino. A gamificação, além dos próprios jogos para equipamentos eletrônicos, é uma realidade de vários dos aplicativos utilizados pelos jovens atualmente e tem tido bons resultados para as empresas.

Se a gamificação tem tido tanto êxito em capturar a atenção das pessoas, então, por que não utilizar as características dos jogos no ensino? É fato que os jogos competitivos definem ganhadores e perdedores, sendo necessária atenção especial do professor, que conduza o ensino com essa estratégia, aos que forem derrotados para que isso não comprometa a autoestima dos discentes. A comissão organizadora da ONHB tem tido a preocupação em tratar dignamente as equipes eliminadas, dando a todos pelo menos a premiação mínima do certificado de participação. Além disso, a opção pela competição em equipe tem o objetivo de estimular o debate e a colaboração entre os estudantes. Durante minhas práticas com os alunos tenho incorporado uma premiação mínima com o intuito de não fazer nenhum deles se sentir excluído.

A ONHB, até o ano de 2020, vinha recebendo cada vez mais inscritos, mostrando o sucesso do evento, organizado atualmente pelo departamento de história da Unicamp. Além do evento principal, no início de 2020 foi organizado o evento da pré-ONHB e em 2021 realizaram outro evento aberto a todos, a ONHBA1. No atual contexto de ataque às ciências de modo geral, esse evento de divulgação e formação mais científica em história, que proporciona o contato com as fontes usadas por historiadores, bem como os fundamentos que são alicerces da ciência da história, contribuem bastante para preparar os indivíduos para criticar discursos que recorrem ao passado na construção do seu argumento e avaliar a validade dessas argumentações. O sucesso das olimpíadas também tem se manifestado no aumento de dissertações, teses de doutorado, artigos científicos e até mesmo com a organização de eventos estaduais com grande inspiração no evento organizado em Campinas, como as Olimpíadas em Ciências Humanas do Ceará (OCHE), preparado pelo Instituto Federal do Ceará (IFCE).

Nesse ano de 2022 se inicia a implementação do famigerado “novo ensino médio”, em que é exigida a implementação de disciplinas eletivas dentro da proposta do percurso formativo dos discentes desse último nível de ensino da educação básica. Após essa pesquisa, conhecendo melhor a ONHB, os materiais utilizados ao longo das edições, pretendo ofertar disciplinas eletivas em história do Brasil, aproveitando os materiais e metodologias dessa aventura intelectual. Além de apresentar o evento aos discentes da escola Professor Laércio, com o duplo objetivo de criar situações em que eles usem sua consciência histórica, orientando suas pesquisas; e de instigar a participação deles, garantindo dessa maneira minhas futuras

participações nesse evento que contribuiu bastante para que eu voltasse a estudar e praticar história para além da sala de aula.

Referências Bibliográficas

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, M. G. **Ensino Médio: múltiplas vozes**. Brasília: UNESCO; MEC, 2003. 662p.

ARIÈS, Phillipe. **O tempo da história**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

ATLAS do desenvolvimento humano no Brasil. Atlas BR. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/>

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2018.

BRASIL, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Humanas e suas Tecnologias**. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Brasília: MEC/SEMTEC, 1999.

CAIMI, Flávia Eloisa. Por que os alunos (não) aprendem História? Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História. **Tempo** [online], v. 11, n. 21, p.17-32, 2006. ISSN 1980-542X. <https://doi.org/10.1590/S1413-77042006000200003>

CALHEIROS, Letícia Martins; BRITTO, Ludson Batista. **Dificuldades na participação na 9ª Olimpíada Nacional em História do Brasil**. In: SEMINÁRIO INSTITUCIONAL PIBID, 3., 2018, Vitória, ES. **Anais** [...]. Vitória, ES, 2018. p. 42-51.

COMISSÃO ORGANIZADORA ONHB10. Confirma lista completa de equipes medalhistas 10ª ONHB. 2018. **Olimpíada Nacional em História do Brasil**. 09 set. 2018. Disponível em: <https://www.olimpiadadehistoria.com.br/noticias/ler/114>

DAYRELL, Juarez. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007.

DE CERTEAU, Michel. A operação historiográfica. In: **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 56-119.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1984.

EREKSON, Keith A. Putting history teaching “in its place”. **The Journal of American History**, v. 97, n. 4, p. 1067-1078, 2011.

GADAMER, Hans-Georg. Problemas epistemológicos das ciências humanas. In: FRUCHON, Pierre (org.). **O problema da consciência histórica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 17-26.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps/place/Boa+Vista+do+Gurupi,+MA,+68617-000/@-1.798976,-46.3312093,14z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x92ae020be643dd43:0xff8332bcf8446c8c!8m2!3d-1.7989761!4d-46.3136997>. Último acesso em: 20 out. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010. Cidades e Estados**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ma/boa-vista-do-gurupi.html> Acesso em: 20 out. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010. Área territorial brasileira**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais. **Estimativas da população residente com data de referência 1.º de julho de 2020**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ma/boa-vista-do-gurupi.html> Acesso em 20 de out. 2020.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA em parceria com os Órgãos Estaduais de Estatística, Secretarias Estaduais de Governo e Superintendência da Zona Franca de Manaus – SUFRAMA. **Boa Vista do Gurupi**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ma/boa-vista-do-gurupi.html> Acesso em 20 de out. 2020.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA - INEP. **Sinopse Estatística da Educação Básica 2020**. Brasília: Inep, 2021. Disponível em <<http://portal.inep.gov.br/sinopses-estatisticas-da-educacao-basica>>. Acesso em: 17 de fev. 2022.

KNAUSS, Paulo. Sobre a norma e o óbvio: a sala de aula como lugar de pesquisa. *In*: NIKITIUK, Sônia (org.). **Repensando o ensino de história**. São Paulo: Cortez, 1996. p. 23-46.

KOSELECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LEE, Peter. Literacia histórica e história transformativa. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 60, p.107-146, abr./jun. 2016.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. **Didática**, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MENEGUELLO, Cristina. **Olimpíada Nacional em História do Brasil: uma aventura intelectual?** 2011. Disponível em: https://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=11915 Acesso em: 15 maio 2019.

MENEGUELLO, Cristina. **Bate-papo com Cristina Meneguello** – Entre o ensino e a divulgação científica: ONHB. LAPEHIS – UFVJM, 2020. (1h 11m 26s).17m10s a 17m20s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=34PTaDAt6O4>. Acesso em: 25 de ago. 2020.

MONTEIRO, Ana Maria; PENNA, Fernando. Ensino de História: saberes em lugar de fronteira. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 36, n. 1, p. 191-211, 2011.

OLIMPÍADA NACIONAL EM HISTÓRIA DO BRASIL (ONHB), **Regulamento 12ª ONHB**. Disponível em: <https://www.olimpiadadehistoria.com.br/paginas/onhb12/regulamento>

OLIMPÍADA NACIONAL EM HISTÓRIA DO BRASIL (ONHB). **Sistema de Avaliação 11ª ONHB**. Disponível em:

https://drive.google.com/file/d/1g_Ir241sRBHKIU7C4IMFWCgooXaTQEC9/view

PNUD Brasil. **Comparativo IDHM**. 2010. Disponível em <https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0/rankings/idhm-municipios-2010.html> Acesso em: 20 de out. 2021.

RAITZ, T. R.; PETTERS, L. C. F. Novos desafios dos jovens na atualidade: trabalho, educação e família. **Psicologia & Sociedade**, v. 20, n. 3, p. 408-416, 2008.

REZENDE, Flávia; OSTERMANN, Fernanda. Olimpíadas de ciências: uma prática em questão. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 18, n. 1, p. 245-256, 2012.

RODRIGUES, Eric Freitas. **Tecnologia, inovação e ensino de história: o ensino híbrido e suas possibilidades**. Niterói, Rio de Janeiro, 2016.

RÜSEN, Jörn. Razão histórica. Brasília: Editora da UnB, 2001, p. 78.

RÜSEN, Jorn. Didática – funções do saber histórico. In: RÜSEN, Jorn. **História viva: teoria da história III: formas e funções do conhecimento histórico**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2007.

SPOSITO, Marília Pontes. Juventude e educação: interações entre a educação escolar e a educação não-formal. **Educação & realidade**, Porto Alegre, RS, v. 33, n. 2, p. 83-98, 2008. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/viewFile/7065/4381>.

VALLE, Hérica Souza do; SOUSA, Maria do Socorro Magalhães de. Contribuição da Olimpíada Nacional de História do Brasil para construção de uma Consciência Histórica nos alunos da Escola Estadual Hideraldo Ferro Bitencourt participantes da 9ª edição da ONHB. In: ENCONTRO NACIONAL PERSPECTIVA DE ENSINO DE HISTÓRIA, 10., 2018, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: Ufrgs, 2018. v. 1, p. 806-819. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/lhiste/anais-perspectivas-do-ensino-de-historia/>. Acesso em: 10 jun. 2019.

WIKIPÉDIA. **Boa Vista do Gurupi**. Flórida: Wikimedia Foundation, 2021. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Boa_Vista_do_Gurupi&oldid=62654881. Acesso em: 20 out. 2020

Apêndices

Apêndice A - Questionário utilizado pela ONHB, adaptado e aplicado aos discentes do 1º ano A em 2020.

1 ESTUDANTE

1.1 NOME COMPLETO:

_____.

1.1.1 NOME SOCIAL: _____.

(Se você não utiliza nome social responda: não utilizo)

1.2 E-MAIL:

_____.

1.3 DATA DE NASCIMENTO: ____/____/____.

1.4 SEXO/GÊNERO:

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Gênero masculino | <input type="checkbox"/> Outros |
| <input type="checkbox"/> Gênero feminino | <input type="checkbox"/> Prefiro não responder |
| <input type="checkbox"/> Não binário | |

1.5 QUAL SUA COR DE PELE:

- | | |
|-----------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> Preto | <input type="checkbox"/> Amarelo |
| <input type="checkbox"/> Pardo | <input type="checkbox"/> Branco |
| <input type="checkbox"/> Indígena | <input type="checkbox"/> Prefiro não responder |

1.6 QUAL SUA RELIGIÃO:

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Cristianismo (Católico) | <input type="checkbox"/> Islamismo |
| <input type="checkbox"/> Cristianismo (Protestante, Evangélico, Neopenteconstal etc.) | <input type="checkbox"/> Espiritualismo (Kardecismo, Budismo, Hinduísmo, etc) |
| <input type="checkbox"/> Judaísmo | <input type="checkbox"/> De Matriz Africana (Umbanda, Camdoblé) |
| <input type="checkbox"/> De Matriz Indígena | <input type="checkbox"/> Sou Agnóstico(a) |
| <input type="checkbox"/> Sou Ateu(ia) | <input type="checkbox"/> Prefiro não responder |
| <input type="checkbox"/> Outra | |

1.7 COM QUEM VOCÊ MORA?

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Pais | <input type="checkbox"/> Amigos |
| <input type="checkbox"/> Cônjuge | <input type="checkbox"/> Empregados domésticos |
| <input type="checkbox"/> Companheiro(a) | <input type="checkbox"/> Sozinho(a) |
| <input type="checkbox"/> Filho(a)s | <input type="checkbox"/> Outros |

- Sogros Prefiro não responder
 Parentes / Familiares

1.8 EM QUE LOCALIDADE DA CIDADE SEU DOMICÍLIO SE ENCONTRA?

- Bairro na periferia da cidade Favela / Cortiço
 Bairro na região central da cidade Região rural (chácara, sítio, fazenda etc.)
 Bairro no centro expandido da cidade Aldeia ou reserva indígena
 Condomínio residencial fechado Ocupação ou acampamento
 Conjunto habitacional (CDHU, COHAB, Cingapura, BNH etc.) Outro

1.9 QUAL SEU ANO / SÉRIE:

_____.

1.10 QUAIS AS DISCIPLINAS (MATÉRIAS) DE QUE VOCÊ MAIS GOSTA? POR QUÊ? _____

_____.

1.11 ALÉM DE FREQUENTAR A ESCOLA, VOCÊ:

- Trabalha
 Estuda línguas estrangeiras
 Pratica esportes regularmente (treina e/ou faz parte de uma equipe esportiva)
 Faz trabalho voluntário
 Dedicar-se a música/teatro/artes em geral
 Dedicar-se a atividades de cunho religioso
 Outra Atividade (Descreva): _____.

1.12 ESCOLARIDADE DA MÃE

- Não possui escolaridade Ensino Médio completo
 Ensino Fundamental I (até o quinto ano ou antiga quarta série) Ensino Superior incompleto
 Ensino Fundamental II incompleto Ensino Superior completo

Ensino Fundamental II completo

Pós-graduação

Ensino Médio incompleto

Não sei informar

1.13 ESCOLARIDADE DO PAI

Não possui escolaridade

Ensino Médio completo

Ensino Fundamental I (até o quinto ano ou antiga quarta série)

Ensino Superior incompleto

Ensino Fundamental II incompleto

Ensino Superior completo

Ensino Fundamental II completo

Pós-graduação

Ensino Médio incompleto

Não sei informar

1.14 SUA FAMÍLIA PARTICIPA DO PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA? SIM NÃO

1.15 SUA FAMÍLIA PARTICIPA DE ALGUM OUTRO PROGRAMA DE BOLSA? _____

1.16 NA SUA CASA TEM:

TELEVISÃO

GELADEIRA / FREEZER

COMPUTADOR/NOTEBOOK

ACESSO À INTERNET?

JORNAL IMPRESSO

REVISTA DE INFORMAÇÃO

1.17 VOCÊ JÁ EMPRESTOU UM LIVRO DA BIBLIOTECA PÚBLICA DE SUA CIDADE?

SIM NÃO

1.18 QUAL É O LIVRO QUE VOCÊ LEU ATÉ HOJE DE QUE MAIS GOSTOU? _____

1.19 VOCÊ JÁ ASSISTIU UM FILME NO CINEMA DE SUA CIDADE? SIM NÃO

1.20 QUAL É O FILME QUE VOCÊ ASSISTIU ATÉ HOJE DE QUE MAIS GOSTOU? _____

1.21 VOCÊ JÁ FOI A ALGUM MUSEU? SIM NÃO QUAL? _____

1.22 QUAL É A PEÇA DE TEATRO QUE VOCÊ ASSISTIU ATÉ HOJE DE QUE MAIS GOSTOU? Se você nunca viu uma peça de teatro responda: nunca assisti.

1.23 QUAL O SEU PROGRAMA DE TV FAVORITO? _____

1.24 QUAL O TIPO DE MÚSICA QUE VOCÊ MAIS GOSTA? _____

1.25 EM QUE CIDADE DO BRASIL VOCÊ GOSTARIA DE MORAR? _____

1.26 O QUE É HISTÓRIA PRA VOCÊ? _____

1.27 QUAL(IS) ERA(M) SUA(S) ESCOLA(S) ANTERIOR(ES), NO ENSINO FUNDAMENTAL?

1.28 VOCÊ JÁ OUVIU FALAR NA OLIMPÍADA NACIONAL EM HISTÓRIA DO BRASIL?

SIM

NÃO

1.29 COMO VOCÊ ESTUDAVA HISTÓRIA COM SEU PROFESSOR ANTERIOR? _____

Apêndice B Questionário respondido por alunos do C.E. João Teixeira Sousa anexo IV que participaram da ONHB

01- Como você avalia sua participação na ONHB? _____

02- O que você achou do evento? _____

03- Qual(is) questões foram mais interessantes na sua opinião? _____

04- Qual(is) foram as dificuldades que você teve durante a ONHB? _____

05- O que você achou da tarefa de transcrever um documento histórico manuscrito? _____

06- Como você avalia seu aprendizado em história durante o evento? _____

07- Você já tinha estudado história através de documentos antes? O que você achou? _

08- A participação na ONHB mudou sua forma de pensar história? Como? _____

Apêndice C: Questionário aplicado aos alunos para medir dados socioeconômicos, formas de acesso e uso da internet, planos futuros, entre outros dados.

1) Em qual faixa etária você se encaixa?

14 a 16 anos

23 a 30 anos

17 a 18 anos

Mais de 30 anos

19 a 22 anos

2) Qual seu sexo?

Masculino

Feminino

3) Qual sua cor ou raça?

Branco

Indígena

Pardo

Outro: _____.

Negro

4) Sua casa possui smartphones (telefones inteligentes, que possibilitam acesso à internet, etc.)?

Sim

Não

5) Quantos smartphones existem na sua casa?

1

4

2

5 ou mais

3

6) Na sua casa há algum provedor de internet?

Sim

Não

7) Você acessa a internet?

Sim

Não

8) Como você acessa a internet?

Através de computador e smartphone em minha casa, por conexão banda larga paga pela minha família.

Através de computador e smartphone utilizando wi-fi de amigos e ou vizinhos.

Apenas através de smartphone utilizando pacote de dados de telefonia móvel (operadora de celular).

Apenas através de smartphone utilizando wi-fi de amigos, vizinhos, da escola ou de estabelecimentos comerciais.

Não possuo conexão com a internet.

9) Com qual frequência você acessa a internet?

Todos os dias.

Duas ou três vezes por semana.

Toda semana.

Raramente, poucas vezes durante o mês.

10) Para quê você utiliza a internet?

Interações sociais com familiares, amigos e ou desconhecidos. Namoro, amizade e conhecer novas pessoas.

Jogos virtuais com a opção de múltiplos jogadores.

Estudo e pesquisa para atividades escolares, assistir vídeo-aulas, ler livros, etc.

Para se informar, ler notícias, ver documentários, ver telejornais, canais sobre política no youtube.

Entretenimento: ver séries, filmes, novelas, desenhos, esportes, etc.

11) Qual a importância da educação na sua vida? Qual o papel da escola em seus planos de vida para o futuro?

Muito importante

Importante

Pouco importante

Irrelevante

12) O que você planeja fazer após concluir o ensino médio?

Tenho planos de fazer um curso universitário.

Quero me mudar para uma cidade maior onde consiga um emprego.

Quero conseguir um emprego melhor em Boa Vista do Gurupi ou em cidades próximas.

Provavelmente permanecerei em Boa Vista do Gurupi e nada ou muito pouco irá mudar em minha vida.

13) Como você avalia o ensino à distância oferecido pela escola?

- | | |
|-------------------------------------|-------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Muito ruim | <input type="checkbox"/> Ruim |
| <input type="checkbox"/> Razoável | <input type="checkbox"/> Bom |
| <input type="checkbox"/> Muito bom | |

14) Como você avalia seu desempenho durante o período de ensino não-presencial?

- | | |
|-------------------------------------|-------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Muito ruim | <input type="checkbox"/> Ruim |
| <input type="checkbox"/> Razoável | <input type="checkbox"/> Bom |
| <input type="checkbox"/> Muito bom | |

15) Quais dificuldades você enfrentou durante o estudo não-presencial?

- Falta de espaço adequado em casa para estudar.
- Dificuldades em acessar o material disponibilizado pelos professores.
- Grande quantidade de atividades para fazer.
- Dificuldades de leitura e entendimento das matérias.
- Outros: _____.

16) Qual(is) a(s) maior(es) dificuldade(s) que você enfrentava no prédio da escola anterior?

- Salas quentes e sem ventilação adequada.
- Salas pequenas e com muitos alunos por turma.
- Mau-cheiro causado pela fossa da escola.
- Banheiros inadequados.
- Outro(s): _____.

Apêndice D: apostila trabalhada em sala com os alunos do 1º ano vespertino.

C.E. Professor Laércio. Prova de História

Nome: _____ Turma: _____
Data __/__/2021

Questões 1ª Fase

2ª questão

Leia o documento abaixo e selecione, dentre as alternativas, aquela que considerar a mais pertinente.

Trechos extraídos da carta de Pero Vaz de Caminha ao Rei de Portugal em 1º de maio de 1500.

Sobre os excertos da carta de Pero Vaz de Caminha acima, podemos dizer:

Alternativas

- A. Na carta ao rei de Portugal Pero Vaz de Caminha descreve a terra encontrada.
- B. O documento descreve uma população nativa que o autor narra como generosa e gentil, e por este motivo deve ser cuidada.
- C. A carta indica ao rei de Portugal formas de se apossar de riquezas e de expandir o cristianismo.
- D. A carta indica que os índios produziam seus alimentos em roças e criavam rebanhos para seu sustento

Questões 1ª Fase

3ª questão

A carta de Pero Vaz de Caminha foi recuperada pela historiografia nacional principalmente durante o século XIX. Foi re-editada e tornou-se de grande interesse, considerada a “certidão de nascimento” do Brasil. Ela pôde ser assim chamada porque:

Alternativas

- A. Foi considerado o primeiro documento escrito sobre o Brasil.
- B. Pero Vaz de Caminha foi o único a dar a boa nova do achamento do Brasil.
- C. Por meio deste documento os portugueses declararam a posse do Brasil.

D. Descreve a natureza e as gentes.

Versão completa da carta de Pero Vaz de Caminha (grafia original)

Carta, Carta de Caminha, Séc XVI, Colonização, Formação do território nacional

Trechos da carta de Pero Vaz de Caminha

Trechos de carta

Senhor:

Posto que o Capitão-mor desta vossa frota, e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a nova do achamento desta vossa terra nova, que ora nesta navegação se achou, não deixarei também de dar disso minha conta a Vossa Alteza, assim como eu melhor puder, ainda que — para o bem contar e falar — o saiba pior que todos fazer. (...)

Viu um deles [índio] umas contas de rosário, brancas; acenou que lhas dessem, folgou muito com elas, e lançou-as ao pescoço. Depois tirou-as e enrolou-as no braço e acenava para a terra e de novo para as contas e para o colar do Capitão, como dizendo que dariam ouro por aquilo.

Isto tomávamos nós assim por assim o desejarmos. Mas se ele queria dizer que levaria as contas e mais o colar, isto não o queríamos nós entender, porque não lho havíamos de dar. E depois tornou as contas a quem lhas dera. (...)

Parece-me gente de tal inocência que, se homem os entendesse e eles a nós, seriam logo cristãos, porque eles, segundo parece, não têm, nem entendem em nenhuma crença.

E portanto, se os degredados, que aqui hão de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles, segundo a santa intenção de Vossa Alteza, se hão de fazer cristãos e crer em nossa santa fé, à qual praza a Nosso Senhor que os traga, porque, certo, esta gente é boa e de boa simplicidade. E imprimir-se-á ligeiramente neles qualquer cunho, que lhes quiserem dar. E pois Nosso Senhor, que lhes deu bons corpos e bons rostos, como a bons homens, por aqui nos trouxe, creio que não foi sem causa. Portanto Vossa Alteza, que tanto deseja acrescentar a santa fé católica, deve cuidar da sua salvação. E prazerá a Deus que com pouco trabalho seja assim.

Eles não lavram, nem criam. Não há aqui boi, nem vaca, nem cabra, nem ovelha, nem galinha, nem qualquer outra alimária, que costumada seja ao viver dos homens. Nem comem senão desse inhame, que aqui há muito, e dessa semente e frutos, que a terra e as árvores de si lançam. E com isto andam tais e tão rijos e tão nédios, que o não somos nós tanto, com quanto trigo e legumes comemos. [...] e a terra por cima toda chã e muito cheia de grandes arvoredos. [...] De ponta a ponta, é toda praia parma, muito chã e muito formosa.

Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande, porque, a estender olhos, não podíamos ver senão terra com arvoredos, que nos parecia muito longa.

Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem lho vimos. Porém a terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados como os de Entre Douro e Minho, porque neste tempo de agora os achávamos como os de lá.

Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem.

Porém o melhor fruto, que nela se pode fazer, me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar. (...)

Beijo as mãos de Vossa Alteza.

Deste Porto Seguro, da Vossa Ilha de Vera Cruz, hoje, sexta-feira, primeiro dia de maio de 1500.

Pero Vaz de Caminha

17ª questão

Leia o documento abaixo atentamente e observe os mapas que elaboramos para esta questão, procurando localizar as colônias que o texto cita.

Relatório

“As índias acham-se hoje miseravelmente reduzidas a seis praças principais, que são: Moçambique, sem defesa; Goa, pouco segura; Diu, arriscada; Cochim, dependente da amizade do rei; Columbo, invadida pelos holandeses; Macau, sem comércio, desesperada; Angola, nervo dos engenhos do Brasil, necessita de prevenção contra os desejos que os espanhóis, ingleses e holandeses têm de nos tirarem os negros [...]. A costa da Guiné, donde saía tanta riqueza [...] é toda dos estrangeiros [...]. O Brasil, reforço principal desta Coroa, pede socorros [...]. O Maranhão, mal se sustenta no que é, e receia a cobiça dos estrangeiros que o ameaçam [...]. Portugal, enfim, se acha sem forças, sem ânimo para se sustentar [...]; não só falta para grandes despesas e para pagar o que deve de justiça, mas ainda para as despesas miúdas.”

Documento do Conselho da Fazenda, 1657

Mapa da divisão territorial do país, séc. XVII



Mapa das colônias portuguesas à época das Grandes Navegações



A linha verde refere-se às rotas das viagens portuguesas nas datas indicadas.

Mapa indicando o local contemporâneo das antigas colônias e posses portuguesas.



É pertinente afirmar que:

Alternativas

A. a metrópole colonial possuía vários portos importantes no território brasileiro, mas estavam todos em situação precária.

B. Portugal havia estabelecido colônias em diversos territórios durante as Grandes Navegações, que se viam ameaçados por outros impérios coloniais.

C. o autor do texto alerta que as posses portuguesas, ainda que ricas, passavam por dificuldades.

D. no século XVII o Brasil já era uma colônia importante do mundo português.

21ª questão

Trecho da obra *Viagem à terra do Brasil* (1578), do calvinista Jean de Lèry. Texto de viajante

Palavras-chave

Colonização/ Trabalho indígena/ Séc. XVI

– Por que vindes vós outros, maírs e perôs buscar lenha de tão longe para vos aquecer? Não tendes madeira em vossa terra?

Respondi que tínhamos muita, mas não daquela qualidade, e que não a queimávamos, como ele o supunha, mas dela extraíamos tinta para tingir, tal qual o faziam eles com os seus cordões de algodão e suas plumas.

Retrucou o velho imediatamente:

– E porventura precisais de muito?

– Sim – respondi-lhe – pois no nosso país existem negociantes que possuem panos, facas, tesouras, espelhos e outras mercadorias do que podeis imaginar e um só deles compra todo o pau-brasil com que muitos navios voltam carregado.

– Há! – retrucou o selvagem – tu me contas maravilhas – acrescentando depois de bem compreender o que eu lhe dissera.

– Mas esse homem tão rico não morre?

– Sim – disse eu – morre como os outros.

Mas os selvagens são grandes discursadores e costumam ir em qualquer assunto até o fim, por isso perguntou-me de novo:

– E quando morrem para quem fica o que deixam?

– Para seus filhos se os têm – respondi – na falta destes para os irmãos ou parentes mais próximos.

– Na verdade – continuou o velho, que, como vereis, não era nenhum tolo – agora vejo que vós outros maírs sois grandes loucos, pois atravessais o mar e sofreis grandes incômodos, como dizeis quando aqui chegais, e trabalhais tanto para amontoar riquezas para vossos filhos ou para aqueles que vos sobrevivem! Não será a terra que vos nutriu suficiente para alimentá-los também? Temos pais, mães e filhos a quem amamos; mas estamos certos de que depois da nossa morte a terra que nos nutriu também os nutrirá, por isso descansamos sem maiores cuidados.

O diálogo acima teria se passado na década de 1550 entre um tupinambá, do grupo nativo da costa brasileira, e o pastor calvinista Jean de Léry (1534-1611). O indígena queria saber por que os europeus vinham de terras longínquas a fim de buscar madeira para a extração de tintas.

Alternativas

A. o diálogo mostra visões de mundo muito diferentes em relação a temas como a natureza, o comércio, herança e riqueza.

B. ao falar em “maírs” e “perôs”, o tupinambá mencionava franceses e portugueses, que disputavam a exploração da região.

C. pelo diálogo, podemos perceber indígenas e europeus em negociação, numa imagem distante da tradicional, marcada apenas por conflitos e destruição.

D. o diálogo nos mostra como, em suas origens, os indígenas têm um modo de vida nômade, caçador e coletor, pouco afeito ao trabalho e ao cuidado com seus descendentes.

33ª questão

Documento escrito por Padre Manoel da Nóbrega em Carta do Brasil (1549)

Carta do Brasil (1549)

“Parece-me cousa mui conveniente mandar Sua Alteza algumas mulheres que lá têm pouco remédio de casamento a estas partes, ainda que fossem erradas, porque casarão todas mui bem, com tanto que não sejam tais que de todo tenham perdido a vergonha a Deus e ao mundo. E digo que todas casarão mui bem, porque é terra muito grossa e larga [...] De maneira que logo as mulheres terão remédio de vida, e os homens [daqui] remediariam suas almas, e facilmente se povoaria a terra”.

Para saber mais:

Sugerimos assistir o filme *Desmundo*, 2003, 101 minutos. Diretor: Alain Fresnot. Roteiro: Alain Fresnot, Sabina Anzuategui e Anna Muylaert. Elenco: Simone Spoladore, Osmar Prado, Caco Ciocler.

O filme é falado numa tentativa de aproximação ao português antigo, e legendado em português contemporâneo.

Palavras-chave: Colonização/ Mulheres/ Séc. XVI

O documento afirma que:

Alternativas

A. seria conveniente que o rei enviasse mulheres para o Brasil, pois havia poucas no território.

B. enviando mulheres da Europa, mesmo as de má reputação, seria evitada a miscigenação com as indígenas.⁵

C. o matrimônio sugerido seria benéfico para os colonos e para as mulheres de “pouco remédio de casamento”.⁴

D. o casamento entre mulheres portuguesas e colonos ajudaria a povoar a terra e daria “remédio à vida” das indesejadas na Europa. 1

2ª questão



Mapa Brasilia et Peruvia (1593)

Mapa

Mapa Brasilia et Peruvia (1593) de Cornelis de Jode (1568-1600), 35,7×42,1cm. In: Paulo Miceli (textos e curadoria). O Tesouro dos mapas – A representação cartográfica do Brasil. São Paulo: Instituto Cultural Banco Santos, 3a. ed. 2005, p. 239.

Observe as características do mapa e escolha a resposta mais pertinente:

Alternativas

- A. os mapas no século XVI tinham finalidade ilustrativa, por isso a presença de elementos artísticos em meio a informações do território.
- B. o mapa apresenta, em 1593, um grande conhecimento europeu sobre o território americano devido à quantidade de informações nele contidas, como a nomeação de toda a costa litorânea e a descrição de costumes indígenas em terras brasileiras.
- C. na elaboração do mapa, o registro de novas terras através de experiências adquiridas une-se a um repertório pré-existente de imagens fantásticas, num choque entre realidade e imaginação.
- D. a ilustração do litoral povoado por monstros marinhos sugere a presença do imaginário europeu na identificação das inóspitas terras americanas.

3ª questão

Uma cama para o Ouvidor, artigo publicado na *Revista de História da Biblioteca Nacional*
Artigo de revista

“Quando o Ouvidor Real visitou a vila de São Paulo em 1620, havia somente uma cama digna para seu repouso, a do fidalgo Gonçalo Pires, a única cama da cidade. Os homens bons da Câmara, apoiados pelos moradores da vila, mandaram tomar a cama à força. Na hora da devolução, Gonçalo, que não gostou nada de terem tomado sua cama, recusou a mobília, alegando que fora estragada pela bexiga indisciplinada do Ouvidor. O caso foi parar na Justiça. Dez anos depois, as atas da Câmara de São Paulo ainda registravam os resultados do conflito por causa da cama. O inusitado acontecimento rendeu uma moda de Mário de Andrade: “Ouvidor-Geral (sic) não dorme no chão/ mande buscar a cama de Gonçalo Pires / Ele deixe de mangação [...]”.

Glossário

Ouvidor: no Brasil colonial, a estrutura do judiciário previa o cargo de Ouvidor da Comarca. Cada capitania tinha seu Ouvidor da Comarca, que buscava solucionar as questões jurídicas nas vilas. Se alguém se sentisse prejudicado com alguma decisão desse magistrado, poderia recorrer ao Ouvidor-Geral, que ficava na Bahia.

“Quando o Ouvidor Real visitou a vila de São Paulo em 1620, ...” Uma cama para o Ouvidor, artigo publicado na *Revista de História da Biblioteca Nacional*

Alternativas

- A. a cama foi o estopim de um conflito judicial.
- B. aos homens bons cabia o gerenciamento policial e judiciário da colônia, exercendo também o papel de representantes da ordem metropolitana.
- C. o conflito revelava a precariedade do mobiliário e a de carpintaria no território colonial que, a partir de denúncia feita à Câmara de São Paulo, acabou tendo repercussão posterior, como mostra o poema de Mario de Andrade.
- D. a “divertida” disputa judicial pela cama reflete os jogos de poder e hierarquia do Brasil colonial.

8ª questão

A condição feminina no Rio de Janeiro no século XIX

Relato de viajante

Uma das opiniões mais geralmente acreditadas acerca da brasileira é que ela é preguiçosa e conserva-se ociosa todo o dia. É um engano.

A brasileira não faz nada por si mesma, mas manda fazer; põe o maior empenho em não ser vista nunca em ocupação qualquer. Entretanto quem for admitido à intimidade, achá-la-á pela manhã de tamancas, sem meias [...], presidindo à fabricação de doces, cocadas, arrumando-os nos tabuleiros de pretos e pretas, que os levam a vender pela cidade.

[...]

Logo que estes saem, as senhoras dão tarefa de costuras às mulatas, pois quase todos os vestidos das crianças, do dono e da dona-de-casa são cortados e cosidos em casa. Fazem ainda lenços e guardanapos de ponto de crivo, que mandam também vender. Cumpre que cada um dos escravos, chamados de ganho, traga à senhora a quantia designada no fim do

dia, e muitos são castigados quando vêm sem ela. É isto o que constitui o dinheiro para os alfinetes das brasileiras e lhes permite satisfazer as suas fantasias.

[...]Uma brasileira se envergonharia de ser apanhada em qualquer ocupação, porque professam todas o maior desdém para quem quer que trabalhe. O orgulho dos americanos do sul é extremo. Todos querem mandar, ninguém quer servir. Não se admite no Brasil outras profissões além de médico, advogado ou negociante de grosso trato.

Glossário

Ponto de Crivo: Bordado feito com agulha de croché, para o qual se prepara o pano tirando-lhe tanto na largura como no comprimento alguns fios interpolados; labirinto.

(Caldas Aulete. Dicionario contemporaneo da lingua portugueza. Lisboa [Portugal]: Parceria Antonio Maria Pereira, 1925, disponível em: <http://www.auletedigital.com.br/>)

Negociante de Grosso: aquele que negocia em alta escala, por atacado: Negociar em grosso.

(Caldas Aulete. Dicionario contemporaneo da lingua portugueza. Lisboa [Portugal]: Parceria Antonio Maria Pereira, 1925, disponível em: <http://www.auletedigital.com.br/>)

Descrição das senhoras brasileiras feita pela francesa Adèle Toussaint-Samson em 1815.

A condição feminina no Rio de Janeiro no século XIX

Escolha a alternativa mais pertinente:

Alternativas

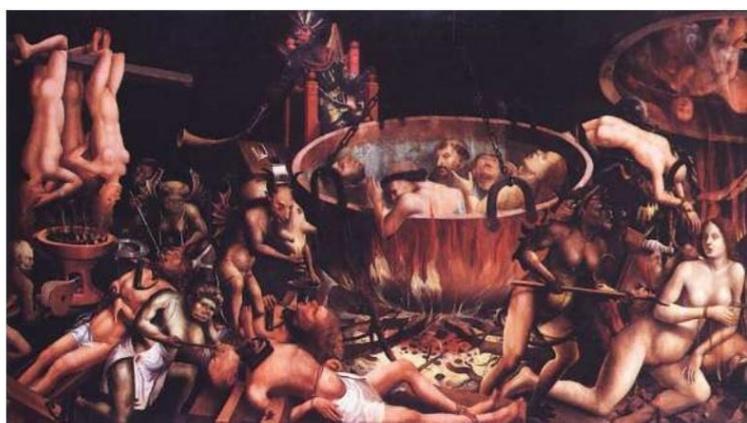
A. segundo a autora francesa as principais características das brasileiras são a necessidade de demonstrar que mandam e a vergonha de mostrar que trabalham. 1

B. o documento possibilita a compreensão de parte da vida cotidiana do início do século XIX, já que nos permite visualizar a organização de uma rede de relações de trabalho. 4

C. o texto indica que os ganhos obtidos pelos escravos na cidade eram insignificantes. 0

D. é uma descrição movida pelo estranhamento que o olhar estrangeiro tem ante a organização do trabalho e a vida doméstica no Rio de Janeiro do século XIX. 5

11ª questão



O Inferno. Pintura

Adoração dos Magos. Pintura

Na obra *Adoração dos Magos*, há um indígena retratado fora de seu contexto original, transportado para a cena bíblica da visita dos Reis Magos a Jesus. Já em *O Inferno* o próprio diabo, sentado em um trono, tem um cocar em sua cabeça.

Ao analisarmos esses quadros, é possível pensar que:

Alternativas

A. retratar indígenas do Brasil era proibido pelo governo português e pela Igreja durante o século XVI, por isso o artista do quadro *O inferno* preferiu não se identificar ou assinar a obra.

B. as duas imagens expressam pontos de vista diferentes sobre os indígenas na América portuguesa, mas, em ambas, há um ponto comum: os ameríndios aparecem estilizados, em contextos cristãos e retratados do ponto de vista do europeu.

C. no quadro Adoração dos magos, o indígena que substitui um dos reis magos, pode ser interpretado como a possibilidade de integração dos nativos à fé e à tradição cristãs.

D. no quadro O inferno, atributos indígenas no demônio, como o cocar, podem ser interpretados como uma associação entre a imagem dos índios e o mal.

14ª questão

Trecho de "Índio sabe a receita"

Trecho de artigo de revista

No século XVII, a mesa da região era puramente indígena. Além dos peixes que eram moqueados (assados e desidratados), havia farta variedade de crustáceos, mariscos, tartarugas, frutas silvestres e cultivadas. Já naquela época, o açaí era um hábito diário: de manhã servido como mingau cozido com tapioca ou arroz, e muitas vezes também na refeição principal do dia, acompanhado de farinha e peixe ou camarão.

[...]

Embora seja a mais evidente, a influência indígena não foi a única a formar a culinária da Amazônia. À medida que o território saía do isolamento, trocas culturais transformaram a comida da região. Da metade do século XVIII em diante, foram incorporados ingredientes, técnicas de preparo e cozimento dos migrantes das ilhas dos Açores e de Mazagão [...] A introdução do escravo africano também trouxe contribuições [...]. Esta influência está presente no sarapatel e nos pratos derivados do milho, como o cuscuz e o munguzá (mingau de milho).

A miscigenação chegava à culinária regional. O peixe ao tucupi, com seu molho extraído da raiz de mandioca de cor amarela, ganhou ingredientes exóticos: tomate, ovo e batata, transformando-se em um prato que passou a ser chamado de caldeirada. As carnes de caça da maniçoba foram substituídas pelo porco doméstico. Mas o prato continuou a dar trabalho na hora do preparo. A receita leva folhas frescas de maniva (arbusto da mandioca), que precisam ser cozidas por aproximadamente uma semana, para que seja retirado o veneno da planta. Só depois podem ser moídas e acrescentadas aos outros ingredientes.

Com o ciclo da borracha e a migração dos nordestinos que se deslocaram para trabalhar nos seringais no início do século XX, novos sabores aportaram na Amazônia. A carne-de-sol tornou-se complemento do açaí com farinha de mandioca. [...]

Glossário

Maniçoba conforme descrito no texto, a maniçoba é preparada com folhas de maniva moídas e cozidas por uma semana para a retirada do venenoso ácido cianídrico. Na receita vão também carnes suína, bovina e ingredientes defumados e salgados.

Veja também a questão 12 da 1ª Olimpíada Nacional em História do Brasil, sobre hábitos alimentares.

Alternativas

A. os diferentes processos históricos vividos na região amazônica podem ser observados a partir de suas práticas culinárias.

B. os índios, os negros, as migrações internas e externas contribuíram para a formação da culinária amazônica ao longo de séculos.

C. o fato de os alimentos virem de diferentes origens prova que aquela região não tem uma cultura culinária própria.

D. a especificidade culinária da região amazônica sintetiza em si grandes marcos de exploração e expansão do território brasileiro.

Apêndice E: Apostila trabalhada por meio não presencial com alunos do 1º ano vespertino.

C.E. Professor Laércio. História

Nome: _____ Turma: _____

Data _/ _/2021

Questões

1 Questão

Em junho de 2020, durante a pandemia de coronavírus enfrentada pelo Brasil, um grafite do artista Guiles surgiu em um muro de uma das ruas da Barra Funda, bairro da cidade de São Paulo, SP.

Documento 001 Grafite p. 50

Qual lado da corda você tá?



Ficha técnica

TIPO DE DOCUMENTO: Grafite ORIGEM: Guiles, Qual lado da corda você tá? Grafite, Barra Funda/SP.

12/06/2020. Foto por Nelson Almeida (AFS-m Agence France Press) CRÉDITOS:

Grafite: Guilles

Foto: Nelson Almeida (AFS-m Agence France Press) TÉCNICA: Grafite/fotografia

Segundo a narrativa proposta pelo grafite:

- A. um médico e uma médica, com roupas da profissão e utilizando máscaras, estão em disputa contra o vírus causador da COVID-19 e seu apoiador.
- B. ciência e defesa da vida lutam contra a propagação da doença e o desejo de morte.
- C. o personagem com a pele verde auxilia os esforços científicos do governo federal.
- D. a faixa presidencial de um personagem contrapõem-se à capa de super-herói no lado oposto de um “cabo-de-guerra”; a frase convida o espectador a tomar posição.

Questões

4ª Fase

Este documento não serve como prova.
A prova deve ser feita pela internet.

A inauguração para convidados da Mostra do Redescobrimento, a maior exposição de arte nos 500 anos de história do país, programada para acontecer na noite de domingo, dia 23, reflete as desigualdades dos 500 anos da história do Brasil: (...)

Mostra do Redescobrimento é inaugurada em SP

artigo de jornal



Manto Tupinambá

fotografia

Escolha a alternativa mais pertinente:

Alternativas

- A.** A abertura da mostra chamou atenção pela grandiosidade do evento, que ofereceu destaque a artefatos pouco conhecidos pelos brasileiros, como o Manto Tupinambá.
- B.** O Manto Tupinambá é importante por manter a sua utilização original como objeto de ritual indígena.
- C.** A presença do Manto Tupinambá gerou polêmicas sobre sua posse por parte de povoados indígenas na Bahia, que reivindicaram o direito natural sobre a peça.
- D.** Na trajetória do Manto Tupinambá nota-se diferentes significados culturais: símbolo de culto religioso, um presente diplomático e objeto de inestimável valor artístico.

Documentos relacionados

Para saber mais, veja estes documentos abaixo:

Mostra do Redescobrimento é inaugurada em SP

artigo de jornal

ensino de História descobrimento

Índios de Ilhéus reivindicam peça do século 17 exposta em SP

links

Manto Tupinambá

fotografia

história indígena cultura material séc. XVII

Reportagens sobre a Mostra do Redescobrimento

links

Documentos

4ª Fase

Este documento não serve como prova.
A prova deve ser feita pela internet.

Manto Tuphambá
fotografia

Documento da 4ª Fase
Ver todos os documentos



31ª questão

A partir da leitura do excerto de Fernão Cardim em seu Tratado da Terra e Gente do Brasil de 1583 a 1601, selecione a alternativa mais pertinente.

Fernão Cardim, Tratado da Terra e Gente do Brasil, 1583-1601

Relato de Viajante

“Do costume que têm em agasalhar os hóspedes: Entrando-lhe [ao indígena] algum hóspede pela casa a honra que lhe fazem é chorarem-no: entrando, pois, logo o hóspede na casa o assentam na rede, e depois de assentado, sem lhe falarem, a mulher e filhas e mais amigas se assentam ao redor, com os cabelos baixos, tocando com a mão na mesma pessoa, e começam a chorar em altas vozes, com grande abundância de lágrimas, e ali contam em prosas trovadas quantas cousas têm acontecido desde que se não viram até aquela hora, e outras muitas que imaginam, e trabalhos que o hóspede padeceu pelo caminho, e tudo o mais que pode provocar a lástima e choro. O hóspede neste tempo não fala palavra, mas depois de chorarem por bom espaço de tempo limpam as lágrimas, e ficam tão quietas, modestas, serenas e alegres que parece nunca choraram, e logo se saúdam, e dão o seu Ereiupe, e lhe trazem de comer etc.; e depois destas cerimônias contam os hóspedes ao que vêm. Também os homens se choram uns aos outros, mas é em casos alguns graves, como mortes, desastres de guerras etc.; têm por grande honra agasalharem a todos e darem-lhe todo o necessário para sua sustentação, e algumas peças, como arcos, flechas, pássaros, penas e outras cousas, conforme a sua pobreza, sem algum gênero de estipêndio [...] Dos seus enterramentos: São muito maviosos e principalmente em chorar os mortos, e logo como algum morre os parentes se lançam sobre ele na rede e tão depressa que às vezes os afogam antes de morrer, parecendo-lhes que está morto, e os que se não podem deitar com o morto na rede se deitam no chão dando grandes baques, que parece milagre não acabarem com o mesmo morto, e destes baques e choros dizem muitas lástimas e mágoas, e se morre a primeira noite, toda ela em peso choram em alta voz, que é espanto não cansarem. Para estas mortes e choros chamam os vizinhos e parentes, e se é principal, ajunta-se toda a aldeia a chorar, e nisto têm também seus pontos de honra, e aos que não choram lançam pragas, dizendo que não hão-de ser chorados: depois de morto o lavam, e pintam muito galante, como pintam os contrários, e depois o cobrem de fio de algodão que não lhe parece nada, e lhe metem uma cuja no rosto, e assentando o metem em um pote que para isso debaixo da terra, e o cobrem de terra, fazendo-lhe uma casa, aonde os dias lhe levam de comer, porque dizem que como cansa de bailar, vem ali comer, e assim os vão chorar por algum tempo todos os dias seus parentes, e com ele metem todas as suas jóias e metaras, para que as não veja ninguém, nem se lastime [...] Depois de enterrado o defunto os parentes estão em contínuo pranto de noite e de dia, começando uns, e acabando outros; não comem senão de noite, armam as redes junto dos telhados, e as mulheres ao segundo dia cortam os cabelos, e dura este

pranto toda uma lua, a qual acabada fazem grandes vinhos para tirarem o dó, e os machos se tosquam, e as mulheres se enfeitam tingindo-se de preto, e estas cerimônias e outras acabadas, começam a comunicar uns com os outros, assim homens como as mulheres; depois de lhes morrerem seus companheiros, algumas vezes, não tornam a casar, nem entram em festas de vinhos, nem se tingem de preto, porém isto é raro entre eles, por serem muito dados a mulheres, e não podem viver sem elas”

Vocabulário:

Ereiupe: para em Tupi que significa “Vieste”; erê = “tu” + júr = do verbo aju = “vieste” + pe – partícula interrogativa que forma a dicção “Tu vieste?”. Era uma forma de saudação dos povos tupis.

Metara: pedras que os indígenas colocavam nos lábios como adorno.

Baque: estrondo que faz o corpo que cai; queda.

Mavioso: agradável, suave, doce, terno.

Documento relacionado Biografia de Fernão Cardim

Fernão Cardim (1548-1625) foi figura importante da Companhia de Jesus no Brasil Colonial. Permaneceu 42 anos na aldeia de Abrantes, nos arredores de Salvador, onde chegou em 1583. Reitor dos Colégios da Bahia e do Rio de Janeiro, foi eleito na congregação provincial para Procurador da Província do Brasil. Na viagem de regresso ao Brasil, foi capturado por corsários ingleses, despojados dos seus textos e levado para a Inglaterra onde esteve durante cerca de dois anos. Já no Brasil foi nomeado Provincial da Companhia de Jesus, cargo que desempenhou entre 1604 e 1609.

Alternativas

A. O ato de chorar na cultura dos indígenas da região da Bahia possui uma multiplicidade de significados, captado pelo cronista sob um certo olhar de estranhamento e incompreensão.

B. A crônica do padre Fernão Cardim descreve algumas práticas culturais dos indígenas da região da Bahia do séc. XVI, tais como os costumes de recepção do "estrangeiro" e os ritos funerários.

C. O autor utiliza-se de conceitos próprios de sua cultura ao tentar "traduzir" os fenômenos culturais dos indígenas americanos ao público europeu. Exemplo disso é a utilização da palavra "vinho" para designar certa bebida alcoólica dos nativos.

D. Apesar de serem diferentes os costumes de receber os "estrangeiros" em comparação com os da cultura ocidental; os ritos e celebrações fúnebres são iguais às cerimônias cristãs existentes no século XVI.

32ª questão

No ano de 1987, a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento das Nações Unidas lançou a proposta de escritura de uma carta que regeria o desenvolvimento sustentável no planeta e sua proteção ambiental. Assim, a Cúpula da Terra (como é conhecida a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento /CNUMAD) aproveitou para lançar a proposta da “Carta da Terra” no evento internacional ECO-92, realizado no Rio de Janeiro. A partir da leitura de trechos do documento “Conferência Mundial dos Povos Indígenas sobre Território, Meio Ambiente e Desenvolvimento”, que delimitam algumas reivindicações desse grupo na ECO-92, assinale a alternativa mais pertinente.

Documentos relacionados

Para saber mais, veja estes documentos abaixo: Carta da Terra

Trecho de Carta Indígena Luta por Direitos Rio-92

Carta da Terra

Trecho de Carta

“1. Nós, Povos Indígenas, exigimos o direito à vida.

2. O Direito Internacional deve referir-se também aos Direitos Humanos coletivos dos Povos Indígenas.

3. Existem muitos instrumentos internacionais que tratam dos direitos individuais, porém não há declarações que reconheçam os direitos humanos coletivos. Assim, nós recomendamos aos governos que apoiem o Grupo de Trabalho dos Povos Indígenas nas Nações Unidas, para que possam chegar a uma Declaração Universal sobre Direitos Indígenas, atualmente em estudo final.

4. Recomendamos que a convenção contra o genocídio deve ser mudada incluindo o genocídio dos Povos Indígenas. Há muitos exemplos de genocídio contra os Povos Indígenas.

[...]

7. Tem havido muitas discussões por parte dos chamados países democráticos quanto aos direitos dos Povos Indígenas, em aprovar medidas concernentes aos seus futuros, devido ao pequeno número de indígenas que vivem dentro das fronteiras desses estados. Os governos têm usado o conceito de ‘maioria’ para decidir o futuro dos indígenas. Os Povos Indígenas devem ter preservado seus direitos de serem consultados sobre quaisquer projetos que afetam suas áreas.

8. Devemos promover a expressão ‘povos indígenas’ em todos os foros, evitando seu uso [...] depreciativo”.

Alternativas

A. O apelo por “direitos coletivos” revela a falta de conhecimento por parte dos indígenas sobre o grande esforço da ONU de estabelecer as liberdades e os direitos individuais dos homens nas últimas décadas.

B. O documento revela o interesse dos povos indígenas em defender seu papel de atores políticos, além de reivindicarem a segurança das suas culturas, que tem a natureza como fundamento da sua economia e garante a manutenção da vida.

C. Os povos indígenas almejam incluir seus interesses coletivos nas necessidades apresentadas pela comissão da ONU sobre a proteção ambiental e o desenvolvimento sustentável do planeta.

D. A sugestão de enfatizar o termo “genocídio dos povos indígenas” na Carta da Terra revela uma tensão vivida por esses povos, ameaçados cotidianamente por imposições às suas terras que desrespeitam limites geográficos, culturais e humanos.

32 Questão

Em 5 de julho de 2016, Daniel Munduruku fez uma palestra no Programa de Encontros no MASP (Museu de arte de São Paulo). Leia partes dessa fala:

Documento 32 Palestra de Daniel Munduruku

Palestra

"Daniel Munduruku: [...] Antes de mais nada, gostaria de me apresentar, porque normalmente, quando olham para mim, é comum as pessoas me identificarem com um...

Público: Índio!

Daniel Munduruku: Como?

Público: Índio!

Daniel Munduruku: Com um cara bonito. [risadas] Sim, e depois com um índio também, é verdade. E isso vem com uma imagem que foi sendo construída ao longo desses 500 anos e que gerou na cabeça das pessoas uma visão estereotipada. Dizem que o Daniel parece com um índio: ele tem cara de índio, cabelo de índio, maçãs do rosto de índio, olhinho puxado de índio, e claro, corpo esbelto de índio também [risadas do público], portanto, isso o torna um... índio. E as

peessoas insistem em me chamar dessa maneira. Pois bem, apesar de toda essa aparência, de tudo isso que me caracteriza como índio, queria dizer para vocês que eu não sou índio. E mais: não existem índios no Brasil. Tudo isso é uma bobagem. Se estiverem chocados, façam: 'Oooooooh'. [risadas] [...]

Público: Oooooooh!!

Daniel Munduruku: E eu diria mais a vocês: não existem índios no Brasil.

Público: Oooooooh!!

Daniel Munduruku: Muito bem, vocês aprenderam rápido. [risadas no público]. Brincadeiras à parte, quando eu faço essa afirmação, as pessoas realmente ficam impactadas, porque já está muito registrado na cabeça delas que, por causa da minha aparência, eu sou um índio. Mas não é assim que eu me vejo. E não é assim que eu vejo as populações ancestrais do Brasil. O que vocês estão vendo, na verdade, é uma imagem que foi sendo produzida ao longo do tempo. Resolveram nos batizar, ou melhor, nos apelidar, por essa palavrinha [...] É uma palavra que manifesta uma determinada postura das pessoas com relação à minha pessoa. Por isso eu digo que um apelido que nos colocaram. Não sabiam como nos chamar e disseram que nós éramos os tais dos índios, porque erraram o caminho para chegar às Índias – essa conversa que todo mundo já conhece e que acabou determinando que os habitantes dessas terras se chamariam índios. Correto? E além de ser uma história mal contada, a palavra índio não significa absolutamente nada. Se vocês tiverem curiosidade de olhar num dicionário depois, vão descobrir que a primeira entrada do Aurélio, por exemplo, diz o seguinte: 'É o elemento químico nº 49 da tabela periódica'. Fiquei tão feliz quando soube disso... [risadas no público]

Porque já era conhecido como preguiçoso, selvagem, canibal, atrasado... E agora, um elemento químico? Me senti orgulhoso, imagina. E essa palavra descrita dessa maneira me suscitou outra questão: 'índio' não é radical de 'indígena'. Não sei se vocês sabiam, mas é só uma mera coincidência chamar alguém de índio ou indígena. A palavra 'índio' não tem significado específico em nenhum dicionário. Quando muito a definição afirma assim: 'Relativo aos primeiros povos'. Ela também não diz quem nós somos. Mas, com o passar do tempo, foi revelando o que as pessoas pensavam a nosso respeito. Esse termo é um apelido. E vocês sabem que não existem apelidos positivos. Todo apelido é uma negação. [...] ao colocarmos um apelido em alguém, afirmamos o que a gente acha do outro. E normalmente a gente acha que o outro é uma coisa ruim. Seja pela condição social, seja pela cor da pele, pela opção sexual ou pelo que for. Sempre vamos jogar no outro a visão que temos dele. As crianças, com quem eu converso muito, são ótimas em colocar apelidos e vocês sabem disso. Os apelidos delas são muito certeiros porque elas sabem machucar. E o apelido serve para isso, para machucar. Eu diria que,

ao reforçar a palavra 'índio' nas pessoas, estamos nos reportando também àquilo que pensamos desses grupos humanos a quem chamamos de índios. Quando ouvimos 'índio', normalmente temos duas posturas. A primeira postura é romântica, aquela ideia do bom selvagem de José de Alencar [...]: 'Ah, o índio é bacaninha, vive lá no meio da floresta, é o nosso passado, gente boa, gente de bem, olha lá, não tem ganância, vive uma vida social muito tranquila, nem bebe Coca-Cola...'. Esse é o sonho de consumo de todo mundo, não é? Não a Coca-Cola, mas ser índio. E a escola reforça ou reforçou durante muito tempo essa visão [...] Mas a pergunta que não quer calar é: que índio é esse? Qual é o índio que a gente celebra no dia 19 de abril? É o índio do nosso imaginário. Não é um índio real. Esse índio, que foi sendo tramado dentro da nossa formação, não existe. E aí entra a minha afirmação: eu não sou e não existo. Porque esse índio é um ser que foi sendo plantado na nossa história, e nós fomos sendo obrigados a tratá-lo como ser folclórico [...]. Provavelmente, a maioria de vocês já ouviu a afirmativa de que índio é preguiçoso, certo? 'Índio atrapalha o progresso, o desenvolvimento'. 'Índio tem muita terra, pra que tanta terra pra esses índios?'. 'Os índios são todos fajutos, não contribuem para o Brasil crescer'. Certamente vocês já ouviram algumas dessas coisas, que, aliás, estão na mídia direto, não é? Esse é o outro olhar, que também mora dentro da gente. Inclusive quando dizemos assim: 'Ah, eu também sou índio, minha vó foi pega, ela era bugre legítima'. Já ouviram essa expressão? Isso mora dentro da gente [...] um pertencimento violento, inclusive. Quando as pessoas me chamam de índio, eu fico irritado. Não gosto, não. E não gosto porque não me identifico com aquilo que falam a meu respeito.

Essa palavra define o que eu não sou. [...] quero lhes dizer que índio eu não sou. Mas eu sou Munduruku. Ser Munduruku é diferente de ser índio. Ser Munduruku é diferente de ser Wapichana, Kaiapó, Xavante, brasileiro. É diferente. Ser Munduruku é ter uma ancestralidade, uma leitura do mundo, um jeito de ser humano diferente dos outros povos. E é a partir desse lugar, do ser Munduruku, que eu falo para vocês. [...] Aliás, talvez a maioria de vocês nunca tenha ouvido falar de Munduruku, não é? A grande maioria nunca ouviu falar essa palavra. Mas certamente vocês já ouviram falar de índio, certo?

Público: Sim.

Daniel Munduruku: Por quê? Ao aprendermos essa palavra, nós não aprendemos a chamar os povos pelo nome. Então, ser Munduruku, nesse processo educativo, foi uma coisa diluída. E o povo Munduruku existe, viu? É um povo grande, com cerca de 15 mil pessoas. Nós estamos presentes em três estados brasileiros: no Pará, de onde eu sou oriundo, com muito orgulho; no Amazonas, que foi onde o povo teve o primeiro contato com a sociedade brasileira e, mais recentemente, um grupo pequeno migrou para o Mato Grosso. Além disso, tem Munduruku

aqui em São Paulo, no caso, eu. [risos] [...] As histórias indígenas, sobretudo, mas as histórias em geral, têm um componente que a gente esquece: normalmente elas são cíclicas ou circulares. O pensamento indígena é um pensamento circular. O que significa isso? Significa que a gente pensa em forma de espiral. Espiral é aquela mola que dá uma volta e se encontra novamente no mesmo ponto. A espiral como pensamento é essa volta ao passado necessária – é importante que a gente faça esse caminho de buscar no passado os sentidos da nossa existência para podermos dar valor ao momento em que a gente vive. O povo indígena não nega a sua memória, não nega a sua história. O tempo inteiro ele busca no passado os sentidos para atualizar sua existência no presente. Então, quando pensamos nas populações indígenas vivendo nos dias de hoje, temos que considerar que elas estão fazendo uma atualização da própria história. Vocês sabem que a cultura é algo dinâmico. Não existe cultura parada no tempo. Aliás, existe sim, é a cultura morta [...] Porque a cultura, por si só, é muito dinâmica. Ela precisa se atualizar para ser, para continuar existindo. Quando pensamos a cultura indígena como uma cultura escrava do passado, congelamos essa cultura. Quando atrelamos o tal do índio a uma imagem do passado, não consideramos que a cultura se movimenta. E essa cultura precisa se movimentar para continuar a existir. Então, quando as populações indígenas dominam os mecanismos, os instrumentos que hoje a sociedade ocidental desenvolveu, eles não fazem outra coisa a não ser atualizar a sua memória. Quando usamos a literatura como instrumento, o vídeo, o violão, que não é um instrumento tradicional indígena, mas que usamos com competência para sofisticar a nossa própria experiência de humanidade, estamos sendo muito mais inteligentes do que as pessoas pensam. Porque é muito interessante pensar que os indígenas se aproveitam mais do conhecimento ocidental do que o Ocidente se aproveita do conhecimento indígena. Ora, quem será mais inteligente nessa história? O indígena faz muito mais esforço para entender o Brasil, do que o Brasil para entender os indígenas. E nisso quem perde é o próprio Brasil, porque cada vez mais os indígenas se articulam para dominar esses instrumentos afim de manter sua tradição. Falar em tradição faz parecer que perseguimos coisas do passado. Tradição é metodologia. Usamos a tradição como forma de manter nosso padrão educativo. Nós nos atualizamos, mas sem largar a tradição. Então, no fundo, quando falo para vocês, com um instrumento que não é meu, uma língua que não é minha, num lugar que não é meu, meu intuito é trazer a mensagem de um povo ancestral, um povo tradicional. Com isso eu atualizo a memória, não é? Quer dizer, é uma forma de se comunicar com a sociedade brasileira.

Sobre este documento

Título “O ato indígena de educar(se), uma conversa com Daniel Munduruku”

Tipo de documento Palestra realizada em 5 de julho de 2016, dentro da ação de difusão da 32ª Bienal: Programa de Encontros no Masp.

Origem - Disponível em: <http://www.bienal.org.br/post/3364>

Créditos

Daniel Munduruku

A partir do documento e dos seus conhecimentos, escolha uma alternativa:

Alternativas

- (A) Ao fazer uma distinção entre índio, indígena e o povo a que pertence, Munduruku critica o papel da escola que reforça uma visão homogeneizadora dos povos indígenas.
- (B) Para o palestrante, a cultura viva e em transformação se opõe à tradição e à ancestralidade, que são a base da identidade indígena.
- (C) Esperar que os povos indígenas correspondam a certas expectativas de comportamento é, ao mesmo tempo, uma forma de desconhecimento e de dominação.
- (D) Ao negar ser índio, o palestrante esvazia a causa dos indígenas e sua luta recente por participação política e reconhecimento de direitos.

16 Questão

Ouçã e acompanhe a letra da canção “ Retorno

[<https://www.youtube.com/watch?v=ErIs4YIJXFQ>] Retorno ”, da rapper indígena Souto MC.

Retorno	Feitos de bravura, não domesticado
Quanto tempo de nós foi tirado?	Força que perdura, não catequizados
Quanto tudo que é nosso é negado?	Eles captura, traz escravatura,
Anos após ano tentaram	E nós é que tem que ser civilizado?

Mas olha pra nós, todos retornaram	Dispensio elogio "exótica", homenagens racistas patéticas
Quanto tempo de nós foi tirado?	
Quanto tudo que é nosso é negado?	Nossa presença além de estatística
Anos após ano tentaram	Lógicas sexistas antiética
Mas olha pra nós, todos retornaram	Sem tempo pra ser didática
	Queremos a prática enfática que tanto se fala
Filhos da terra, de volta pra terra, todo canto do mundo é seu lar	Se ver por completo e não só objeto de sala de aula Entre dor e trauma, história e drama
Nossa alma não grita mas berra,	Carrego na alma das histórias a trama
Nosso canto é guerra que atravessa rio e mar	De raiz nordeste como cajarana Ceará
Não vão mais roubar, não vão mais ousar	agreste sem a raça ariana
Da história de um povo se apropriar	Somos suçuarana , somos Sagarana
Cocar não é enfeite ou brinquedo,	Na saga em busca e nada ofusca
Se exige respeito, repensa antes de usar	A volta pra terra de Pindorama (Pindorama)
Não deixamos de ser o que somos por conta de um celular	Quanto tempo de nós foi tirado?
São mais de 500 anos, que eles causam danos visando apenas cédulas	Quanto tudo que é nosso é negado?
Territórios originários e não fundiários, herança viva secular	Anos após ano tentaram
Crença nas criança, o levante avança, trazendo vitória incrédula	Mas olha pra nós, todos retornaram
	Quanto tempo de nós foi tirado?
	Quanto tudo que é nosso é negado?
	Anos após ano tentaram
	Mas olha pra nós, todos retornaram
Querendo a pintura, querendo o sagrado	
Querendo a cultura, querendo o legado	
Não somos só figura pra ser estudado	
Somos ruptura de colonizados	

Ficha técnica

TIPO DE DOCUMENTO: Música ORIGEM: Composição: Souto MC

Intérprete: Souto MC

Ano: 2019 CRÉDITOS: Souto MC

GLOSSÁRIO: Cajarana: fruta encontrada nas regiões Norte e Nordeste do Brasil.

Suçarana: felino de médio porte encontrado nas Américas, também conhecido como “onça-parda” ou “puma”.

Sagarana: livro de contos publicado por Guimarães Rosa em 1946, cujo título é composto pela palavra dos mitos germânicos “saga” e pelo sufixo tupi-guarani “rana” (semelhante). Histórias que se assemelham às sagas.

Pindorama: designação dada ao Brasil por parte dos povos originários, mais precisamente pelos habitantes dos Andes e dos Pampas. PALAVRAS-CHAVE: indígenas, ocupação do território, música

A partir do conteúdo apresentado pela canção, é correto afirmar que:

- A. A música rejeita uma representação estática do indígena construída ao longo da colonização e consolidada em materiais didáticos.
- B. A música aponta como a adoção de tecnologias contemporâneas pelos povos originários altera suas identidades originais.
- C. Há uma conexão entre o passado e o presente indígena na letra da canção, ressaltando violências e resistências.
- D. A composição é uma forma de manifestação dentro do exercício de celebração das tradições indígenas brasileiras.

Conteúdo adicional

LINK: O resgate da ancestralidade indígena de Souto MC <https://raplogia.com.br/o-resgate-da-ancestralidade-indigena-de-souto-mc/>

Apêndice F: Análise dos questionários adaptados da fase 01 da ONHB, apresentado como Apêndice A nesta dissertação, aplicados aos alunos do 1º Ano A vespertino de 2020.

Essa análise procura atender solicitação da banca examinadora. Para isso, os dados dos 27 questionários respondidos pelos jovens que integravam a turma 1º A, turno vespertino no ano de 2020, foi organizado em planilha do Excel e comparado, quando possível, com dados obtidos por pesquisas coordenadas por Abramovay e Castro (2003) utilizada como referência nesta dissertação e publicada no livro Ensino Médio: múltiplas vozes. Algumas questões, como é possível observar no questionário disponível no Apêndice A, página 088, possuem alternativas que os jovens precisavam selecionar opções pré-estabelecidas, outras, contudo exigiam resposta elaborada pelos próprios estudantes. Quando possível, os dados foram organizados em quadros e comparados com os dados recolhidos por Abramovay e Castro (2003), mais especificamente aqueles referentes a Belém, capital mais próxima ao meu local de pesquisa. As perguntas que exigiam respostas mais dissertativas foram analisadas de forma menos quantitativa e mais qualitativa.

Finalizando esse apêndice, disponibilizo a transcrição das poucas respostas obtidas dos estudantes sobre o motivo de não terem participado das atividades envolvendo a ONHB em 2020. Apesar de ainda ter contato com muitos dos alunos daquela turma, a maioria deles não entregou a resposta solicitada, com exceção de quatro estudantes.

Perfil dos discentes: sexo, idade, cor ou raça

Entre os 27 estudantes que responderam ao questionário, 19 eram do sexo feminino e 08 do sexo masculino, respectivamente 70,37% e 29,62% do recorte amostral. Tal proporção é consideravelmente maior que a encontrada na pesquisa coordenada por Abramovay e Castro (2003), em que em Belém havia 40,1% de discentes do sexo masculino para 59,9% do sexo feminino. Percebemos que o dado colhido apresenta a mesma predominância feminina no

ensino médio está de acordo com o que é encontrado em outras pesquisas (ABRAMOVAY; CASTRO, 2003, p. 54).

Quanto a idade, a maioria eram jovens, estando na série esperada conforme a idade, 11 haviam nascido em 2005, tendo 15 anos em 2020, quando responderam ao questionário, correspondendo a 40,74% da amostra selecionada para a pesquisa; 08 alunos, 29,62%, tinham 16 anos em 2020, sendo nascidos em 2004. A alta taxa de alunos na “idade certa” foi um dos fatores que motivou a escolha desse 1º ano A vespertino, estando muito acima dos dados coletados em Belém em 2003, em que os alunos entre 14 e 15 anos correspondiam a 7,4% e os jovens entre 16 e 17 somavam 25,9%. É preciso fazer a importante ressalva de que os dados referentes a Belém correspondem a todo o Ensino Médio e a amostra desta pesquisa inclui apenas alunos de uma turma específica do 1º ano vespertino. Os dados obtidos nos questionários podem ser vistos nos Quadros F1 e F2:

Quadro F 1 Estudantes conforme gênero ou sexo.	
Feminino	Masculino
19	08
Total de estudantes: 27	

Quadro F 2 Alunos conforme ano de nascimento e idade no ano da pesquisa.		
Ano de nascimento	Quantidade de alunos	Idade do aluno no ano de 2020
2005	11	15 anos
2004	08	16 anos
2003	06	17 anos
2001	01	19 anos
Não respondeu	01	

A maioria deles, 21 discentes, se identificavam como pardos, 03 se identificaram como brancos, 01 estudante se identificou como indígena e 02 preferiram não responder. Nenhum

deles se identificou como negro, o que causa estranhamento porque alguns alunos tinham muitos traços fenotípicos característicos da população negra. Por outro lado, se considerarmos uma tradição de “embranquecimento” da população no país e de desvalorização da cultura e das raízes negras, sendo muito recente o reconhecimento da importância de se estudar a história e cultura dos diferentes povos que formaram o Brasil, não é de se estranhar que jovens negros não queiram assumir uma identidade que nunca lhes foi apresentada com beleza e relevância. O fato é que os dados colhidos apresentam porcentagem muito superior, 77,77%, de alunos que se identificam como “pardos” do que fora colhido em pesquisa coordenada por Abramovay e Castro (2003), em que a autoidentificação como mestiço entre os alunos de escolas públicas em Belém foi de 38,6% (ABRAMOVAY; CASTRO, 2003, p. 62).

Quadro F 3 Autodeclaração de cor ou raça.	
Cor ou raça autodeclarada	Quantidade de alunos
Pardos	21
Branco	03
Indígenas	01
Preferiu não declarar	02

Quanto a religião há uma divisão quase igual, de 12 evangélicos e 11 católicos, 03 discentes preferiram não responder e 01 marcou a opção outro. Nos dados relativos à religião colhidos em Belém foram registrados 64,7% de alunos católicos e 24,5% de alunos evangélicos em escolas públicas (ABRAMOVAY; CASTRO, 2003, p. 85). Os dados colhidos na amostra da pesquisa desta dissertação, apontam uma tendência de igualdade entre a quantidade de fiéis das tradições cristãs católica e evangélicas.

Quadro F 4 Religião	
Religião declarada	Quantidade de alunos
Católico	11
Evangélico	12

Preferiu não declarar	03
Outro	01

Composição e localização do domicílio

A maioria dos jovens, como é de se esperar, compartilham o domicílio com os pais, 21 (aproximadamente 77,77% da amostra selecionada) assinalaram essa opção, tornando-a mais frequente que resposta análoga nas pesquisas realizadas em Belém com alunos de escola pública, em que 69,1% dos alunos de escolas públicas em Belém viviam com seus pais, porém menor que os 86,6% dos alunos de escola privada que viviam com um dos pais. Na turma pesquisada em 2020, 03 marcaram que viviam com parentes e familiares, totalizando em torno de 16% dos alunos, índice muito próximo ao medido na pesquisa realizada em Belém, em que 18,5% dos estudantes de escolas públicas viviam com irmãos ou outros parentes. Duas jovens alunas marcaram que viviam com outras pessoas com as quais não possuem laços de parentesco, o que deixou esse índice de 9,09%, pouco abaixo do dobro do que fora medido na pesquisa realizada, 2003, em Belém, com índice de 4.6% (ABRAMOVAY; CASTRO, 2003, p. 71). Observando com atenção os questionários de ambas, desconfio que eram jovens trabalhadoras domésticas que viviam e trabalhavam na casa de seus empregadores. O quadro com a quantidade de alunos e com quem coabitam pode ser observado no Quadro F 5:

Quadro F 5 Quadro sobre composição do domicílio	
Coabitantes do domicílio	Quantidade de alunos
Pais	21
Parentes e familiares	03
Outros	02
Prefiro Não Responder	01

Quanto a localização do domicílio, 13 alunos responderam morar na “região central”, no “centro” ou em “bairro do centro”, enquanto 03 alunos marcaram as opções “região rural”, 02 marcaram “bairro na periferia”, e 06 estudantes marcaram a opção “Outro”. Sobre a localidade do domicílio, 03 discentes não responderam. Analisando atentamente os dados é possível perceber alguma incompreensão de alguns alunos em adequar a localização do próprio

domicílio às categorias elencadas nos questionários. Foi possível perceber alunos que moram na região central da cidade marcar as opções “Bairro na Periferia” ou “Outro”, por exemplo. Ainda que com algumas imprecisões, os dados estão dispostos no quadro que se segue:

Quadro F 6 Quadro de localização do domicílio	
Localização do domicílio	Quantidade de alunos
Região Central, Centro, Bairro do Centro	13
Região Rural, Bairro na Periferia e Outro	11
Não responderam	03

Preferências escolares e extra-escolares

A questão sobre matéria preferida não possuía alternativas a serem marcadas, então, muitos alunos, 07 no total, responderam mais de uma matéria, como também houve aqueles, 04 entre os 27, que não responderam deixando o campo em branco. Não houve nenhuma manifestação explícita de descontentamento com a escola ou a educação escolar.

Quadro F 7 Quadro sobre disciplina escolar preferida. (continua)	
Disciplina escolar	Quantidade de menções
Português	09
História	09
Matemática	05
Arte	04
Geografia	03
Educação física	02
Ciências	01
Quadro F 7 Quadro sobre disciplina escolar preferida. (conclusão)	
Disciplina escolar	Quantidade de menções
Biologia	03
Não responderam	04

Quanto as atividades realizadas no período fora da escola havia opções que os estudantes podiam marcar, mas também havia espaço para eles escreverem. Nesse espaço alguns alunos aproveitaram para dar pistas sobre suas vidas fora do espaço escolar.

Quadro F 8 Quadro sobre Atividades extra-escolares dos estudantes.	
Atividade fora do ambiente escolar	Quantidade de menções
Trabalho doméstico (varrer, lavar, etc)	05
Curso preparatório	01
Prática esportiva	05
Música, teatro e artes em geral	01
Trabalho	08
Estudo de idiomas	01
Não responderam	07
Não faz nada ³⁶	01
Ler e ver séries	01
Atividades Religiosas	02

Características socioeconômicas, hábitos de leitura e acesso à informação e bens culturais

A escolaridade dos pais, sobretudo das mães, influencia no empenho dos jovens em sua vida escolar, por isso foi também um fator que influenciou na escolha. Em comparação com a pesquisa de Abramovay e Castro (2003), que mediu 4,3% das mães de alunos de escola pública em Belém com nível de ensino acima do superior e 43,5% do mesmo índice para alunos de escola particular (ABRAMOVAY; CASTRO, 2003, p. 80), percebemos que o índice de 14,81% de nível superior ou acima das mães dos alunos do 1º ano A em 2020 está aquém ao índice das escolas particulares em Belém, mas supera em muito esse índice referente as escolas públicas da capital paraense.

³⁶ Essa resposta foi dada por discente que participou da ONHB naquele ano. Nos anos seguintes começou a trabalhar no comércio, o que me sugere que o incômodo que levou à resposta “não faço nada” fosse a ausência de ocupação remunerada, ou talvez alguma outra insatisfação, quanto as oportunidades de estudo, trabalho e ou lazer em Boa Vista do Gurupi.

Esse índice de escolaridade das mães era esperado, contudo o dado intrigante no conjunto das respostas aos questionários foi a quantidade muito superior de estudantes que desconheciam a escolaridade do pai em relação aos que desconheciam a escolaridade da mãe. Os dados coletados por meio do questionário estão dispostos no Quadro F 9.

Quadro F 9 Quadro de escolaridade dos pais.			
Escolaridade da mãe	Quantidade de alunos	Escolaridade do pai	Quantidade de alunos
Não possui	02	Não possui	02
Ensino Fundamental I Completo	08	Ensino Fundamental I Completo	04
Ensino Médio Incompleto	03	Ensino Médio Incompleto	01
Ensino Médio Completo	04	Ensino Médio Completo	04
Ensino Superior, pós-graduação, etc.	04	Ensino Superior, pós-graduação, etc.	01
Não sabe	03	Não sabe	13
Não respondeu	02	Não respondeu	02

As questões relacionadas aos benefícios governamentais e aos eletrodomésticos e acesso à internet contribui para algumas inferências em relação ao nível socioeconômico dos alunos, além da exclusão digital da maioria deles. Mais de 60% dos jovens atendidos nessa sala são beneficiados do Bolsa-Família e a grande maioria não possui acesso à internet e uma quantidade ainda menor possuem computador e notebook. O índice de exclusão digital, aparentemente, é ainda maior que o medido em Belém por Abramovay e Castro (2003), onde 17% dos discentes de escola pública responderam ter computador (ABRAMOVAY; CASTRO, 2003, p. 102), superior, apesar dos quase 20 anos que separam a pesquisa realizada em Belém e a realizada

em Boa Vista do Gurupi, aos 14,81% (4 alunos) que tem a mesma ferramenta na amostra desta pesquisa.

Questionário F 10 Benefícios governamentais (continua)	
Benefício governamental	Quantidade de alunos
Bolsa Família	14
Outro ³⁷	02
Não recebe	03
Não respondeu	03

Quadro F 11 Conforto básico e acesso à informação.	
Eletrodomésticos	Quantidades de relatos
Televisão	21
Geladeira/Freezer	21
Computador/notebook	04
Acesso à internet	07

Quando questionados qual livro haviam gostado mais, pouco mais da metade, 16 alunos, indicaram algum título ou tipo de livros que gostaram de ler. Os alunos restantes da sala variaram as respostas entre “não lembra”, 02 estudantes; “não gosto de ler livros” e “nenhum” foram as respostas dadas por 01 estudante; 03 desses jovens responderam “nunca li um livro”; e os 04 estudantes restantes escolheram não responder à questão. Esses dados estão dispostos no quadro F12.

Quadro F 12 Respostas dos 11 alunos que não indicaram livro favorito.	
Respostas dos alunos	Quantidade de alunos
Não lembra.	02

³⁷ Os alunos que marcaram receber outro benefício, não especificaram qual era, e recebiam também o Bolsa Família.

Não gosto de ler livros.	01
Nenhum.	01
Nunca li um livro.	03
Não responderam.	04

Em relação à pergunta sobre terem ido ao cinema da cidade, a ampla maioria respondeu “não” e muitos complementaram que não há cinema na cidade, e apenas 03 alunos foram ao cinema quando viviam em outra cidade, e por isso responderam “sim”. A pergunta sobre o filme do qual mais gostaram contou com títulos variados, no entanto, 04 alunos escreveram o título do mesmo filme, “Até o último homem”. Questionando-os fui informado de que esse filme foi usado em uma atividade da Igreja, o que justifica a menção reiterada a ele. Outros 04 estudantes não responderam à questão.

Quanto à frequência a museus, como era de se esperar em nossa realidade, apenas 02 alunos responderam já ter ido a algum museu, 03 outros alunos não responderam à questão, os restantes, 22 alunos, responderam nunca ter ido a um museu. Entre os alunos da turma pesquisada apenas 01 assistiu a uma peça teatral, os restantes jamais assistiram uma peça teatral, 23 assinalaram essa resposta e 03 não responderam.

Quadro F 13 Acesso dos alunos a bens artísticos e culturais. (continua)			
	Alunos que responderam Sim	Alunos que responderam Não	Alunos que não responderam.
Foram ao cinema?	03	22	02
Já foram a Museu	02	25	00
Já viram peça de Teatro?	01	23	03

Quadro F 13 Acesso dos alunos a bens artísticos e culturais. (con)			
Alunos que responderam Sim	Alunos que responderam Sim	Alunos que responderam Sim	Alunos que responderam Sim

Já pegou livro empresado na Biblioteca da cidade?	03	18	06
---	----	----	----

Questionados em qual outra cidade gostaria de viver, 01 estudante disse que não gostaria de sair de Boa Vista do Gurupi, 05 não responderam e os 19 alunos restantes responderam lugares variados no Brasil. Algumas vezes respondiam o nome de um estado da federação no qual moraram, mas os lugares mais citados foram: Rio de Janeiro, com 06 menções, seguido de São Paulo com 03 e Belém, capital do Pará, citada por 02 discentes.

Quadro F 14 Cidade em que os alunos gostariam de morar.	
Cidade na qual gostariam de morar?	Respostas dos alunos
Rio de Janeiro	08
São Paulo	05
Belém	02
Outros	07
Não respondeu	05

O que é História para os alunos

A pergunta sobre o que é história para eles exigia uma resposta discursiva e, como era de se esperar, girou em torno da ciência que estuda o passado e outras parecidas como a escrita no questionário 21, “[...]matéria que ajuda a entender o passado, a narrativa dos historiadores.”, ou como no questionário 22, “Uma matéria que estuda os antepassados”. Essas respostas que associavam o estudo de história simplesmente ao estudo do passado corresponderam a 13 questionários. Contudo a aplicação ocorreu após alguns encontros com a turma, esperando contar com uma maior quantidade de alunos presentes. Durante esse período foram ministradas algumas aulas introdutórias ao estudo de história, podendo ser percebido no discurso escrito por alguns desses jovens a influência do conceito de história apresentado em sala, como no questionário 01 "Conjunto de estudos históricos e antigos registrado no presente para o futuro",

ou no questionário 08 “estudos relacionados a algo que já aconteceu no passado e que tem muito a ver com o nosso presente; principalmente com a sociedade em que vivemos hoje.” Ao todo as respostas que relacionaram as partes do tempo (passado, presente e ou futuro) foram 03, e 05 alunos não responderam.

Além disso, houve uma definição problemática de história, “É tudo aquilo que construímos em nossas vidas”, registrada no questionário 06. Concordo que a história e os historiadores parecem se interessar por tudo que a humanidade construiu (e destruiu também) ao longo do tempo, também estou de acordo que os conhecimentos históricos nos são úteis das mais diversas formas em nossas vidas e que tê-los é melhor. Porém tal definição falha justamente ao definir por ser excessivamente abrangente. O quadro sobre essas respostas, classificando-as em relação direta com o passado e relação com as partes do tempo, além daqueles que não responderam ficou como se vê no Quadro F 15:

Quadro F 15 O que é História?	
Respostas relacionando exclusivamente ao passado.	13
Respostas em que há relação entre as partes do tempo.	03
Não respondeu.	05

Justificativas dos alunos sobre a não participação na ONHB em 2020

Esta não foi a primeira tentativa de buscar com os alunos o motivo da não-participação na ONHB em 2020, ano em que começou a pandemia de covid-19. De modo geral as respostas foram evasivas. Nesta última tentativa em buscar respostas entre os estudantes, fui mais incisivo, expliquei que era apenas para finalizar um trabalho, que não há queixas ou mágoas e que eles inclusive não precisariam se identificar, se quisessem manter a própria identidade oculta.

Apesar das garantias, apenas 04 discentes do sexo feminino responderam a pergunta “Por que não quis participar da ONHB em 2020?”. As quatro estudantes responderam em uma folha de caderno cada uma, na qual se identificaram com nome completo e atual turma.

A partir da leitura do que informaram as alunas, percebe-se que a desistência dos colegas de equipe acabou influenciando outros alunos a não continuar nas atividades. Uma aluna alegou

não ter tido interesse. Além disso, foi alegada a dificuldade de comunicação entre os integrantes da equipe e a impossibilidade de se reunirem durante a fase inicial da pandemia, em que as pessoas estavam fazendo isolamento social.

As respostas estão transcritas logo a seguir, sendo preservado a identidade das estudantes, que são identificadas pelo número do questionário que responderam.

Informante 03 1A, mulher, 17 anos.

O motivo pelo qual não ter participado da ONHB em 2020, pelo motivo de não tive interesse em participar naquele ano.

Informante 16 1A, mulher, 17 anos.

Não participei das olimpíadas de história porque os alunos da minha equipe desistiram.

Informante 17 1A, mulher.

Eu não fiz porque eu não tinha meus documentos em mão, eu achava que precisava para fazer a inscrição.

Informante 27 1A, mulher, 17 anos.

No ano de 2020 ocorreu a ONHB, na qual eu participei apenas até metade do ano, por motivo dos demais participantes terem desistido, pois foi criado um grupo de 3 pessoas para fazer a resolução das questões propostas, mas tiveram dificuldade por causa da falta de acesso a internet decorridamente (sic), e também não podíamos nos reunir por causa da pandemia de covid-19, pois estávamos todos em quarentena então isso dificultava nossa resolução das questões, e acabamos desistindo e não participamos das demais questões da ONHB no ano de 2020.